

# DEBATES CONTEMPORÂNEOS EM PSICOLOGIA

ANTONIEL DOS SANTOS GOMES FILHO  
ISABELA BEZERRA RIBEIRO  
TADEU LUCAS DE LAVOR FILHO  
MARIA ENIANA ARAÚJO GOMES PAGHECO  
ORGS.



Quipá  
Editora

**DEBATES CONTEMPORÂNEOS  
EM PSICOLOGIA**



ANTONIEL DOS SANTOS GOMES FILHO  
ISABELA BEZERRA RIBEIRO  
TADEU LUCAS DE LAVOR FILHO  
MARIA ENIANA ARAÚJO GOMES PACHECO  
(ORGANIZADORES)

**DEBATES CONTEMPORÂNEOS  
EM PSICOLOGIA**

1ª Edição

QUIPÁ EDITORA

2021

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

**Revisão e normatização:** Antoniel dos Santos Gomes Filho.

**Nota dos Organizadores:** Os trabalhos que integram o e-book: Debates Contemporâneos em Psicologia, foram submetidos à análise da comissão Avaliadora do II Encontro Internacional de Psicologia da UniVS que foi composta por diferentes especialistas. O processo de seleção destes trabalhos seguiu critérios preestabelecidos pela Comissão Científica. Contudo, todas as afirmativas, opiniões, conceitos, resultados, imagens, considerações finais e afins, aqui documentadas, são de inteira responsabilidade de seus autores/autoras.

**Conselho Editorial:** Me. Adriano Monteiro de Oliveira, Quipá Editora, Editor-chefe / Dra. Aida Figueiredo, Universidade de Aveiro (Portugal) / Me. Ana Nery de Castro Feitosa, HUWC/Universidade Federal do Ceará / Dra. Francione Charapa Alves, Universidade Federal do Cariri / Dra. Maria Eneida Feitosa, Universidade Federal do Cariri / Dra. Mônica Maria Siqueira Damasceno, Instituto Federal do Ceará, campus Juazeiro do Norte

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

Debates contemporâneos em psicologia / Organizado por Antoniel dos Santos Gomes  
D286 Filho ... [et al.]. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021.

163 p. : il.

ISBN 978-65-89973-14-0

DOI 10.36599/qped-ed1.081

1. Psicologia. 2. Pandemia – Covid-19. I. Gomes Filho, Antoniel dos Santos. II. Título.

CDD 150

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Esta obra foi publicada pela Quipá Editora em setembro de 2021.

[www.quipaeditora.com.br](http://www.quipaeditora.com.br) / @quipaeditora

## APRESENTAÇÃO

A atividade profissional da psicóloga exige reflexões constantes sobre deveres e compromissos com os sujeitos. A carta de Direitos Humanos foi guia na construção do nosso código de ética profissional, o qual sempre preconizou uma práxis comprometida com os direitos da população e na luta contra discriminações e preconceitos. As condições adversas geradas pela pandemia de Covid-19 trouxeram uma nova forma de atuação que também precisa refletir a prática segura e sigilosa da nossa profissão. Então, é proposto abrir uma discussão sobre esse tema relevante e desafiador para avaliar as práticas que apareceram durante esse período de isolamento social.

A construção de um espaço de debate dialético entre profissionais faz parte do cotidiano da psicologia. É importante compreender como a linguagem através da propagação de temas, e o conhecimento aprendido com estes faz a população formular hipóteses sobre novos fatos, polêmicos e desconhecidos. Para tanto, estuda-se os fenômenos sociais a partir de uma relação em comunidade e através dessa linguagem social.

A pandemia originada pelo Covid-19 se apresenta como um fato novo, polêmico e possível de construção de conhecimento por diversos setores, científicos ou não, inclusive começa a fazer parte do imaginário social, assim o que se constrói de conhecimento sobre ela absorve também as vivências, experiências e os costumes e valores da sociedade. Por isso, faz-se tão importante que esse debate seja apresentado também pelo viés da Psicologia, dos problemas na saúde mental que o isolamento causa, dos efeitos do isolamento sobre a violência de gênero, como também, sobre propostas culturais que reduzam o estresse nesse período.

É um debate ético da Psicologia se envolver com as problemáticas causadas aos sujeitos nesse período.

*Tadeu Lucas de Lavor Filho  
Antoniél dos Santos Gomes Filho  
Izabela Bezerra Ribeiro  
Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco  
(Organizadores)*

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

*Tadeu Lucas de Lavor Filho*  
*Antoniél dos Santos Gomes Filho*  
*Izabela Bezerra Ribeiro*  
*Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco*

### CAPÍTULO I

09

A SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE DA LINHA DE FRENTE NO CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19

*Marina Bezerra Silva*  
*José Alex Alves Ferreira*  
*Rayssa Nascimento Rolim Silva*  
*Lielton Maia Silva*

### CAPÍTULO II

19

(DES)CONTINUIDADES DO FAZER PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

*Mayara Ruth Nishiyama Soares*  
*Luciana Lobo Miranda*  
*Antônio Marlon Coutinho Barros*  
*Shirley Dias Gonçalves*  
*Emanuele Eulália da Silva Barros*  
*Lara Thayse de Lima Gonçalves*  
*Luciana Queiroz Fontenele*  
*Luisa Maria Freire Miranda*  
*Tadeu Lucas de Lavor Filho*  
*Gabrielle Lima Feitosa*

### CAPÍTULO III

31

ATRAVESSAMENTOS DO PERÍODO PRÉ-VESTIBULAR NO COTIDIANO DE JOVENS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA: INTER(IN)VENÇÕES POSSÍVEIS DURANTE A PANDEMIA

*Luciana Lobo Miranda*  
*Emanuele Eulália da Silva Barros*  
*Igor de Lima Teixeira*  
*Lara Thayse de Lima Gonçalves*  
*Paulo Francis Jorge da Silva*  
*Tadeu Lucas de Lavor Filho*  
*Mayara Ruth Nishiyama Soares*  
*Antônio Marlon Coutinho Barros*

## **CAPÍTULO IV**

41

O FAZER PSI NA ASSISTÊNCIA AO CORPO-MULHER COM DIAGNÓSTICO DE CÂNCER DE MAMA: PRÁTICAS POTENCIALIZADORAS DE NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÕES

*Mayara Ruh Nishiyama Soares*  
*Fernanda Veras Vieira Feitosa*  
*Thaís de Carvalho Costa*  
*Ricardo Angelo de Andrade Souza*  
*Raimunda Magalhães da Silva*

## **CAPÍTULO V**

52

A MULHER NO MANICÔMIO: UMA ANÁLISE FÍLMICA SOBRE AS PACIENTES DO HOSPITAL COLÔNIA

*Bruna Souza de Oliveira*  
*Yasmin Alves Freitas*  
*Sara Guerra Carvalho de Almeida*  
*Diva Rodrigues Daltro Barreto*

## **CAPÍTULO VI**

61

ESPAÇOS (DE)FORMATIVOS EM PSICOLOGIA - ESTUDOS SOBRE GÊNERO, CORPO, SEXUALIDADE E CLÍNICA LGBTTQIA+

*Rodrigo Lima Bandeira*  
*Caio Lucas do Carmo Prado*  
*Camila Ribeiro de Oliveira*  
*Mayara Ruth Nishiyama Soares*  
*Raimundo Cirilo de Sousa Neto*  
*Liana Rosa Elias*

## **CAPÍTULO VII**

71

ARTES INSURGENTES: COLETIVIZANDO RESISTÊNCIAS NO FESTIVAL DAS JUVENTUDES DO GRANDE BOM JARDIM

*Luciana Lobo Miranda*  
*João Paulo Pereira Barros*  
*Gabriella Celestino Lemos Furtado Gondim*  
*Milena Araújo Bezerra*  
*Carla Jéssica de Araújo Gomes*  
*Laisa Forte Cavalcante*  
*Larissa Ferreira Nunes*  
*Lara Thayse de Lima Gonçalves*  
*Mayara Ruth Nishiyama Soares*  
*Ingrid Rabelo de Freitas*  
*Tadeu Lucas de Lavor Filho*

<b>CAPÍTULO VIII</b>	83
BULLYING, DEPRESSÃO E SUICÍDIO: UMA ANÁLISE DO FILME KOE NO KATACHI (A VOZ DO SILÊNCIO)	
<i>Tuany Cristina Araújo Correia</i> <i>Meury Gardênia Lima de Araújo</i>	
<b>CAPÍTULO IX</b>	93
REESTRUTURAÇÃO COGNITIVA E O MANEJO DE UM CASO DE ANSIEDADE	
<i>José Alex Alves Ferreira</i> <i>Marina Bezerra Silva</i> <i>Rayssa Nascimento Rolim Silva -</i> <i>Lielton Maia Silva</i>	
<b>CAPÍTULO X</b>	102
A DEPRESSÃO VISUALIZADA PELA GESTALT-TERAPIA: A ARTE COMO AJUSTAMENTO CRIADOR NA EXPERIÊNCIA DEPRESSIVA	
<i>Fernando Fiuza Leite da Silva</i> <i>Mateus Paulino Ferreira da Silva</i> <i>Erick Linhares de Holanda</i>	
<b>CAPÍTULO XI</b>	112
SÍNDROME DE BURNOUT E SUAS IMPLICAÇÕES EM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO	
<i>Carla Fernandes dos Santos</i> <i>Diala Keturi Lima Queiroz</i> <i>Ariel Barbosa Gonçalves</i>	
<b>CAPÍTULO XII</b>	123
CONTRIBUIÇÕES DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PARA A PSICOLOGIA DO TRÂNSITO	
<i>Diala Keturi Lima Queiroz</i> <i>Carla Fernandes dos Santos</i> <i>Maria Charlene Rodrigues Bezerra</i> <i>Antoniél dos Santos Gomes Filho</i>	
<b>CAPÍTULO XIII</b>	129
AGRICULTURA FAMILIAR E URBANA COMO ALTERNATIVA PARA O FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS E SEGURANÇA ALIMENTAR DE COMUNIDADES	
<i>Mateus da Silva Araújo</i> <i>Isabela Bezerra Ribeiro</i>	

**CAPÍTULO XIV** 140

**SOFRIMENTO PSÍQUICO E SUICÍDIO ENTRE IDOSOS**

*Faeilla Maria Ferreira Lima*  
*Ana Beatriz Garcia De Souza*  
*Isadora Sousa Dias Pinheiro*  
*Clemilssa Firmiano Ciriaco*  
*Wesley Ferreira De Lima*  
*Lielton Maia Silva*

**CAPÍTULO XV** 150

**REFLEXÕES DE UMA MESA-DEBATE SOBRE A VIOLÊNCIA SOCIAL DE CORPOS  
DISSIDENTES: AUTORITARISMO E PROBLEMAS DE GÊNERO**

*Tadeu Lucas de Lavor Filho*  
*Rochelly Rodrigues Holanda*  
*Larissa Ferreira Nunes*  
*Antoniél dos Santos Gomes Filho*

**SOBRE OS ORGANIZADORES** 161

**ÍNDICE REMISSIVO** 163

## **CAPÍTULO I**

### **A SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE DA LINHA DE FRENTE NO CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19**

**Marina Bezerra Silva**

*Centro Universitário Vale do Salgado  
E-mail: marinapoetasino@gmail.com*

**José Alex Alves Ferreira**

*Centro Universitário Vale do Salgado  
E-mail: ax8alves@outlook.com*

**Rayssa Nascimento Rolim Silva**

*Centro Universitário Vale do Salgado  
E-mail: rayssanrolim@gmail.com*

**Lielton Maia Silva**

*Centro Universitário Vale do Salgado  
E-mail: lieltonmaia@univs.edu.br*

## **INTRODUÇÃO**

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foram identificados os primeiros casos da covid-19 (SARS-CoV-2). Dessa forma, devido o fato de ser um vírus desconhecido, foi necessário que as autoridades de saúde monitorassem e identificassem informações acerca do vírus, e assim fossem elaboradas medidas de prevenção contra a propagação do vírus da covid-19. Assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declara no dia 30 de janeiro de 2020 emergência internacional de saúde pública, em virtude da ocorrência de novas notificações de casos em outros países, caracterizando-se como o alerta de mais alto nível da Organização, conforme o previsto no Regulamento Sanitário Internacional (BRASIL, 2020).

Em 26 de fevereiro de 2020 foi testado o primeiro caso positivo no Brasil, em São Paulo. No dia 11 de março de 2020 a OMS declarou pandemia da covid-19 devido o fato da rápida propagação do vírus da covid-19, resultando no aumento súbito do número de casos em diversos países, demandando das autoridades de saúde o planejamento de estratégias de prevenção e intensificação da vigilância (AGENCIABRASIL, 2020).

Assim, devido ao fato do vírus ter um alto nível de propagação e que com isso tem acometido um número elevado de vítimas, as autoridades têm considerado a implementação de várias estratégias visando mitigar a propagação do vírus. Tais estratégias englobam desde visões micro até visões macro, que envolvem questões de higienização da mãos, uso de máscara facial, assim como, medidas de distanciamento social com fechamento de igrejas, escolas, comércios não essenciais de uma forma geral (ORNELL et al., 2020).

Diante disso, o atual contexto pandêmico configura-se em um período de grandes desafios para a população, sendo altamente estressante devido os impactos bio-psico-socio-espiritual, assim como devido as mudanças repentinas nas rotinas das pessoas. Além do fato que as repercussões da dimensão global desse contexto, no que se refere às inseguranças e incertezas provocada por tal contexto, repercutem, a curto e a longo prazo, diretamente na saúde mental da população, e principalmente dos profissionais de saúde que estão na linha de frente (AFIFI; FELIX; AFIFI, 2020 apud GUINANCIO et al., 2020).

Assim, diante de tal contexto, os profissionais de saúde, principalmente os que estão na linha de frente estão tendo que lidar com decisões bastante complexas, que tem gerado dúvidas, questionamentos e conflitos, diante da tomada de decisões como a destinação dos recursos limitados, uma vez que não há equipamentos de proteção individual suficiente para os profissionais e muito menos equipamentos, como respiradores ou cama para terapia intensiva, para todos os pacientes que venham a necessitar, demandando assim, que estes profissionais escolham quem receberá (KHOO; LANTOS, 2020).

Além do fato que os profissionais de saúde que estão na linha de frente têm sido constantemente convocados a ficarem em quarentena, sendo impactados negativamente por comportamentos estigmatizadores da população (BROOKS et al., 2020).

Dessa forma, modificações significativas e inesperadas se instalaram no cotidiano da população e dos profissionais de saúde, em vários âmbitos da sociedade. Sendo vários os motivos que têm nos impactado, devido às diversas razões que têm causado sofrimento, como: ausência da rotina, medo constante de se contaminar e contaminar os familiares, incerteza quanto ao futuro, incontáveis perdas e dentre outros, sentimentos esses que são sentidos mais intensamente entre os profissionais de saúde (WHITAKER, 2020).

Ademais, no que se referem a contextos pandêmicos, nos deparamos confusos diante dos diferentes discursos e excesso de informações, que reforçam ainda mais os sentimentos de incertezas e inseguranças, tanto no âmbito individual quanto no grupal, no que se refere a questões presentes e principalmente, questões futuras (AMORIM, 2020).

Por esse motivo, a justificativa por tal temática, se deu a partir da observação de que a pandemia da covid-19 tem causado inúmeras repercussões no campo da saúde mental e devido a

grande relevância de estudos acerca de tal temática. Assim, o presente estudo teve como questão norteadora: Qual o impacto do atual contexto pandêmico na saúde mental dos profissionais de saúde que estão na linha de frente? E teve como objetivo compreender o impacto do atual contexto pandêmico na saúde mental de profissionais de saúde que estão na linha de frente.

Dessa forma, a relevância deste estudo, consiste em ampliar as discussões acerca de tal temática, assim como, incentivar a realização de novas pesquisas e investimento no cuidado da saúde mental dos profissionais que estão na linha de frente, como também evidenciar o quanto que é crucial o investimento na rede de saúde mental de forma geral, principalmente no que se refere à oferta nos serviços públicos de saúde, pois a saúde mental ainda é muito negligenciada.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

### **PANDEMIA DA COVID-19**

Desde março de 2020 estamos vivenciando uma pandemia a nível mundial. A pandemia da covid-19 trata-se de uma doença que apresenta rápida propagação, podendo os infectados serem sintomáticos ou assintomáticos, os infectados podem apresentar sintomas diversos, desde os mais comuns como, tosse, febre e cansaço até outros menos comuns como, diarreia e olhos inchados. A manifestação desses sintomas pode ser leve, moderado ou grave, no caso desse último, necessitando de internação hospitalar (VIVA BEM, 2020).

À vista disso, devido ao fato de ser uma doença que até então não se conhecia e que, além disso, apresenta uma taxa de disseminação muito elevada, exigiu e tem exigido o planejamento e implementação de medidas visando diminuir a proliferação do vírus. Diante disso, as autoridades governamentais e de saúde investiram em medidas não farmacológicas, pois de início não se tinha medidas farmacológicas específicas para tal doença, além do fato de que algumas pessoas podem ser assintomáticas, dificultando a detecção de casos (AQUINO *et al.*, 2020).

Assim, em decorrência de tal momento, as medidas de distanciamento social têm sido as principais estratégias utilizadas visando à redução da propagação do vírus da covid-19 (FARIAS, 2020). Dentre as principais medidas de distanciamento social estipuladas neste momento, está o fechamento de comércios não essenciais, a suspensão de aulas presenciais e eventos, como formas de evitar aglomerações e com isso mitigar a disseminação do vírus (WILDER-SMITH; FREEDMAN, 2020).

Dessa forma, a pandemia da covid-19 tem provocado mudanças consideráveis na vida da população, ocasionando repercussões em todos os âmbitos, e por ser transmitida fácil e rapidamente, inúmeras pessoas têm sido infectadas. Assim, somente no Brasil, já foram registrado

mais de 15.209.990 casos confirmados e 423.229 óbitos por covid-19, até o momento desta pesquisa (CORONAVÍRUS-BRASIL, 2020).

Segundo Humerez, Ohl e Silva (2020), contextos pandêmicos, como o atual contexto, costumam gerar na população pânico generalizado, sobretudo, quando se tem poucas informações fidedignas acerca da doença.

De acordo com Tavares (2020), aproximadamente 3,5 milhões de profissionais da área da saúde estão tendo que lidar com diversos problemas na pandemia, como sobrecarga de trabalho e falta de equipamentos de proteção individual, além de sentimentos de incertezas e preocupação, que afetam diretamente a saúde física e mental desses profissionais.

Dessa forma, os profissionais de saúde que estão na linha de frente contra a covid-19, estão entre os grupos de risco, pois estão constantemente expostos ao vírus por meio das pessoas infectadas. Além de estarem, na maioria das vezes, submetidos a situações de trabalhos inadequadas e expostos constantemente a eventos negativos e estressantes (TEXEIRA et al., 2020).

## **SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

Em tempos normais, no exercício de sua profissão os profissionais de saúde já lidam com situações de mortes e tomadas de decisões difíceis, tais situações têm se intensificado ainda mais neste contexto pandêmico, onde além disso, os profissionais têm lidado constantemente com situações de pressão e estresse, afetando diretamente a saúde mental desses profissionais (PRADO et al., 2020).

Além do cansaço físico e mental, o medo constante de se contaminar e contaminar os familiares, dificuldade na tomada de decisões, dor de perder pacientes e pessoas próximas são aspectos que afetam diretamente a saúde mental dos profissionais que estão na linha de frente (GUIMARÃES; BRASIL, 2019).

Segundo Prado et al. (2020), devido o fato de os profissionais de saúde estarem constantemente em contato direto com as pessoas infectadas, desde atendimento geral, até mais específico, como o diagnóstico e tratamentos dessas pessoas, tem sido um dos fatores que explica as elevadas taxas de sofrimento mental como ansiedade, medo, depressão, sono afetado e outros sentimentos quanto a constante ameaça de exposição ao vírus.

Corroborando com essa ideia, Lai et al. (2020), traz que o crescente número de pessoas contaminadas, equipamentos de proteção individual insuficiente para a demanda, sobrecarga de trabalho, pressão pela mídia, sensação de desamparo podem colaborar com o esgotamento mental dos profissionais de saúde que estão na linha de frente.

Portanto, diante de todos esses fatores é esperado que esse profissionais encontrem-se mais suscetíveis a questões emocionais, principalmente quando estes profissionais encontram-se

diagnosticado com covid-19, podendo sentir-se isolados, desamparados e sem esperança (XIANG et al., 2020).

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho exploratório, por meio da revisão bibliográfica de tipo narrativa.

Assim, como forma de melhor atingir o objetivo da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, que segundo Flick (2008), ela considera o diálogo com a subjetividade do pesquisador como um componente que faz parte do desenvolvimento e que foca no entendimento do objeto de estudo de forma mais aprofundada.

Segundo Gil (2002), as pesquisas exploratórias permitem maior contato com o problema de pesquisa, e com isso favorece o levantamento de hipóteses ou maior compreensão sobre a temática.

De acordo com Gil (2009), a revisão bibliográfica possibilita aprofundar e ampliar a compreensão sobre uma determinada temática baseada na análise de materiais já produzidos, como artigos científicos e livros. De tipo narrativa por que segundo Bernado, Nobre, Janete (2004), expressa um assunto de maneira mais livre, por meio da análise bibliográfica, da compreensão e ponto de vista do autor.

A busca do material foi realizada por meio do banco de dados e sites de organizações de saúde e pesquisa: Scielo (Scientific Eletronic Library Online), Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), Coronavírus-Brasil, Portal de Periódicos CAPES. Utilizou-se os seguintes descritores: Saúde mental, profissionais de saúde, covid-19. Teve como critério de inclusão ser publicado entre 2019 e 2021 e que respondesse a questão norteadora. Foi critério de exclusão, artigos de relato de caso e que antecederesse os anos estipulados como inclusão.

Para análise dos dados a princípio foi realizada uma leitura mais exploratória e seletiva dos materiais, para verificar o quanto os materiais poderiam contribuir na pesquisa. Em seguida foi realizada uma leitura analítica, onde foi possível organizar as informações com base na questão norteadora do estudo, e através da leitura interpretativa foi elaborada a compreensão das informações pertinentes para a pesquisa.

## **RESULTADOS DISCUSSÕES**

Os estudos têm mostrado a prevalência de sentimentos como angústia, depressão, medo, esgotamento, frustração e perda da qualidade de sono em profissionais da saúde que estão na linha de frente contra a pandemia da covid-19.

Assim, os estudos de Lancet (2020) e Wind et al. (2020), trazem que os profissionais da linha de frente, têm vivenciado inúmeros sentimentos e obstáculos que interferem diretamente nos manejos de enfrentamento, como: esgotamento, frustração pelo elevado número de óbitos, ansiedade, recursos insuficientes e constante ameaça devido a exposição ao vírus. Configurando-se como gatilhos desencadeadores e reforçadores no surgimento de sintomas psicológicos.

Na análise realizada por Prado et al. (2020), neste contexto pandêmico da covid-19, que tem expressado alta disseminação do vírus e que tem resultado em elevado número de óbitos, os profissionais de saúde que estão na linha de frente, apresentaram sofrimento mental em níveis elevados, expressado por medo, sono prejudicado, ansiedade, angústia, depressão e outros sentimentos associados a contínua exposição ao vírus.

Assim, segundo Ayanian (2020), são alguns os fatores que têm contribuído para o sofrimento psicológico dos profissionais que estão prestando atendimento diretamente a pessoas com covid-19, são eles: esgotamento físico e emocional devido à demanda sucessiva de cuidados a pessoas de faixa etária diferentes com patologias agudas que podem se complicar rapidamente; prestar cuidados aos colegas de trabalho que foram contaminados pela covid-19, podendo virem a ficar gravemente doente e até chegar a óbito; equipamentos de proteção individual insuficiente reforçando os medos quanto a exposição ao vírus, levando a doenças graves; receio de contaminar familiares, principalmente os mais idosos, com doenças crônicas ou imunocomprometidos; ventiladores e equipamentos médicos fundamentais insuficientes para o cuidado de pessoas em estado grave; ansiedade por assumir atividades clínicas novas e desconhecidas e cargas de trabalho extensa no cuidado de pessoas com covid-19; acesso restrito aos serviços de saúde mental para gerenciar a ansiedade, depressão e o sofrimento psicológico.

O estudo transversal realizado por Lai et al. (2020), que teve como participantes 1.257 profissionais de saúde em 34 hospitais equipados para pacientes com covid-19 de diferentes regiões da China, mostrou que uma parcela significativa desses profissionais relataram sintomas de insônia (34%), depressão (50,4%), angústia (71,5%) e ansiedade (44,6%), principalmente as mulheres, enfermeiras, e profissionais diretamente implicados no diagnóstico, no tratamento ou no fornecimento de cuidados a pessoas suspeitas e confirmadas de estar com covid-19.

Dessa forma, o que nota-se no trabalho supracitado, é que esses profissionais, e principalmente aqueles que estão em contato direto com pessoas contaminadas, mulheres e enfermeiras mostram-se mais susceptíveis a desenvolver repercussões negativas na saúde mental, com grande potencial de necessitar de suporte psicológico e intervenções, sendo de fundamental importância que se proceda, o quanto antes, em investimentos no cuidado da saúde mental desses profissionais.

No estudo realizado por Zhang et al. (2020), no qual participaram 1.563 funcionários de hospitais da China, inclusive médicos que estavam na linha de frente, a equipe médica apresentou prevalência de sintomas ansiosos (44,7%), depressivos (50,7%), associados ao estresse (73,4%) e insônia (36,1%). As causas de insônia incluem: sentimento de ausência de apoio psicológico, intensa incertezas acerca do controle efetivo da pandemia da covid-19 e medo de ser contaminado.

Assim, de acordo com Kang et al. (2020), o atual contexto pandêmico tem acarretado em problemas na saúde mental desses profissionais, como: negação, raiva, estresse, insônia, ansiedade, sintomas depressivos e medo. Tais repercussões na saúde mental não afeta somente uma capacidade isolada desses profissionais, mas sim, seu bem-estar de uma forma geral, além de ter efeito prolongado.

Portanto, a pandemia tem afetado a saúde física e mental das pessoas, requerendo maior atenção para os profissionais de saúde, visto que esses estão direta e constantemente vivenciando situações que os deixam mais vulneráveis a ter a saúde mental afetada. Onde com frequência tem notado-se o crescimento nos sintomas de depressão, ansiedade, aumento no uso de drogas lícitas e ilícitas, sintomas psicossomáticos, perda na qualidade de sono e medo de se contaminar e contaminar seus familiares entre esses profissionais (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020).

Dessa forma, os estudos supracitados mostram que a pandemia da covid-19 tem repercutido diretamente na saúde mental dos profissionais de saúde que estão na linha de frente, de forma que sintomas de ansiedade, depressão, insônia, esgotamento e medos têm sido muito recorrentes nesses profissionais.

Fazendo-se necessário refletir acerca do negligenciamento ao cuidado da saúde mental desses profissionais, pois de acordo com os dados das pesquisas mencionadas anteriormente, estima-se que quanto mais tempo durar esta pandemia, mais estes profissionais apresentarão impactos psicológicos, podendo repercutir a curto e a longo prazo.

## **CONCLUSÕES**

São muitos os impactos do atual contexto pandêmico na saúde mental da população, especialmente na saúde mental dos profissionais de saúde que estão na linha de frente lidando a todo momento com eventos estressantes. Diante disso, requer-se de imediato o investimento em intervenções de cuidado a saúde mental desses profissionais. Considerando que cuidar da saúde mental desses profissionais é uma das estratégias para se controlar e combater a pandemia e zelar a saúde, a curto e longo prazo, dos que estão na linha de frente.

Em suma, a realização de intervenções psicológicas vai auxiliar na promoção de bem-estar durante e pós-pandemia, prevenir impactos psicológicos negativos decorrentes dos eventos

negativos e estressantes, auxiliar no processo de readaptação, manejo das emoções, suporte e orientação. Assim, é crucial que o cuidado a saúde mental esteja inserido como cuidados essenciais.

## REFERÊNCIAS

AGENCIABRASIL. **Organização Mundial de Saúde declara pandemia de coronavírus.** Brasília, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 6 de maio de 2021.

AMORIM, A.C. A pandemia, territórios vulnerabilizados, pessoas em sofrimento psíquico e o “novo normal”. In: GULJOR, A.P. (Org.). **O enfrentamento do sofrimento psíquico na Pandemia: diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em território vulnerabilizados.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020, p.15-18.

AQUINO, E.M.L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2423-2446, 2020.

AYANIAN, J.Z. Mental health needs of health care workers providing frontline COVID-19 care. In: **JAMA Health Forum.** American Medical Association, 2020. p. 1-2. Disponível em: [https://jamanetwork.com/journals/jama-health-forum/fullarticle/2764228?utm\\_content=weekly\\_highlights](https://jamanetwork.com/journals/jama-health-forum/fullarticle/2764228?utm_content=weekly_highlights). Acesso em: 10 de maio de 2021.

BERNARDO, W.M.; NOBRE, M.R. C; JANETE, F.B. A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 1-9, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus.** Brasília, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/resposta-brasileira-a-emergencia>. Acesso em: 6 de maio de 2021.

BROOKS, Samantha K. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912-920, 2020.

CORONAVÍRUS-BRASIL. **COVID-19 Painel** Coronavírus. DF- Brasília, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa-3.** Artmed editora, 2008.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid. Recomendações para gestores.** Rio de Janeiro, Brasília: Fiocruz, MS; 2020. Disponível em: <http://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, A.V.; BRASIL, A.M. **O adoecimento psíquico e a atividade laboral do profissional de saúde.** 2019.

GUINANCIO, J.C. et al. COVID-19: Desafios do cotidiano e estratégias de enfrentamento frente ao isolamento social. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e259985474-e259985474, 2020.

HUMEREZ, D.C.; OHL, R.I.B.; SILVA, M.C.N. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do brasil no contexto da pandemia covid-19: ação do conselho federal de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 25, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/74115/40808>. Acesso em: 8 de maio de 2021.

KHOO, Erwin J.; LANTOS, John D. Lessons learned from the COVID-19 pandemic. **Acta Paediatrica**, v. 109, n. 7, p. 1323-1325, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/apa.15307>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

LAI, J. et al. Factors associated with mental health outcomes among health care workers exposed to coronavirus disease 2019. **JAMA network open**, v. 3, n. 3, p. 1-12, 2020.

LANCET, T. COVID-19: protecting health-care workers. **Lancet (London, England)**, v. 395, n. 10228, p. 922, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7138074/>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

ORNELL, F. et al. Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista debates in psychiatry**, 2020.

PRADO, A. D. et al. A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 46, p. 1-9.

TAVARES, V. **A saúde dos que estão na linha de frente**. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ EPSJV/Fiocruz. [Internet]. 2020 [acesso em 17 abr 2020]. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/a-saude-dos-que-estao-na-linha-de-frente>.

TEIXEIRA, C.F.S. et al. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3465-3474, 2020.

VIVA BEM. Universo On-line (UOL). **Quais são os sintomas do coronavírus?** [Internet]. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/12/quais-sao-os-sintomas-do-coronavirus.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

WHITAKER, R. O impacto psicológico da pandemia: contra a patologização de nosso sofrimento. In GULJOR, A.P. (Org.). **O enfrentamento do sofrimento psíquico na Pandemia: diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em território vulnerabilizados**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020, p.28-31.

WILDER-SMITH, A; FREEDMAN, D.O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. **Journal of travel medicine**, v. 27, n. 2, p.1-4, 2020. Disponível em: <https://academic.oup.com/jtm/article/27/2/taaa020/5735321>. Acesso em: 23 de outubro de 2020.

WIND, T.R. et al. The COVID-19 pandemic: The 'black swan' for mental health care and a turning point for e-health. **Internet interventions**, v. 20, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7104190/>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

XIANG, Y. et al. Tribute to health workers in China: A group of respectable population during the outbreak of the COVID-19. **International journal of biological sciences**, v. 16, n. 10, p. 1739, 2020. <https://doi.org/10.7150/ijbs.45135>.

ZHANG, Chenxi et al. Survey of insomnia and related social psychological factors among medical staff involved in the 2019 novel coronavirus disease outbreak. **Frontiers in psychiatry**, v. 11, p. 306, 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2020.00306/full>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

## **CAPÍTULO II**

### **(DES)CONTINUIDADES DO FAZER PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19<sup>1</sup>**

**Mayara Ruth Nishiyama Soares**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: mayararnishiyama@gmail.com*

**Luciana Lobo Miranda**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: lobo.lu@uol.com.br*

**Antônio Marlon Coutinho Barros**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: marloncoutinho@gmail.com*

**Shirley Dias Gonçalves**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: shirleydiasgoncalves@gmail.com*

**Emanuele Eulália da Silva Barros**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: emanuele.eulalia@gmail.com*

**Lara Thayse de Lima Gonçalves**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: larathayse@alu.ufc.br*

**Luciana Queiroz Fontenele**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: lucianaqf@yahoo.com.br*

---

<sup>1</sup> Este texto é a junção e ampliação de dois resumos publicados nos Anais do VIII Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira – Tema – O Protagonismo e as Lutas das Juventudes: diversidades, direitos e democracia, Belém, PA, 01 a 04 de dezembro de 2020. Os textos “(Des)continuidades na pesquisa de iniciação científica - ensino médio em tempos de pandemia de covid-19”, p. 605-612, e “Construindo uma pesquisa-intervenção com secundaristas de uma escola pública: juventude, cidadania e educação”, p.697-698, foram ampliados para esta versão de capítulo de livro. Os textos estão disponíveis em: <https://viiijubra.vpeventos.com/#/paginas/anais>.

**Luisa Maria Freire Miranda**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: luisafreire@gmail.com*

**Tadeu Lucas de Lavor Filho**

*Universidade Federal do Ceará / Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: tadeulucaslf@gmail.com*

**Gabrielle Lima Feitosa**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: gabriellelimafeitosa@gmail.com*

## INTRODUÇÃO

Baseado no quadro teórico-metodológico da pesquisa-intervenção (PI) e da “*critical participatory action research*” (CPAR) que prevê tanto a inserção e a intervenção na micropolítica do cotidiano institucional (PI), quanto a formação do sujeito/campo pesquisado como co-pesquisador (CPAR) como forma de descolonização do conhecimento e justiça social, o presente projeto é um desdobramento da pesquisa “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”. Esse projeto tem como objetivos problematizar a relação juventude, cidadania e escola com base na produção discursiva da própria comunidade escolar e analisar a construção de uma pesquisa com a comunidade escolar de uma escola pública em que os estudantes sejam pesquisadores desse processo.

A presente pesquisa<sup>2</sup> foi realizada de maneira coletiva por estudantes da graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Ceará e estudantes secundaristas da Escola de Ensino Médio Regular Adauto Bezerra, ambas as instituições situadas em Fortaleza, Ceará. A pesquisa deu-se através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ensino Médio, PIBIC-EM<sup>3</sup>. O grupo de pesquisadores tinha como principal intuito discutir temas escolhidos pelos próprios estudantes secundaristas relacionados às suas experiências no cotidiano escolar. Pretendemos no presente texto, abordar de maneira breve os processos de pensar a pesquisa e os caminhos necessários a serem seguidos com a chegada da pandemia e fechamento das escolas, bem como explicar como se deu a restituição do processo.

O fazer pesquisa, para além de uma coleta representacional de dados, se dá na possibilidade

---

<sup>2</sup> Agradecimentos a UFC, CAPES, CNPq e FUNCAP: pelas bolsas de Extensão e PIBIC (UFC); as bolsas de mestrado e doutorado (CAPES e FUNCAP); ao auxílio para despesas excepcionais (FUNCAP) e as bolsas PIBIC-EM(CNPq).

<sup>3</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq.

de intervir em questões voltadas à justiça social e na discussão das relações de poder, uma forma de possível descolonização do conhecimento, tornando visíveis as consequências de dominação, possibilitando a re-significação de narrativas das minorias historicamente deslegitimadas enquanto lugar de produção de saber. Para tal, os sujeitos da pesquisa encontram-se na posição de co-pesquisadores (MIRANDA, FINE, TORRE, CABANA, 2018).

Encontramos na escola um “modelo de sociedade”, o que a torna um “terreno experimental para a cidadania” onde é possível experimentar as “regras democráticas” da sociedade, relacionando “o tipo de conhecimentos, habilidades e atitudes que os alunos devem adquirir e desenvolver” (SEIDEL, KOHAN, 2014, p. 128). Por outro lado, Monteiro e Castro (2008) ponderam que, ao considerar a juventude enquanto etapa de preparação e maturação do sujeito, reforçam-se práticas tutelares na educação e restringe a participação social dos jovens, inclusive nas escolas.

Propomos então um projeto de Pesquisa de Iniciação Científica - Ensino Médio (PIBIC-EM) em uma escola pública estadual de Fortaleza, a fim de construir espaços para (re)pensar conceitos de cidadania e aspectos relacionados à participação de crianças e adolescentes em nossa sociedade, relacionando com as micropolíticas do cotidiano escolar. Esta pesquisa está vinculada ao projeto guarda-chuva “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”<sup>4</sup>, produzido pelo coletivo “É da nossa escola que falamos”<sup>5</sup>.

Com a chegada da COVID-19 no estado e o fechamento das escolas e atividades educacionais na universidade no Ceará respectivamente pelos decreto Decreto Estadual Nº 33.510<sup>6</sup> e de Provimento Nº 2 /Consuni<sup>7</sup>, ambos de 16 de março de 2020, a pesquisa passou por desvios. Mesmo não perdendo espaço de potência e mudanças, os percursos nos levaram a pensar sobre novos modos de apresentar os resultados desse pouco mais de um ano, se readequando a realidade imposta pela pandemia.

## METODOLOGIA

A pesquisa-intervenção reconhece o lugar do pesquisador como sujeito que intervém na

<sup>4</sup> Projeto com objetivo de problematizar a relação entre juventude e escola pública com base na produção discursiva dos próprios jovens, analisando a construção de pesquisas com estudantes em que eles são pesquisadores desses processos. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética sob parecer nº 3.227.767. Pesquisa contemplada pelo Edital 03/2019 FUNCAP - Auxílio para despesas excepcionais de pequeno valor.

<sup>5</sup> Projeto de extensão “É da Nossa Escola que Falamos”, vinculado a pesquisa, construiu uma intervenção micropolítica, por meio do curso “Jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”, propiciando um espaço para reflexão na escola.

<sup>6</sup> CEARÁ (Estado). Decreto nº 33.510, de 16 de março de 2020. Decreta situação de emergência em saúde e dispõe sobre medidas para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus. **Diário Oficial do Estado do Ceará**, Fortaleza, 16 mar. 2020. Série 3. Ano XII nº053. Caderno 1/4, p. 1.

<sup>7</sup> FORTALEZA. Prof. Dr. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque. Reitor da Universidade Federal do Ceará. **Provimento Nº 02/CONSUNI, de 16 de março de 2020**. Dispõe sobre ações a serem realizadas no âmbito da Universidade Federal do Ceará (UFC), em virtude da pandemia decorrente do Coronavírus (SARS-COV-2 / COVID-19). Disponível em: <https://www.ufc.br/a-universidade/documentos-oficiais/14316-provimentos-do-conselho-universitario-consuni-2020>. Acesso em: 20 maio 2021.

realidade da pesquisa e, portanto, assume um papel de não neutralidade. Rejeita-se, assim, uma concepção de pesquisa positivista naturalizante, que apenas colhe dados já preexistentes, e trabalha no sentido de que os dados são frutos do encontro do pesquisador com o campo. (MIRANDA; CYSNE; SOUZA FILHO, 2016).

Assim, a pesquisa-intervenção e a Critical Participatory Action Research (CPAR), enquanto *ethos* comum de conceber a pesquisa (MIRANDA, FINE e TORRE, 2020), foram aportes éticos-metodológicos tanto para o projeto guarda-chuva, quanto para o PIBIC-EM. Tal proposta consistiu em uma pesquisa participativa que busca investigar de forma dinâmica uma determinada realidade, assumindo um caráter de intervenção política e social, além de que pretende radicalizar o lugar do sujeitos-pesquisados como co-pesquisadores, dando visibilidade e amplitude às vozes de jovens estudantes da periferia sobre sua relação com o espaço escolar.

A pesquisa intervenção mostrou-se como uma possibilidade, dado que esta implica por um pesquisar COM, é estar atento aos processos e se inserir em um campo de investigação que está a todo momento em movimento, das necessidades de adaptação aos contextos que se produzem (MIRANDA; KHOURI, 2016), em nosso caso, precisamos repensar os processos devido à pandemia, aprendemos a lidar com os inesperados. Além de diversos outros aspectos que se mostram importantes, tais como o fato da pesquisa-intervenção esquadrihar de forma qualitativa aspectos sociais de grupos e coletivos (ROCHA; AGUIAR, 2003). Ao nosso ver a Pesquisa-intervenção amplia as possibilidades de construção das pesquisas participativas por levar em consideração as “interferências” produzidas pelos pesquisadores em seus campos de atuação. Tais interferências deixam de assumir um papel de obstáculo, de problema e se somam ao fazer pesquisa. Aqui a busca pela neutralidade deixa de ser algo a ser perseguido ou alcançado, e a análise do pesquisador não é vista como uma representação neutra, um duplo da realidade, mas como co-partícipe dos acontecimentos que envolvem o processo da pesquisa (LOURAU, 1993; PAULON 2005; KASTRUP, 2008).

A CPAR, por sua vez, por tratar os agentes da comunidade co-pesquisadores de seus cotidianos (MIRANDA, FINE, TORRE, CABANA, 2018), repensa o lugar da pesquisa, descoloniza a experiência do conhecimento que se faz com a pesquisa (MIGNOLO, 2009; APPADURAI, 2006), leva-se em consideração os conhecimentos que estão fora da academia, as experiências vividas pelos agentes da comunidade são como princípios éticos e epistemológicos (TORRE, 2014) a serem levados em consideração. Faz-se importante lembrar ainda que tudo que produz, como dado coletado e possível de análise pela pesquisa, é fruto do encontro deste com o campo (MIRANDA; CYSNE; SOUZA FILHO, 2016), os desvios gerados pelos acontecimento durante a presente pesquisa são prova viva deste encontro e o que ele representa aos envolvidos.

É através da reconfiguração de práticas que nos colocam no lugar de trabalhar COM e não SOBRE as camadas sociais invisibilizadas e marginalizadas que se torna possível realizar o ato de pesquisar. Assim a CPAR cultiva a ideia de que agentes da comunidade tornem-se co-pesquisadores de seus cotidianos (MIRANDA, FINE, TORRE, CABANA, 2018). Os métodos em questão nos fazem observar a pesquisa como possibilidade de intervir sobre questões voltadas à justiça social.

O fazer pesquisa para além de uma coleta representacional de dados, se dá na possibilidade de intervir em questões voltadas à justiça social e na discussão das relações de poder, uma forma de possível descolonização do conhecimento, tornando visíveis as consequências de dominação, possibilitando a re-significação de narrativas das minorias historicamente abafadas como lugar de produção de saber. Para tal os sujeitos da pesquisa encontram-se na posição de co-pesquisadores (MIRANDA, FINE, TORRE, CABANA 2018). Utilizamos a cartografia como pesquisa-intervenção pois esta não acontece de modo prescritivo, nos desafiamos a reverter o sentido tradicional de pesquisar não apenas para alcançar metas (*metá-hodos*), mas de entender que é no caminhar, no percurso que se estabelecem as metas (*hódos-metá*) (KASTRUP, V.; PASSOS, E.; BARROS, R. B., 2009). É neste caminhar juntamente com os estudantes que pretendemos mergulhar na experiência que agencia o nosso fazer pesquisa, entendendo que é na relação de co-emergência entre sujeito e objeto que surge um saber-fazer e a partir dela construímos uma experiência do saber (KASTRUP, V.; PASSOS, E.; BARROS, R. B., 2009). Aqui os estudantes assumiram o papel protagonista de co-pesquisadores, tornaram-se agentes no processo de pesquisar pensando desde a escolha do que pesquisar, do processo de elaboração da pesquisa, eles se colocaram na processualidade do pesquisar tão caro ao método cartográfico.

O projeto guarda-chuva teve como dispositivo de pesquisa o curso de extensão “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar”<sup>8</sup>, com estudantes do 2º ano do ensino médio de uma escola pública localizada em Fortaleza/CE, com o objetivo de fomentar a participação dos estudantes como agentes pesquisadores de seu cotidiano escolar, viabilizando que os próprios componentes desse contexto desenvolvessem desde o tema até a aplicação do instrumento da pesquisa, temas estes que iam de preconceitos na escola à gravidez na adolescência e divergências políticas.

O curso foi constituído com base nas observações realizadas pelo grupo na escola, em reuniões com o núcleo gestor, encontros com estudantes como forma de articular a ação e formação de pesquisadores secundaristas e estudantes universitários (graduandos e pós-graduandos). Teve duração de 30 horas, distribuídas em 27 horas presenciais e 3 horas não presenciais. Cada atividade presencial durava em torno de 2h30 horas semanais distribuídas em 9 encontros. A carga horária não presencial foi distribuída ao longo do curso em atividades, tais como: atividades on-line,

<sup>8</sup> O curso foi cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e todos os encontros do curso foram gravados em áudio e vídeo como fonte de dados para a pesquisa.

aplicação do instrumento da pesquisa, análise de dados coletados e confecção de diários de campo coletivo.

Os encontros tinham como propósito levantar reflexões sobre questões do cotidiano escolar, criações coletivas dos objetos de pesquisa do que eles consideram importante entender e pesquisar de seus cotidianos no espaço da escola, pensar em objetivos e instrumentos de investigação, por em prática as pesquisas criadas, realizar análise dos dados investigados e por fim realizar a restituição de suas pesquisas a comunidade escolar.

Na segunda parte, as bolsistas do PIBIC-EM foram selecionadas após a participação do curso e, por isso, já tinham um contato com o fazer pesquisa, métodos e instrumentos. Portanto, inicialmente, discutimos sobre os processos de imbricação de cidadania com a escola, trazendo artigos, reportagens e *sites* que abordassem o lugar da juventude enquanto um ser político, mapeando o cotidiano escolar.

No entanto, a chegada da pandemia atravessou todo o processo, fazendo com que tivéssemos que ter encontros virtuais e nos deslocássemos do espaço físico da universidade e da escola para o espaço remoto do google meet. Importante destacar que uma das bolsistas secundaristas tinha constantes dificuldades com o uso do celular e não possuía acesso a tecnologias para participar de aulas e reuniões, assim, uma das pesquisadoras universitárias disponibilizou um computador para viabilizar a continuidade da pesquisa na virtualidade. Esse aspecto retrata vulnerabilização dos atores escolares, fruto dos contextos de desigualdades sociais, que atravessam, de modo especial, a escolarização presente nas escolas públicas, em tempos de isolamento social, decorrente da pandemia do COVID-19.

O último encontro realizado entre as estudantes de ensino médio e a equipe antes da pandemia realizou-se a partir dos textos discutidos e de um grupo de palavras marcadas nos textos dos pesquisadores que tinham a ver com os conceitos de cidadania apresentados na construção de um mapa mental do que seria então, para as estudantes, o conceito de cidadania. Este era o passo inicial para a construção de um jogo a ser realizado em forma de tabuleiro pelas estudantes e disponibilizado na escola para os demais estudantes.

Com o avanço da pandemia, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará lança nota com diretrizes para o ensino remoto e constantes decretos que protelam o retorno às atividades presenciais. A paralisação de atividades presenciais nos levou a refletir acerca de novas formas de continuar os trabalhos com as estudantes, além de pensar nesses desvios como analisadores do nosso processo. A partir das (des)continuidades da pesquisa, utilizamos como estratégia analisar os dados da pesquisa guarda-chuva que elucida o imbricamento de cidadania com a escola, a partir do uso de um software de análise, que possibilitou visualizar e relacionar os dados.

Logo, para viabilizar a compilação das informações utilizamos a versão do software Atlas Ti

versão 8.4.22. O uso do Atlas Ti nos permitiu analisar os dados da pesquisa construídos nos diários de campo e transcrições. O software permite fazer análises categoriais promovendo compilação de categorias temáticas e codificações estruturais de dados textuais e não textuais. O uso do Atlas Ti se justifica pela necessidade de analisar dados qualitativos de textos (transcrição de áudio e diários de pesquisa) e recursos audiovisuais (imagens, som e vídeos) registrados e construídos na pesquisa (WALTER; BACH, 2015). O software possui sua unidade hermenêutica (Hermeneutic unit) como local que reúne todos os dados de arquivos da pesquisa em formato textual, e os documentos primários (primary documents) que são os arquivos selecionados para análise em questão, nesse caso utilizamos o diário de campo e encontros transcritos. Depois disso, através da interface com o pesquisador é possível criar os códigos ou categorias (codes) que são interpretações do pesquisador ao delimitar as citações (quotes/quotation) que são trechos/partes dos documentos de análise da pesquisa. O Atlas Ti ao gerar os codes permite que o pesquisador faça compilações categoriais interpretativas e associadas ao conteúdo original da pesquisa. O software permite também a criação de comentários (comment), notas de análise (memos) e esquemas gráficos (netview) que ajudam na interpretação e condução do processo (WALTER; BACH, 2015).

Sendo assim, construímos coletivamente, com as estudantes bolsistas PIBIC-EM categorias de análises, dando início à categorização dos dados, de modo a dar prosseguimento à análise. Além disso, foram discutidas em grupos as possíveis categorias analisadas, bem como o desenvolvimento de pequenos textos explicativos para cada uma das categorias, sendo elas relacionadas a preconceitos, tensionamentos políticos e cidadania.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Foi a partir da análise, construção das categorias, discussão sobre os textos, da restituição da pesquisa que cada uma das estudantes do PIBIC-EM entendeu um pouco do que é fazer pesquisa. Os temas abordados com questões acerca de cidadania foram múltiplos, como divergência de opiniões, racismo, bullying, dentre outros. Eles surgiram como de interesse dos estudantes em realizar suas pesquisas. A restituição é um importante dispositivo socioanalítico e vista aqui não como uma informação simples (LOURAU, 1993), mas como um importante espaço para pensar o lugar ocupado pelas pesquisadoras. A restituição é um processo e em toda a pesquisa ela se mostrou presente, quando montamos o conceito de cidadania através de recortes de palavras dos diversos textos lidos, montados em mapa mental, estava-se restituindo-se o aprendizado colhido nos textos. Quando apresentou-se os resultados das categorizações ao grupo e uma das estudantes esteve presente, estavam novamente restituindo algo.

Logo em seguida deu-se um processo de construção de um novo grupo de estudo no qual realizamos alguns encontros para discutir textos escolhidos coletivamente com intuito de aprofundar

conhecimento, para ampliar a compreensão do material selecionado nas categorias formando conexões com tudo que havia sido vivenciado, desde o fazer pesquisa ao cotidiano escolar. Construimos um espaço de diálogo, além de troca de saberes e vivências, estudamos textos que abordassem temas como, o lugar da cidadania na escola, juventudes políticas, lugar de fala e diversidade. Por fim, proporcionamos um momento de escrita, onde as jovens pesquisadoras puderam colocar no papel, mesmo que virtual, os atravessamentos de ser uma pesquisadora no Ensino Médio durante uma pandemia.

A partir dessa articulação teórico-metodológico, propomos inicialmente um espaço de discussão sobre cidadania no cotidiano escolar, para o qual foram trazidos textos, reportagens, artigos, projetos que exemplificam as várias formas de devir cidadania entre crianças e adolescentes dentro e fora do contexto escolar. Para além de teorias e conceitos, buscamos construir o “como” fazer cidadania a partir dos diversos agenciamentos das pesquisadoras secundaristas.

Dessa forma, não pesquisamos sobre os jovens, mas com eles. Pesquisar com o outro implica uma inserção na dinâmica institucional, de modo que no desenrolar das atividades, na definição dos horários, apropriação dos espaços, relação com os profissionais, dentre outros aspectos haja uma junção entre elementos acadêmicos (estratégias e procedimentos de pesquisa) e institucionais (jovens, educadores, gestão). No entanto, no âmbito do objeto de investigação, outros aspectos atravessaram o processo da pesquisa, marcada pela imprevisibilidade. Com isso, falas, gestos, murmúrios, silêncios, opiniões, intercessões e posicionamentos dos sujeitos envolvidos alteraram/traçaram as rotas da pesquisa.

Segundo Pozzana (2013), tudo se passa quando não se encontra o que se espera, dizemos que conhecer não é reconhecer a realidade, não é representar, e que o concreto se atualiza nesses espaços de ruptura. Essa imprevisibilidade do campo e da pesquisa com o fechamento das escolas devido à pandemia modificou nosso fazer de modo a repensar a continuidade do processo de construção do espaço de pesquisar. Fomos atravessados pela pandemia e inseridos em um espaço de virtualidades, gerando novas formas de se pensar pesquisa durante o isolamento social. Novos rumos tiveram de ser tomados de modo a continuar o fazer pesquisa, fato esse que é elucidado nos trechos a seguir, onde as bolsistas relatam sobre a experiência de fazer pesquisa em tempos de pandemia.

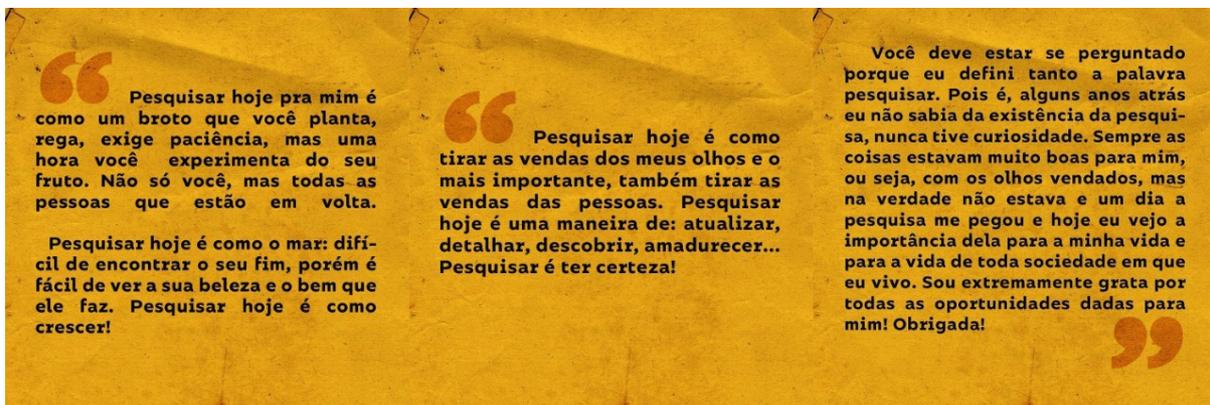
Houve momentos em que nos encontramos na escola e na universidade para pontuarmos o que era relevante e interessante para ser investigado, mas tivemos de parar as nossas atividades presenciais por causa da pandemia do novo coronavírus. De início, foi super complicado me adaptar às reuniões online e a nova metodologia escolhida pelo grupo, mas com o tempo passei a me organizar melhor para os encontros no ciberespaço. Este período de isolamento social atrapalhou completamente a nossa rotina e planos, contudo, conseguimos elaborar novas maneiras de efetuar e concluir o estudo da melhor forma, com objetividade, aprendizagem e cooperação (Diário de campo de uma bolsista PIBIC-EM).

Quando me deparei com o tema CIDADANIA, sendo bem clara eu não sabia o que era realmente ser um cidadão para mim era só ter direitos e pronto, mas na verdade nem esses direitos eu sabia concretamente, pois eu nunca tinha me perguntado antes, dentro de alguns artigos lidos e discutidos presencialmente fui descobrindo o que era a verdadeira e

significativa cidadania, foi um processo longo mas muito importante para o amadurecimento sobre o assunto. Se hoje uma pessoa me perguntasse o que é cidadania eu responderia sem dúvidas, mas para alcançar essa resposta tive um longo processo. O que mais dificultou para mim esse processo de pesquisa foi a quarentena, onde tivemos que readaptar tudo com isso dificultou muito, nesse período foi onde eu tive mais dúvidas e confusões de pensamentos, mas tentei readaptar o máximo. Uma das coisas que me marcou intensamente nessa pesquisa foi divisão de categoria e o mais dificultoso foi a interpretação de alguns livros e alguns momentos de estudo sobre o assunto. Mas eu garanto que tive muitos aprendizados que irão para vida toda (Diário de campo de uma bolsista PIBIC-EM).

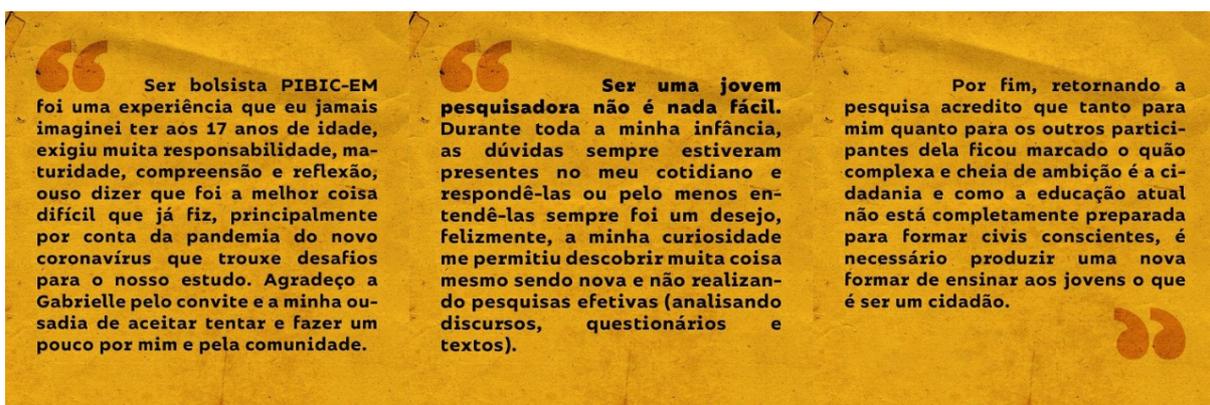
Logo, se anteriormente tínhamos a expectativa de fazer a restituição com a escola a partir de um jogo, com a pandemia, optamos por utilizar a virtualidade como uso estratégico para chegarmos aos atores escolares, assim, as bolsistas secundaristas confeccionaram um texto sobre o fazer pesquisa em tempos de COVID-19 que foi postado nas redes sociais do projeto guarda-chuva e compartilhado pelas redes sociais da escola, como ilustra as imagens a seguir.

**Figura 1 - Post do Instagram (17/09/2020)**



**Fonte:** Instagram @edanossaescola. Disponível em: <https://www.instagram.com/edanossaescola/>

**Figura 2 - Post do Instagram (11/09/2020)**



**Fonte:** Instagram @edanossaescola. Disponível em: <https://www.instagram.com/edanossaescola/>

Os processos de restituição das jovens pesquisadoras do cotidiano escolar sobre seus percursos narrativos na pesquisa não acabaram neste texto publicado nas redes sociais, eles foram

além. A jovens participaram de eventos universitários como o VIII Simpósio Internacional Sobre a Juventude Brasileira - O Protagonismo e as lutas da juventudes: Diversidades, Direitos e Democracia (JUBRA) no ano de 2020, apresentando suas experiências durante o PIBIC-EM e as contribuições criadas para a construção das pesquisas sobre cidadania. Participaram e apresentaram trabalhos ainda nos Encontros Universitários da Universidade Federal do Ceará em janeiro de 2021.

As bolsas ofertadas já haviam sido finalizadas, mas a implicação das jovens no fazer pesquisa era tamanha que mesmo assim se mostraram disponíveis em estar presentes e participando dos processos. Sendo assim, encontramos diversas linhas duras, de acessibilidade, disponibilidade, e coletivamente, pensamos linhas de fuga possíveis, entende-se no entanto que estes atravessamentos foram importantes para perceber que a pesquisa, assim como os sujeitos, se adaptam dos mais diferentes modos a sua historicidade e lugar ocupado no espaço-tempo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em meio às mudanças necessárias e criadas pelo processo de pesquisar, muitos analisadores se tornam ricos de significações, o percurso das duas estudantes no PIBIC-EM começou antes mesmo de assumirem a bolsa. Alí as narrativas dos modos de pensar pesquisa se constituíram e o interesse no fazer se colocou, foi na processualidade das vivências de cada uma das estudantes que se constituiu o lugar e o conceito de cidadania.

Com a chegada da pandemia o lugar ocupado pelos sujeitos na pesquisa, sejam os da universidade, ou da escola foram repensados, observamos das mais diferentes formas como a pandemia atinge o espaço da escola, seja pela dificuldade de acesso, pelas discontinuidades dos processos educativos, ou mesmo repensar os espaços no qual estávamos nos inserindo. Por fim, entendemos que a pesquisa não finda com a chegada da COVID-19, ela se reinventa num emaranhado de processos, agora mediados por tecnologias que continuou nos aproximando do devir pesquisa ou de uma pesquisa em devir.

Com a mudança dos encontros presenciais para remotos e mediados por tecnologias da informação e comunicação (TIC's). Nos vimos, por vezes impossibilitados de realizar algumas atividades como esperado. Sabemos que o número de jovens com acesso ao uso de tecnologias para continuar aprendendo é precário em parte da população do país, aqui incluímos nossos estudantes. Estudos realizados pelo Laboratório de Análise de Dados e Economia da Educação (EducLab), “dos 79.204 estudantes pré-universitários da rede pública que prestaram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), 35.978 declararam não possuir acesso à rede mundial de computadores, o que corresponde a quase metade (45,4%) do total” (Diário do Nordeste, 2020). Estratégias para melhorar o acesso das jovens seja à pesquisa ou à escola foram possibilitadas por uma das pesquisadoras do grupo que conseguiu um notebook para ela, mas nem todos os jovens da escola

pública do país tem o mesmo destino. Ter acesso a Educação de qualidade em meio ao isolamento social e fechamento das escolas não deveria ser uma questão de sorte e sim de ter tais direitos garantidos.

Precisamos ainda lembrar que a pesquisa foi concluída, mas lacunas não foram completamente preenchidas, afinal a pandemia continua influenciando nossos modos de fazer pesquisa e de se reinventar durante este período que ainda nos assola. Os rumos ainda são incertos, no entanto, continuamos nos adaptando e encontrando em nossas pesquisas possibilidade de realizar uma pesquisa implicada e participativa, mesmo à distância.

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP pelo financiamento desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **The right to research**. Globalisation, Societies and Education, vol. 4, nº 2, July 2006, pp. 167-177.

CEARÁ. Decreto nº 33.510, de 16 de março de 2020. Decreta situação de emergência em saúde e dispõe sobre medidas para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus. **Diário Oficial do Estado do Ceará**, Fortaleza, 16 mar. 2020. Série 3. Ano XII nº053. Caderno 1/4, p. 1.

DIÁRIO DO NORDESTE. **45% dos alunos da rede pública no Enem 2019 não acessavam internet; conexão aumenta desempenho**. 23 de agosto de 2020. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/45-dos-alunos-da-rede-publica-no-enem-2019-nao-acessavam-internet-conexao-aumenta-desempenho-1.2980394>. Último acesso 14/03/2021.

FORTALEZA. Prof. Dr. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque. Reitor da Universidade Federal do Ceará. **Provimento Nº 02/CONSUNI, de 16 de março de 2020**. Dispõe sobre ações a serem realizadas no âmbito da Universidade Federal do Ceará (UFC), em virtude da pandemia decorrente do Coronavírus (SARS-COV-2 / COVID-19). Disponível em: <https://www.ufc.br/a-universidade/documentos-oficiais/14316-provimentos-do-conselho-universitario-consuni-2020>. Acesso em: 20 maio 2021.

KASTRUP, V. O Método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção in CASTRO, L. e BESSET, V.L. (Org) **Pesquisa Intervenção na Infância e Juventude**. Nau Editora, Faperj, Rio de Janeiro, 2008, p. 465-489.

KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da; PASSOS, E. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

LOURAU, R. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro, UERJ, 1993.

- MIGNOLO, W. Epitemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom. In **Theory, Culture & Society**, SAGE. Los Angeles, London, New Delhi and Singapore, Vol. 26 (7-8). Pp 159-181., 2009.
- MIRANDA, Luciana Lobo. e El KHOURI, Mauro. Escola em Tempos de Sociedade de Controle. In: Flavia Cristina Lemos et al. (Orgs). **Criações Transversais com Gilles Deleuze: Artes, Saberes, Política**. Curitiba, CRV, p. 423-444, 2016.
- MIRANDA, L.L. CYSNE, J. B. SOUZA FILHO, J. A. **Juventude e Mídia: Discutindo, Criando, Pesquisando**. In RIOS, Felipe; VIEIRA, Luciana; QUEIROZ, Tacinara (org). Metodologias participativas e organização psicossocial: promoção de saúde e enfrentamento da violência sexual e de gênero. Recife: Editora UFPE, 2016, p. 209-231.
- MIRANDA, L. L.; FINE, M.; TORRE, M. E.; CABANA, A. **Participatory Action Research (PAR) with LGBTQ+ & GNC youth in the United States: An interview with Michelle Fine, Maria Torre, and Allison Cabana**. Revista de Psicologia da UFC., v.9, p.130 - 138, 2018.
- MIRANDA, L. L.; FINE, M.; TORRE, M. E. **Possible Connections Between Intervention Reserach (IR-Brazil) and Critical Participatory Action Research (CPAR-USA)**. Trends in Psychology 28, 133-147 ,2020.
- MONTEIRO, R. A. P.; CASTRO, L. R. de. **A concepção de cidadania como conjunto de direitos e sua implicação para a cidadania de crianças e jovens**. Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 8, n. 16, p. 271-284, dez. 2008.
- PAULON, S. A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, vol. 17, n. 3, p. 18-25. 2005. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a03v17n3.pdf>. Último acesso em 14/03/2021.
- POZZANA, L. **A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade**. Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia - Vol. II • Fractal, Rev. Psicol. 25 (2) • Ago 2013.
- ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. **Pesquisa-intervenção e a Produção de novas análises.**, n. 4, ano 23, 2003.
- SILVA, Lúcia Isabel da Conceição *et al.* **Org. Anais do VIII Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira**. Belém: Ed. IEPA, 2020. p. 1592. *E-book*.
- SEIDEL, C.; KOHAN, W. **Governamentalidade, políticas e subjetivação pedagógica: Foucault com Rancière**. In: MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *A pedagogia, a democracia, a escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 125-155.
- TORRE, M.E. **Participatory action research**. T.Teo (ed.), *Encyclopedia of Critical Psychology*. New York: Springer. 2014.
- WALTER, S. A.; BACH, T. M. **Adeus papel, marca-textos, tesoura e cola: inovando o processo de análise de conteúdo por meio do ATLAS. TI**. Administração: ensino e pesquisa, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 275-308, 2015.

### **CAPÍTULO III**

## **ATRAVESSAMENTOS DO PERÍODO PRÉ-VESTIBULAR NO COTIDIANO DE JOVENS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA: INTER(IN)VENÇÕES POSSÍVEIS DURANTE A PANDEMIA**

***Luciana Lobo Miranda***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: lobo.lu@uol.com.br*

***Emanuele Eulália da Silva Barros***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: emanuele.eulalia@gmail.com*

***Igor de Lima Teixeira***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: igor103@alu.ufc.br*

***Lara Thayse de Lima Gonçalves***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: larathayse@alu.ufc.br*

***Paulo Francis Jorge da Silva***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: paulofrancisjorge@gmail.com*

***Tadeu Lucas de Lavor Filho***

*Universidade Federal do Ceará / Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: tadeulucaslf@gmail.com*

***Mayara Ruth Nishiyama Soares***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: mayararnishiyama@gmail.com*

**Antônio Marlon Coutinho Barros**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: marloncoutinho@gmail.com*

## **INTRODUÇÃO<sup>9</sup>**

Este texto é um relato de experiência das atividades do projeto “Pensando Caminhos, Construindo Profissões” vinculado ao Departamento de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, cujas atividades são realizadas em escolas públicas da cidade de Fortaleza. A proposta deste trabalho é discutir as (im)possibilidades de se construir uma ação de extensão universitária de forma remota, pondo em análise as desigualdades de acesso à educação evidenciadas no cenário pandêmico; os atravessamentos desse contexto na vida de estudantes de escolas públicas; as perspectivas de futuro e a importância de promover espaços de escuta e diálogo entre estudantes e extensionistas, que, nessa conjuntura, operam como promotores de saúde.

Nos primeiros meses de 2020 deu-se início às ações de planejamento do projeto. Articulado à dissertação de mestrado “Escolha profissional e escola pública: um olhar através da macropolítica cotidiana”<sup>10</sup>, a princípio com a proposta de discutir escolha profissional e as vivências do momento pré-vestibular, a fim de problematizar com os alunos sobre os tensionamentos e atravessamentos envolvidos durante esse processo<sup>11</sup>. No entanto, tivemos os planos modificados pela eclosão da pandemia do vírus SARS-CoV-2 e com o surgimento dos primeiros casos no Brasil e o fechamento das instituições de ensino por meio de decreto estadual e as escolas passaram a vivenciar uma importante transição: o ensino, até então presencial, transferiu-se para a forma remota e a manutenção da relação escola-estudantes passou a ocorrer em ambiente virtual, por meio de recursos tecnológicos que viabilizam a interação entre os agente escolares.

As escolas, com as atividades presenciais suspensas, diante das pressões para continuidade das aulas, tiveram que se reinventar de forma abrupta e sem um planejamento prévio, com “remendos” em forma de proposta pedagógica de ensino remoto (SANTANA FILHO, 2020). Tal fator levou a uma precarização generalizada no âmbito escolar, uma vez que os professores tiveram de lidar com novas exigências técnicas para operar o aparato tecnológico, bem como adaptar sua proposta de ensino presencial para o remoto, sem tempo para familiarizarem-se com essa nova

---

<sup>9</sup> Este trabalho se trata de uma ampliação de resumo apresentado e publicado em Anais no VIII Simpósio Internacional da Juventude Brasileira - JUBRA (2020) para a versão em capítulo de livro.

<sup>10</sup> Dissertação defendida em 29/04/2021.

<sup>11</sup> O trabalho de extensão aqui apresentado, relacionado à pesquisa de dissertação mencionada, foi realizado em consonância com a experiência do projeto “É da Nossa Escola que Falamos”, ocorrido no ano de 2019. Este último teve como proposta a construção coletiva de pesquisas com jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública e compunha a pesquisa “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”.

realidade. Não obstante, tais “remendos”, apesar de terem como objetivo reduzir os danos à educação dos estudantes, revelaram uma abismal desigualdade de acesso à tecnologia que, nesse novo contexto de aulas remotas, tem se traduzido como desigualdade de acesso à educação propriamente.

Diante de um cenário nacional da educação já precarizado, com salários baixos, infraestrutura deficiente, problemas de evasão e reprovação, bem como índices de analfabetismo informal alarmantes, a pandemia acabou por colocar em evidência e escancarar as desigualdades que assolam, especialmente, as escolas públicas brasileiras (AVELINO; MENDES, 2020). Nesse contexto em que a instituição escolar se depara com as dificuldades de garantir direito de acesso à educação para todos, a extensão universitária se quiser manter sua atividade fim, qual seja, de atendimento à comunidade com o fito de contribuir para a sua transformação social, deve também se reconfigurar.

No âmbito do projeto “Pensando Caminhos, Construindo Profissões”, recém-criado no ano de 2020, as atividades de rodas de conversa pensadas de modo presencial tiveram de ser transferidas para os meios virtuais em uso pela instituição escolar. Mais do que uma mudança de status, do presencial para o remoto, o objetivo do projeto, que inicialmente estava ligado a problematizar com os alunos do Ensino Médio sobre os tensionamentos e os atravessamentos envolvidos no processo de escolha profissional e de vivências do momento pré-vestibular. Diante de tantas mudanças, o objetivo também passou por uma reformulação para incluir discussões acerca do momento de perdas e de isolamento que, em 2020, ainda estava se iniciando.

Assim, em seu início remoto, utilizando das plataformas digitais, a extensão procurou construir momentos com estudantes de forma a pensar com estes/as os desafios em manter uma rotina de estudos, as dificuldades de acompanhar aulas remotas em um ambiente domiciliar e as possibilidade de manter o vínculo com a escola, mesmo no contexto de distanciamento social. Além disso, buscou-se discutir as inseguranças em relação ao futuro após o ensino médio, abordando pontos como os vestibulares, tangenciando um debate sobre outros futuros profissionais possíveis, bem como buscando fortalecer as formas de promoção de autocuidado nesse novo cenário pandêmico.

Se em 2020 o locus de ação foi uma escola pública de ensino médio reconhecida por seu grande número de aprovações em vestibulares e no Enem e por sua trajetória de militância em prol da educação pública, localizada numa zona central de Fortaleza/CE, em 2021 o projeto passou por mudanças e foi ampliado para o trabalho com escolas situadas na periferia de Fortaleza, mais especificamente na região do Grande Bom Jardim. Atualmente, o projeto está elaborando atividades em torno dos eixos de saúde mental e de projeto de vida.

Assim, partimos de uma perspectiva de saúde mental que não se reparte da saúde somática, mas a percebe de forma integral e sistêmica, estando relacionada aos diversos aspectos da vida das/os jovens estudantes com quem atuamos, levando, assim, em consideração suas atividades laborais, suas relações com os espaços educacionais, os locais onde moram, o que realizam como forma de lazer, etc. (CONTINI, 2000). Ademais, Mandelli, Soares e Lisboa (2011) pontuam como o marcador de classe social atravessa os jovens na construção do projeto de vida. Enquanto jovens de classe alta condicionam suas perspectivas de futuro à universidade, priorizando um processo educativo formal, jovens de classes menos favorecidas inserem-se, desde cedo, no mercado de trabalho, muitas vezes, concomitante aos estudos, o que comumente resulta em processos de evasão escolar.

Com isso, as autoras apontam o compromisso social na atuação com jovens em situação de vulnerabilidade, colocando em pauta uma intervenção na construção de um projeto de vida que estimule o pensamento crítico e reflexivo da realidade, que promova o protagonismo de suas vidas e projetos, sem negar as dificuldades que os atravessam, entendendo que essa construção constituiu-se em operacionalizar os meios possíveis para o que se constrói como objetivos e fins (MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011).

É importante, ainda, acrescentar que as ações do projeto ora apresentado privilegiam a construção conjunta com os/as alunos/as das temáticas e dos formatos de discussão em torno desses trajetos, baseadas no ethos da pesquisa-intervenção desenvolvida no Brasil e da Critical Participatory Action Research (CPAR), correlato anglo saxão, ambas tributárias da pesquisa participante. Estes dois campos ético-teórico-metodológicos oferecem ferramentas para produção de pesquisa que compreende os atores das comunidades com quem se está investigando como pesquisadores e companheiros de pesquisa, colaborando de forma ativa na produção de conhecimento (PAULON, ROMAGNOLI, 2010; MIRANDA; FINE; TORRE, 2020). Assim, no ano de 2020, jovens estudantes, co-pesquisadores, escolheram as temáticas de interesse e participaram ativamente de cada etapa do processo de pesquisa, tendo o território escolar como lócus do pesquisar (MIRANDA *et al.*, 2020). Com base nessa experiência, atualmente, no ano de 2021, seguimos buscando a participação ativa dos estudantes e seu engajamento com o espaço escolar, como agentes promotores de saúde.

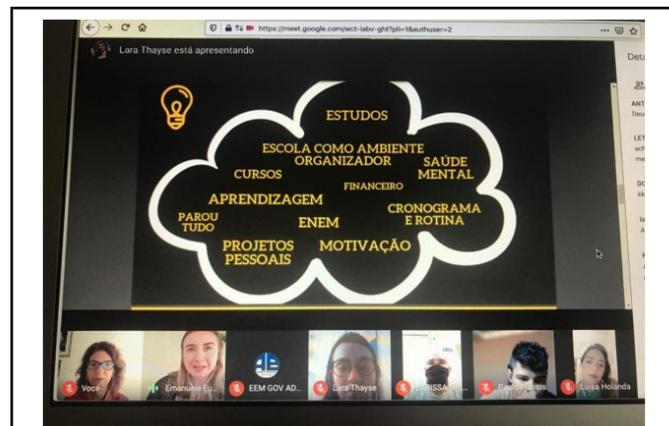
## **DISCUSSÃO**

Em nosso projeto realizamos encontros e oficinas com escolas em diferentes contextos. O primeiro momento foi realizado em 2020 focando os cuidados coletivos com a saúde mental e a necessidade de manutenção de vínculo com a comunidade escolar, no contexto do início da pandemia com a escola que já vínhamos trabalhando e atuando na pesquisa guarda-chuva realizada

sobre a formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar<sup>12</sup>. O segundo momento foi a nossa participação no Festival das Juventudes do Grande Bom Jardim no presente ano (2021) sob contexto remoto em aulas de formação cidadã em 6 escolas participantes do festival. Em 2020 foram 3 encontros com cerca de 170 discentes, docentes e gestores. Em 2021 até a presente data atuamos com cerca de 75 agentes escolares. Tecemos a seguir o desenvolvimento desses dois contextos trilhados pelo projeto de extensão nestes quase 2 anos de atividades.

Primeiramente, acompanhando as transformações escolares no contexto da pandemia, dois momentos foram propostos com os/as estudantes e um com os professores diretores de turma: um primeiro, com a temática “Saúde mental em tempos de pandemia”, que aconteceu com estudantes do 3º ano do ensino médio da escola em questão e contou com a participação de cerca de 40 pessoas, incluindo esta equipe de pesquisa e extensão e os/as jovens; um segundo momento, que teve como tema “Reconstruções e recomeços: dialogando sobre as conexões com a escola”, a fim de construir um espaço para discutir a relação com a comunidade escolar e as mudanças impostas pelo período de isolamento social, contando com a participação de 100 estudantes de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio da mesma escola; e um terceiro encontro realizado com cerca de 30 professores Diretores de Turma<sup>13</sup> para discutirmos sobre os/as alunos/as, sob a perspectiva dos/as docentes de como estavam vivenciando a adaptação ao ensino remoto.

**Figura 1 - Oficina de Saúde Mental e Tensão Pré-vestibular**



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

É importante salientarmos que todas as temáticas foram construídas de forma conjunta entre nós, da universidade, e a equipe gestora da escola, bem como com alguns professores e alunos. Buscamos, nesses momentos, fugir do formato de palestra sobre um determinado assunto, em que um saber é apenas transmitido, com pouca possibilidade de troca de vozes e experiências. Diferente

<sup>12</sup> Como apontado na nota de rodapé 2.

<sup>13</sup> Diretores de Turma são aqueles/as professores que fazem parte do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT). Este projeto é uma iniciativa do Governo do Estado do Ceará para as escolas públicas de ensino médio, e tem como objetivo que um/a professor/a acompanhe os/as alunos/as de uma turma da escola, sendo responsável por estar mais próximo/as destes/as, conhecendo-os/as e facilitando sua relação com a comunidade escolar (CEARÁ, 2010).

disso, priorizamos encontros que promovessem diálogos e que tecessem entrelaçamentos de vivências, procurando nos distanciar do lugar de pesquisadores-peritos, apesar dos entraves e distanciamentos inerentes ao formato de conferência virtual e da nossa posição de saber-poder enquanto pessoas vinculadas à Universidade. A ideia é que funcionássemos como uma potente rede de apoio e suporte em um momento de tantos distanciamentos.

Assim como a transição dos espaços de ensino para o campo virtual, a realização das rodas de conversa *online* também aconteceu com dificuldades. Além de não podermos tornar as rodas espaços acessíveis aos/as alunos/as que não têm acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), o encontro também foi dificultado por outras questões próprias das novas intervenções virtuais: a incapacidade de ver aqueles/as com quem se está dialogando, que muitas vezes permanecem com as câmeras desligadas, as oscilações na conexão de internet, a dificuldade de fazer circular a fala entre os/as presentes, que desligam os microfones para não interferir em outras falas e as dificuldades de se fazer presentes em um ambiente domiciliar, por vezes, conturbado, colocam em voga a questão de que, para além de uma impossibilidade de acesso, há também impossibilidades em termos de qualidade dessas conexões, que inviabilizam o contato e a interação.

Apesar das adversidades de construção de novos espaços de habitação do território virtual da escola, percebemos a importância de continuar a ofertar espaços de encontro e de discussão neste cenário de tantas mudanças. Dessa forma, por meio de um ethos cartográfico que também nos atravessa enquanto pesquisadores, a proposta de discussão sobre saúde mental e escolha profissional com estudantes de uma escola pública no atual contexto nos convoca a pôr em jogo os processos de precarização da educação, que assumem diferentes formas no cenário virtual remoto, bem como nos impele a assumir a postura de transpor noções engessadas de “sucesso profissional”, entendendo nosso trabalho como sendo, assim como acentua Barros e Kastrup (2009), o de acompanhar processos.

Ademais, apesar das propostas iniciais dos encontros não tratarem diretamente da escolha profissional e do contexto pré-vestibular, estas questões foram trazidas de forma transversal. Especialmente, com os/as alunos/as que estavam cursando o 3º ano, as incertezas em relação às datas das provas de vestibular e do ENEM diante da pandemia, as angústias em torno da rotina de estudos, que foi transferida para o ambiente domiciliar, o acúmulo de tarefas domésticas, somadas às atividades escolares e os problemas em conectar-se virtualmente por falta de acesso tecnológico, foram apontadas como dificuldades marcantes desse momento de virtualização do ensino e puderam ser compartilhadas nos espaços das rodas.

Com isso, ainda que diante das várias dificuldades supracitadas, certas aproximações puderam ser construídas a fim de discutir as questões que atravessam a escola nesse novo contexto

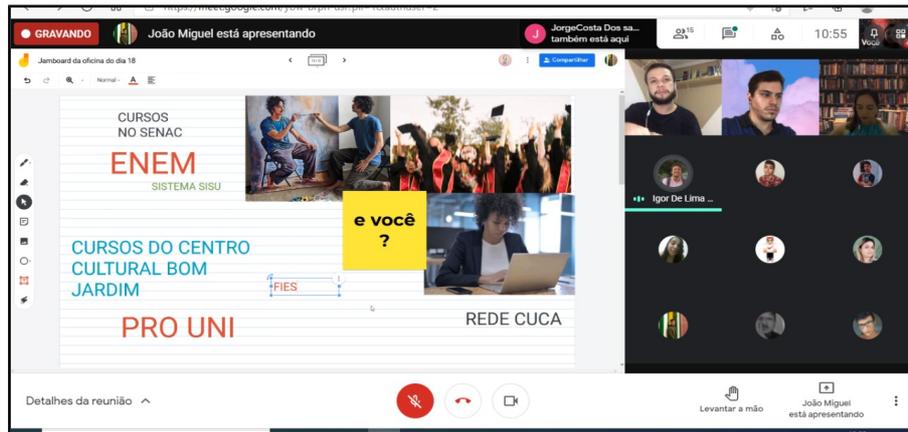
e, não obstante, as reverberações disso nos processos de escolha profissional, reinventando, assim, estratégias de promoção de saúde, com ações realizadas para além dos espaços físicos que, neste cenário, precisaram ser transcendidos. Foi neste caminho de crescimento do projeto de extensão que em 2021 nos inserimos no festival das juventudes, uma iniciativa liderada por coletivos juvenis, ONG's, escolas da periferia do Grande Bom jardim e núcleos de pesquisa e extensão do curso de Psicologia da UFC.

Nesse contexto, uma dessas aproximações possíveis no período pandêmico foi a parceria nas atividades virtuais do Festival, com alguns jovens estudantes de escolas de ensino médio situadas no Grande Bom Jardim e 1 escola situada na cidade de Maracanaú que adentrou posteriormente no calendários de oficinas realizadas com todas as escolas. O festival aconteceu em sua terceira versão durante os meses de março a junho de 2021 em contexto remoto. Participaram das oficinas 6 escolas estaduais de ensino médio, e cada encontro tinha uma temática diferente, algumas como saúde mental, direitos humanos, cultura de paz, feminismos e as desenvolvidas por nós, intitulada “mundo do trabalho e caminhos para a universidade”. Durante a fase inicial do festival, a comissão da iniciativa se encontrou com os gestores escolares e apresentaram a proposta das oficinas e das possíveis temáticas elegíveis, e foi a partir de um questionário Google Forms aplicado em cada escola que foi possível rastrear os temas de interesse dos estudantes secundaristas.

Nossa participação foi mediada por um de nossos integrantes que já participava da comissão do festival devido outras parcerias, e que ao se deparar das demandas de oficinas com esta temática nos aliou ao movimento. As 6 escolas, por meio das respostas de seus estudantes, foram demandadas oficinas com o tema de “mundo do trabalho” e “caminhos para a universidade”. Em virtude do tempo e da disponibilização de horários das escolas, unificamos os dois temas em uma única oficina que foi desenvolvida separadamente nas escolas.

Nos encontros, foi perceptível, ao falarmos sobre projeto de vida, que atualmente para suas realidades, o futuro pós Ensino Médio estaria voltado mais para o mercado de trabalho via concurso (tendo sido citado os concursos militares) e também os cursos técnicos. No entanto, na atividade proposta que se baseava em construir um projeto de vida para um personagem fictício, criado por eles, o primeiro passo do personagem após o término do terceiro ano, seria, de acordo com os estudantes, a entrada na universidade. Assim, foi possível traçar uma diferenciação entre o que alguns estudantes tinham como objetivo no presente, baseado em suas realidades, em contraste com o que gostariam, em suas expectativas idealistas.

**Figura 2 - Oficina de Mundo do Trabalho e Caminhos para a Universidade**

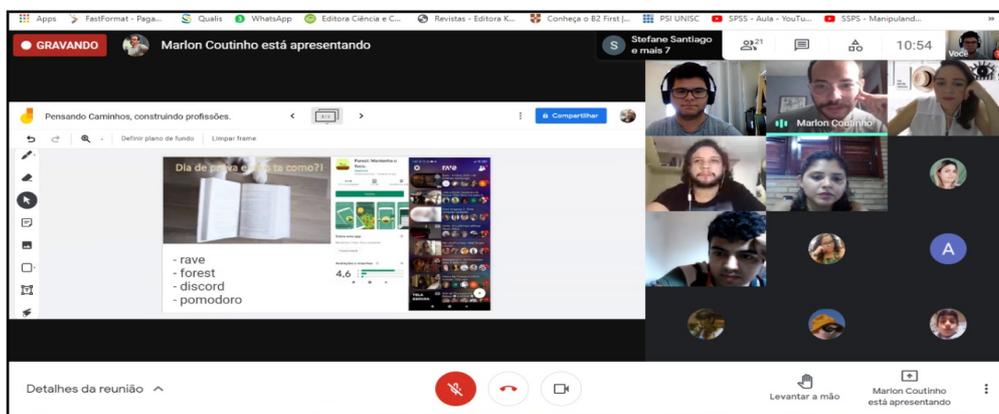


Fonte: Arquivo pessoal (2021).

O projeto de vida desses estudantes, como dito anteriormente, tem como foco o mundo do trabalho, em contraposição à situação de futuro voltado para a entrada na Universidade em suas projeções de projeto de vida do personagem fictício criado por elas e eles. Assim, com esse ocorrido, emergiram alguns questionamentos sobre a divergência entre o que planejam fazer presentemente e o que têm como idealizações após o término do Ensino Médio.

Embora a perspectiva de ingresso dos estudantes no Ensino Superior durante a roda de conversa tenha se pautado no âmbito dos desejos idealizados e não condizem com as propostas que os mesmos têm para si, vale ressaltar que projetar-se para o futuro, para além do mundo imediato e muitas vezes precarizado do trabalho, pode contribuir para ressignificar a relação consigo mesmo e com o projeto de vida, ao buscar alcançar novos objetivos, como no caso a educação superior. Bem como afirma Carneiro (2011, p. 51), “[...], no mundo moderno, a educação constitui fator essencial para a formação da cidadania e qualificação profissional.”. Assim, percebe-se que o fator educacional permanece como cerne das construções de projeto de vida desses jovens, embora, ainda cercado de incertezas quanto a sua realização presente.

**Figura 3 - Oficina de Mundo do Trabalho e Caminhos para a Universidade**



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

É válido salientar que essas marcas presentes e percebidas por nós na roda de conversa, como a diferença entre o *idealizado* e o *real* ou o que é *possível* para esses estudantes, perpassam por algumas trilhas que têm como ponto de partida um sistema historicamente representado por desigualdades raciais e sociais-econômicas. Dessa forma, essas maquinarias sistemáticas perpetuam física e subjetivamente a exclusão de determinados segmentos em contraposição a outros. Esses acontecimentos em oficinas nos fazem refletir sobre o campo das escolhas profissionais com um analisador mais amplo e complexo de entender as nuances que estão inseridos estudantes secundaristas de diversas territorialidades e marcadores sociais.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As atividades desenvolvidas pelo Projeto Pensando Caminhos Construindo Profissões nos permitiram criar um trabalho colaborativo e em parceria com escolas que estiveram abertas a receber uma discussão ampliada acerca das tensões da escolha profissional e da pressão pré-vestibular com estudantes secundaristas. O intuito do projeto desde sua concepção esteve centrado em desenvolver oficinas sobre as várias possibilidades de futuro profissional que diferentes jovens inseridos em suas particularidades e contextos podem traçar, interpelando o próprio cotidiano escolar que vivenciam, como lugar de produção desejante desse futuro. Entendemos que a realidade de jovens de escolas públicas são múltiplas, não há uma homogeneidade nos modos de sociabilidade e dos marcadores sociais da diferença, o que por um lado, também nos convoca enquanto estudantes de graduação e pós-graduação em Psicologia a olhar para uma dimensão psicossocial que atravessam as condições de possibilidade dessas futuras escolhas profissionais.

Aprendemos com a primeira escola, da qual situamos no primeiro momento de discussão, que as várias (im)possibilidades de escolha profissional são fatores que produzem tensões na vida de jovens que estão sob regime de expectativas quanto a vida pós ensino médio. Essas tensões atravessadas em discursos de ansiedade, pressão, e debates relacionados ao campo da saúde mental são apenas analisadores para entender um funcionamento institucional do qual as escolas estão inseridas, e de um *modus operandi* de "prescrição" do futuro profissional que as juventudes estão pré-destinadas, que na maioria das vezes, em ter como única via o sucesso na vida por meio do ingresso na universidade/ensino superior.

Quando vivenciamos as atividades de oficina no Festival das Juventudes do Grande Bom Jardim, permitimo-nos a observar realidades territoriais outras, e que não se distanciaram das quais já estávamos habituados, mas sentimos na escuta das histórias e das reflexões tecidas por jovens dessas escolas o impacto das dificuldades maximizadas em virtude do período de pandemia ter se alastrado desde quando ela se iniciou. No início da pandemia ouvimos de estudantes as incertezas da continuidade das aulas e questões relativas ao futuro profissional. Agora, quando nos deparamos

com esse movimento mais recente, além das questões de ingresso no ensino superior, a sobrevivência é o imperativo de futuro de muitos dos jovens que ouvimos a tratar o tema de projeto de vida e mundo do trabalho. Esperamos que até o final do presente ano nosso projeto possa acontecer em meio de abraços seguros e de oficinas presenciais. Vacina já!

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e a FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, e pelo financiamento deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, RR, v. 2, n. 5, p. 56-62, abr. 2020. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/boca/article/view/AvelinoMendes>>. Acesso em 27 maio. 2021.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos *in* PASSO, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.
- CARNEIRO, S. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: **Selo Negro**, 2011.
- CEARÁ. Secretaria da Educação. **Chamada Pública Para Adesão ao Projeto Diretor de Turma**. Fortaleza, 12 de Janeiro de 2010.
- CONTINI, M. L. J. Discutindo o conceito de promoção de saúde no trabalho do psicólogo que atua na educação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 20, n. 2, p. 46-59, 2000.
- MANDELLI, M. T.; SOARES, D. H. P.; LISBOA, M. D. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n.spe, p. 49-57, 2020.
- MIRANDA, L. L.; FINE, M.; TORRE, M. E. Possible Connections Between Intervention Research (IR-Brazil) and Critical Participatory Action Research (CPAR-USA). **Trends in Psychology**, v. 28, p. 133-147, 2020.
- MIRANDA, L. L.; GONÇALVES, S. D.; BARROS, E. E. S.; GONÇALVES, L. T. L.; QUEIROZ, A. A. Jovens pesquisadores do cotidiano escolar: uma análise do processo de pesquisa. *In*: BARROS, J. P. P.; ANTUNES, D. C.; MÉLLO, R. P. (Org.). **Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos**: estudos do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. p. 264-283.
- PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: Melindres e meandros metodológicos; **Estudos e Pesquisas em Psicologia UERJ**, v. 10, n. 1, p. 85-102, 2010.
- SANTANA FILHO, M. M. Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia COVID-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50449>. Acesso em: 29 set. 2020.

## **CAPÍTULO IV**

# **O FAZER PSI NA ASSISTÊNCIA AO CORPO-MULHER COM DIAGNÓSTICO DE CÂNCER DE MAMA: PRÁTICAS POTENCIALIZADORAS DE NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÕES**

**Mayara Ruh Nishiyama Soares**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: mayararnishiyama@gmail.com*

**Fernanda Veras Vieira Feitosa**

*Universidade de Fortaleza*

*E-mail: fernanda.veras95@gmail.com*

**Thaís de Carvalho Costa**

*Centro Universitário Estácio de Sá*

*E-mail: thaiscarvalho76@gmail.com*

**Ricardo Angelo de Andrade Souza**

*Centro Universitário Estácio de Sá*

*E-mail: ricardoangeloesp@gmail.com*

**Raimunda Magalhães da Silva**

*Universidade de Fortaleza*

*E-mail: rmsilva@unifor.br*

## **INTRODUÇÃO**

No cenário mundial, a segunda neoplasia maligna mais comum e a principal causa de morte por câncer na população feminina é o câncer de mama. No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) considera a prevenção e o controle deste tipo de câncer uma das seis prioridades da gestão, pois nos últimos 20 anos, a doença tornou-se um problema de saúde pública (BRASIL, 2016). Em decorrência do seu diagnóstico tardio, o câncer de mama é a neoplasia com maiores taxas de mortes entre as mulheres brasileiras.

O presente trabalho surgiu a partir da inserção dos autores em um projeto de extensão que dão assistência a pacientes oncológicos, se fazendo urgente uma pesquisa teórica-literária, face à

problemática do câncer de mama e suas implicações na terapêutica, em sua alta incidência no Brasil e no mundo, bem como as possíveis mudanças que esse diagnóstico e tratamento podem ocasionar na vida da mulher, percebeu-se que a atuação do psicólogo possa ser significativa nesse processo.

Acredita-se que o acompanhamento psicológico, desde o diagnóstico de câncer de mama, da extirpação mamária e de todo o processo da terapêutica, pode marcar a vida dessas mulheres nos aspectos físicos, sociais e emocionais. A pesquisa ora proposta pode revelar os impactos que tanto a doença, quanto a terapêutica, bem como a atuação do psicólogo, acarretaram uma significância no enfrentamento da doença na vida desses indivíduos e de sua rede de apoio.

Diante do exposto, indaga-se: “Quais as contribuições da atuação do Psicólogo na assistência de mulheres com diagnóstico de câncer de mama na óptica da mulher? O que mudou na vida após o acompanhamento psicológico na percepção da mulher? Qual a repercussão do diagnóstico e da terapêutica para si?”

O presente estudo ancora sua relevância no fato de que é necessário que os profissionais envolvidos, a rede de apoio, possam compreender melhor os sentimentos marcantes nas diferentes fases, bem como as diferentes reações psicológicas que podem acompanhar esta alteração física e psíquica decorrentes dessa doença.

Trata-se de um ensaio teórico que tem como objetivo geral investigar as contribuições do Psicólogo na assistência a mulheres com diagnóstico de câncer de mama na óptica da mulher. Mais especificamente, temos como objetivos descrever a atuação do Psicólogo na oncologia, identificar os fatores emocionais envolvidos nas diferentes fases do diagnóstico e tratamento da neoplasia mamária e detectar os ganhos após as intervenções do Psicólogo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao buscarmos na literatura informações e conhecimentos sobre a atuação do Psicólogo na assistência a mulheres com diagnóstico de câncer de mama, expõe-se neste referencial o conceito, a etiologia e causas do câncer de mama, dados epidemiológicos, tratamento do câncer de mama, dentre outros aspectos.

## **COMPREENDENDO O CÂNCER DE MAMA E SUAS REPERCUSSÕES**

Muitas são as doenças que marcam a história do século XXI. Dentre elas, podemos citar o câncer de mama, que como outros tantos tipos de cânceres, surgem silenciosamente. Visualizado como um grupo de mais de 100 doenças que têm em comum um crescimento desordenado maligno de células que atingem os tecidos e órgãos, podem espalhar-se para outros órgãos e regiões do corpo, que variam dependendo de cada caso, podendo alguns ter um desenvolvimento mais rápido e

outros não (INCA, 2016; SANTOS, 2012).

O câncer ou neoplasias malignas vêm assumindo um lugar considerável entre as enfermidades que afetam a população feminina, tendo uma incidência no mundo e no Brasil como uma importante causa de mortalidade entre as mulheres acima de 35 anos, sendo considerado um problema de saúde pública (FONSECA; CASTRO, 2016).

O câncer de mama vem sendo representado como a neoplasia mais comum no sexo feminino, sendo a principal causa de morte por câncer entre as mulheres na atualidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ocorrem mais de 1.050.000 novos casos por ano em todo o mundo (BRASIL, 2018; OMS/OPAS, 2016).

A organização Mundial da Saúde (OMS) estima que mais de 70% das mortes por câncer de mama ocorram em países em desenvolvimento em decorrência de programas de combate ao câncer ineficientes ou inexistentes. A agência propõe quatro componentes básicos para um programa adequado de controle do câncer: prevenção (melhor serviço de saúde), detecção precoce (rastreamento populacional), diagnóstico e tratamento e cuidado paliativo incluindo apoio psicológico (OMS, 2016; BRASIL, 2018).

Por ser uma doença grave e de grande incidência e prevalência no nosso país, programas de rastreamento, diagnóstico precoce, instituição da terapêutica adequada e seguimento pós-tratamento devem ser implementados e adequadamente seguidos nos serviços públicos e privados brasileiros, de maneira a fornecer a melhor assistência para as pacientes acometidas, com a finalidade de controle do câncer de mama (LISBOA et al., 2015). Percebe-se assim, que o tratamento, e também o diagnóstico, geram várias mudanças físicas, psicológicas e de estilo de vida nas pacientes. Então, nesse sentido, é importante estarmos atentos aos possíveis impactos desse diagnóstico e de como se repercute na história de corpos-mulheres e no enfrentamento da doença.

## **IMPACTO DO DIAGNÓSTICO NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER**

Em um momento que precede a implementação de qualquer tratamento, a confirmação do diagnóstico do câncer de mama, por si só, pode desencadear um sofrimento psicológico acentuado a mulher, o qual, vale enfatizar, tende a afetar o seu universo de relações, levando-a a se aproximar ou se afastar daqueles que a cercam (MENEZES; SCHULZ; PERES, 2012).

O diagnóstico aos pacientes ocasiona várias mudanças. Além da concepção da saúde ter sido perdida, ocorrem alterações no domínio de caráter pessoal, familiar e social, posições anteriormente ocupadas pelo indivíduo e planos de vida, podendo ser transfigurados e atingidos. É frequente estar presentes respostas de temor, incertezas, ansiedade face à terapêutica, uma espera de sofrimento duradouro, e, além da sensação de ameaça a sua existência pelo cancro (ALVES; VIANA; SOUZA, 2017).

A enfermidade como um todo é acompanhada por sentimentos de ameaças que não é divergente no câncer e que também traz consigo um fardo emocional que são reveladas as fragilidades dos seres humanos. Sendo frequentes nos pacientes oncológicos, a existência do medo, um sofrimento estendido, de que chegara o fim de sua vida, além do temor que poderá sentir muitas dores, mutilações e abandono (BRUSCATO; BENEDETTI; LOPES, 2010).

O diagnóstico do câncer na maioria das vezes pode trazer um peso emocional e de fantasias que podem ser frutos dos medos e anseios dos pacientes, seja em relação ao tratamento, quer seja a todo o processo que perpassa desde a descoberta. Infelizmente esse diagnóstico é percebido pelo indivíduo, como algo aterrorizante em diversos aspectos de sua vida, pois traz consigo o possível fim da vida e limitações. Os familiares também podem sentir o peso desse diagnóstico sentindo afiliações, tristezas e medos em perder seu ente querido nessa caminhada frente ao câncer (BIFULCO, 2010; PINHEIRO et al., 2017).

O diagnóstico de câncer tem, comumente, um efeito destrutivo na vida do indivíduo que o recebe, seja pelo medo às transformações e desfigurações que os tratamentos podem acarretar, seja pelos temores da finitude ou pelas muitas perdas, no campo emocional, social e físico, que ocorrem corriqueiramente. Portanto, um olhar diferenciado e sensível ao impacto emocional causado pela doença é significativo no amparo ao paciente oncológico (SILVA, 2008).

## **ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS ENVOLVIDOS NA TERAPÊUTICA DO CÂNCER DE MAMA**

Embora não seja o objetivo nosso aprofundarmos a questão do tratamento, é necessário que possamos traçar um panorama de como que se dá o incurso da paciente assim que ele é diagnosticado com o câncer, e de como acontece esse tratamento, porque quer queira quer não, o Psicólogo que esteja envolvido, tem que ter noção sobre essa caminhada e essas etapas.

O tratamento do câncer na perspectiva cirúrgica como um todo, inclui modalidades conservadoras. Dependendo do procedimento a ser realizado, pode envolver retirada da mama total ou partes, podendo gerar uma diminuição na autoestima dessas mulheres (PINHEIRO et al., 2017; GAMA; COLOMBO, 2013).

A mastectomia é o tratamento primário, procedimento cirúrgico podendo se restringir ao tumor, alcançando tecidos próximos ou até a retirada da mama. A mastectomia radical modificada é a mais recorrente que representa 57% das intervenções realizadas e a aquela que remove toda a mama, onde são necessários tratamentos complementares, como a radioterapia, quimioterapia e hormonioterapia (SILVA, 2008).

A mulher, ao passar por procedimentos como a retirada da mama, tem a autoestima completamente afetada. Existem procedimentos cirúrgicos aliados à reestruturação da mama que

podem repercutir na melhora da autoestima e autoimagem. As cirurgias plásticas também denominadas de reconstrução mamária, apresentam um papel fundamental na melhora da qualidade de vida das pacientes acometidas pelo câncer (LAMARTINE, 2012; SANTOS et al, 2012).

A mastectomia é um procedimento invasivo e doloroso, tanto a nível físico, quanto psicológico, pois retira da pessoa um pedaço de si muito mais além do que apenas o corpo. Frente a isso, torna-se necessário a elaboração do luto daquela perda, ressignificando o sentido daquele órgão e, muitas vezes, da própria forma de existir, e de todo o processo ocasionado do tratamento do cancro dando condições de novas formas de se ver e estar no mundo (PEREIRA; BRAGA, 2016, FERREIRA; MAMEDE, 2003).

O tratamento da neoplasia mamária traz consigo consequências consideráveis no que se refere à visão da representação de sua mama no corpo feminino. Além do mais, a representatividade do sofrimento, dor extrema, mutilações, deformidades e o temor à morte, não são instintos quando acontece a retirada do tumor, devido haver medos de acontecer a metástase e da recidiva (SILVA, 2008).

Sabemos que, à frente das particularidades e implicações do câncer de mama, o tratamento é visto como algo que repercute muitas dores físicas e emocionais, pois os procedimentos necessários para a terapêutica são bastante invasivos, desencadeando efeitos colaterais, bem como mudanças no contexto de vida dessas pessoas, gerando limitações, traumas, angústias e desordem psíquica em alguns casos (FONSECA; CASTRO, 2016; SILVA, 2008).

Diante da complexidade e variabilidade dos problemas subsequentes do tratamento oncológico declarados em vários estudos na literatura, é importante levar em consideração não apenas os dados clínicos, mas também os fatores psicológicos, espirituais, econômicos e sociais que são atrelados ao câncer (SCANNAVINO, 2013).

A neoplasia mamária recai sobre um relevante símbolo corporal que representa a sexualidade, sensualidade, feminilidade, assim como a maternidade, repercutindo na saúde mental, bem como nos aspectos físicos desse indivíduo. Diante disso, por volta de duas décadas, a sociedade científica dedica-se em seus estudos um olhar sensível às questões mentais envolvidas a partir da doença (MENEZES; SCHULZ; PERES, 2012; SILVA, 2008).

O câncer tem sido a causa de morte de muitas pessoas, sendo fonte de medo pela sociedade. Por muitos anos, a própria palavra simboliza agouro, não podendo ser dita livremente. Com o passar dos anos, muitas foram as inovações na área da saúde que possibilitaram o tratamento de diversos casos e tipos de câncer, tornando altas as expectativas de cura, principalmente quando identificado de maneira precoce, embora ainda muitas são as vítimas alvos dessa doença (VIEIRA; LOPES; SHIMO, 2007).

Em muitos casos, o câncer de mama gera em certos pacientes, surpresas, medos, tensões e

desestruturação familiar. Essa descoberta pode revelar que a notícia dessa enfermidade a colocou em proximidade com as suas limitações no que diz respeito a sua existência, uma vez que o cancro revela a vulnerabilidade da conjunção humana (MENEZES; SCHULZ; PERES, 2012).

O câncer de mama é provavelmente o tipo de tumor que mais amedronta as mulheres, tanto por sua alta prevalência, como por seus efeitos psicológicos e físicos. O impacto causado pela doença está relacionado a seus possíveis efeitos, bem como ao convívio com a falta da mama e as consequências da mutilação para o relacionamento conjugal e social (CENISK et al., 2012).

Logo, tratar o câncer somente em sua estrutura física, foge do entendimento de cuidar-se da pessoa como um todo, na sua integridade, e compreender que saúde não é apenas um estado fixo de ausência de doenças, mas um processo na busca pela qualidade de vida e bem estar, onde o paciente é coadjuvante (VANDENBERGHE; SOUSA, 2006).

Em diversos casos, o paciente oncológico que carrega a enfermidade, priva-se e perde sua autonomia, se aflige com as mudanças em seu corpo, se distancia das suas relações em diversos contextos, se isola de práticas de lazer, e muitas vezes, apresenta sentimento de incapacidade, podendo levar esse indivíduo a ter alterações e desordens psicológicas (SANTANA; ZANIN; MANIGLIA, 2008).

O câncer pode trazer mudanças significativas na existência das pessoas devido o diagnóstico alterar estruturas que já foram estabelecidas e colocar no lugar de um ser ativo, um passivo, em seu modo de existir no mundo. Percebe-se como sendo necessário um tempo de ressignificações para o paciente, bem como para seu ciclo familiar no decorrer de sua terapêutica (VIEIRA; LOPES; SHIMO, 2005).

O câncer precisa ser refletido em toda a sua magnitude e totalidade. A mulher que é acometida por essa neoplasia tem sua estrutura corporal, imagem de si mesma, vida social e afetiva, modificadas em diferentes aspectos e dimensões de vida, sejam elas afetivas ou de relacionamentos (VIEIRA et al., 2005).

É importante pontuar que os seres humanos não se constituem apenas por uma imagem corporal ou uma estrutura física e concreta, sendo assim, o homem, um ser enigmático, que, para existir e pertencer a algo, passa por vários processos e dimensões que serão visto a seguir (PEREIRA; BRAGA, 2016).

Segundo os mesmos autores, a representação do corpo é uma imagem tridimensional do esquema corporal de um sujeito, sem levar em consideração os sistemas imaginários e sensitivos. Esse sistema de esquema é adquirido através dos nossos órgãos dos sentidos, não se tratando apenas de uma simples percepção, pois é ele que representa o indivíduo como um ser pertencente aos seres humanos, seja qual for o lugar, período ou contexto que esses indivíduos estiverem inseridos.

Nesse sentido, torna-se importante o trabalho a nível psicológico das mulheres envolvidas nesse quadro, compreendendo que a descoberta dessa doença pode acarretar uma série de problemas psicológicos e emocionais. Considerando esse quadro, observa-se a crescente importância nos últimos anos de voltar-se o foco sobre a pessoa/paciente, e não apenas para partes do seu corpo ou doença apresentada (MARTINS, 2013).

O indivíduo com câncer transporta em si particularidades e concepções negativas sobre a doença, o que interfere no processo de aceitação e recuperação. A proposta da assistência psicológica é uma ferramenta da Psicologia que tem como finalidade a prevenção e promoção à saúde, tanto de maneira individual, assim como coletiva, partindo de um olhar biopsicossocial desde o adoecimento e da terapêutica (MIRANDA, 2012).

Nesse sentido é importante conhecer qual o papel do Psicólogo em psico-oncologia na assistência a pacientes com câncer.

## **PAPEL DO PSICÓLOGO EM PSICO-ONCOLOGIA**

Recomenda-se que a assistência ao paciente oncológico seja realizada por uma equipe multidisciplinar com o intuito de oportunizar a esse indivíduo um tratamento de forma integral. Refletir sobre esse sujeito como um todo poderá ser um meio facilitador na comunicação entre as pessoas envolvidas nesse processo, sendo o Psicólogo um mediador no diálogo na dinâmica dessa caminhada (PEREIRA; BRAGA, 2016).

Os pacientes ao receberem o diagnóstico de uma enfermidade grave, muitas das vezes, recebem essa notícia como se estivessem soltos em seus destinos, sem ter para onde ir, de tal forma, que se deparam com dificuldades na tomada de decisões no que tange os percursos, desde a descoberta até como ser enfrentado (MENEZES; SCHULZ; PERES, 2012).

Sabe-se que as informações, esclarecimentos e mediações psicoterapêuticas providas aos pacientes, familiares e colaboradores e os atendimentos individuais e/ou grupais é de suma relevância. Ao se trabalhar psicologicamente suas dores e medos, os pacientes manifestam melhorias na diminuição dos fatores estressores, equilibrando o humor e inquietações na qualidade de vida, dando a oportunidade de lidar melhor na maneira que se encontram com as mudanças e situações (SCANNAVINO, 2013).

A inserção do psicólogo no grupo de profissionais que dão assistência a pacientes oncológicos é significativa. O trabalho que eles executam vem sendo, no que diz respeito ao acolhimento do sofrimento ocasionado por todo o processo desde a descoberta do câncer, podendo potencializar reflexões do atual momento de vida que eles se encontram, reavendo o seu lugar de estar no mundo, para que o paciente tenha a possibilidade de seguir olhando para si mesmo, para além da doença (PEREIRA; BRAGA, 2016).

É de suma importância o ramo de Psico-oncologia na psicologia, em especial quando se olha o contexto dessa enfermidade na atualidade. Frente a dor que evidencia o progresso da doença, o Psicólogo representa um profissional substancial, visto que este poderá possibilitar um lugar de escuta ativa, hospitalidade e reflexão tanto para além do indivíduo, familiares e rede de apoio, bem como profissionais envolvidos (FONSECA; CASTRO, 2016).

O câncer em toda a sua repercussão física e psicológica faz com que os indivíduos envolvidos se sintam confusos e resistentes. O profissional de Psicologia pode assessorar nas tomadas de decisões, preparando esses indivíduos para decisões que estão por vir, como procedimentos evasivos e dolorosos a serem enfrentados, confrontar as sequelas dos pacientes, promoção na qualidade de vida, reavaliação de novos valores para retomar futuras atividades, família e vida social ou para finitude (SCANNAVINO, 2013).

Os psicólogos colaboram nesse processo como mediadores no reconhecimento dos temores, interrogações e esperanças dos pacientes, podendo oferecer um lugar de escuta ativa e eficaz, bem como um suporte a nível psicológico, lembrando também o trabalho realizado com os familiares e profissionais envolvidos, sendo de suma relevância a esses pacientes desde o diagnóstico (ALVES, SILVA E VIANA, 2017).

A assistência psicológica se torna relevante uma vez que possibilita ajudar o paciente a dar um novo sentido a seu estado atual, fornecendo apoio preciso nas diferentes ocasiões que possam aparecer do decorrer da doença. Portanto, a Psico-oncologia assistirá o sujeito a buscar formas de enfrentamento na recente realidade, oportunizando que o paciente veja novos caminhos (SILVA; BOAVENTURA, 2011).

No acolhimento a pessoas com certa enfermidade crônica, assim como o câncer, as atribuições do Psicólogo podem possibilitar o ajustamento dos limites, das modificações impostas pela doença e da aceitação ao tratamento, sendo ponte como forma de lidar com as dores e estresses que são associados a essa neoplasia bem como todos os procedimentos que se fazem necessários nesse processo (SCANNAVINO, 2013).

Com relação ao apoio psicológico nas etapas da terapêutica do câncer, é de sumo valor para o paciente ter a possibilidade de uma reflexão acerca de sua nova condição e das alterações em sua vida em decorrência da doença, podendo o Psicólogo dar uma assistência direcionada sobre a patologia, esclarecendo dúvidas que poderão ir surgindo no decorrer do processo (PEREIRA; BRAGA, 2016).

A atuação do Psicólogo poderá fazer o uso de recursos como escuta ativa e focada, psicoterapia breve para assistir a mulheres acometidas por câncer de mama. Sua intervenção nesse caminho é favorável, pois a totalidade das expressões das queixas, bem como o partilhar e a troca de vivências e sentimentos que estão relacionados a doença e a sua terapêutica, propende a redução

dos níveis de inquietações e fomenta a novos caminhos de mudanças (MENEZES; SCHULZ; PERES, 2012).

Partindo da interdisciplinaridade em que vários profissionais são envolvidos, podendo estabelecer uma relação de completude em seus afazeres entre si e para com esse paciente, favorecendo nas intervenções humanizadas e técnicas no ato de cuidar desse sujeito, tendo uma visão de reabilitação para além do físico (SCANNAVINO, 2013).

A atuação do profissional de Psicologia pode ser visualizada como um modo de tratamento, sendo imediatamente iniciada após o diagnóstico e declaração da conduta terapêutica oncológica, dando a possibilidade de fazer uma avaliação inicial para com o paciente após uma avaliação continuada estendendo para os familiares próximos, a fim de estreitar a rede de apoio para ele, de forma que o indivíduo se sinta acolhido nessa nova etapa de sua existência (FIOCRUZ, 2015).

Os impactos psicológicos decorrentes do câncer, por si só, justificam a relevância de se oferecer apoio a mulheres. O psicólogo surge nesse lugar como figura de suporte para que o adoecimento mental experienciado pelo indivíduo possa ser manifesto. De modo geral, a ideia é conceder que a mulher vivencie não apenas cada uma das fases do diagnóstico e tratamento, mas também cada resposta emocional que vão surgindo (RODRIGUES et al., 2017).

A maneira como o profissional de saúde está com o paciente, pode repercutir em como o indivíduo vai se colocar durante o percurso da doença seja na aceitação ou no tratamento. Devendo haver um maior preparo por parte dos envolvidos no que diz respeito a estar presente com o indivíduo, transmitir segurança, cabendo a eles levantar estratégias de minimização a situação e fornecer ainda suporte e solidariedade ao paciente (FERREIRA et al., 2011).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O paciente com câncer de mama, desde o diagnóstico e da caminhada de sua terapêutica, se depara com variados sentimentos e mudanças de caráter físicos, psicológicos e sociais. O contexto de vida dessas mulheres, muitas das vezes, são rodeados por sensações de perdas, mudanças e medos. Sejam elas de perdas de um corpo saudável, posições no corpo social e familiar, mudança na visão de feminilidade e física, e um dos maiores medos enfrentados é o de passar pelo tratamento e acabar chegando a finitude de sua existência.

Quanto a atuação do profissional de psicologia, podemos destacar, como exercício, primeiro, a minimização do sofrimento desses indivíduos, tendo uma escuta ativa para suas angústias, aflições, medos e anseios, e assistindo no enfrentamento da doença e aceitação da terapêutica. As intervenções do Psicólogo não se restringem apenas ao paciente, mas também a rede de apoio, desde familiares e profissionais envolvidos, no acolhimento, apoio psicológico frente aos

sentimentos enfrentados, proporcionando uma melhor aceitação a “todo” caminho a ser percorrido, oportunizando aos pacientes melhoras em sua forma de viver dentro das possibilidades existentes.

O Psicólogo é visualizado como um instrumento de humanização, suporte, âncora, acolhimento, que facilita na criação de métodos de ajustamento e enfrentamento do câncer de mama, viabilizando bem estar e diálogo entre paciente, família e profissionais envolvidos oportunizando um acompanhamento humanizado.

Sendo assim, o presente artigo, se justifica por contribuir na construção do saber teórico-científico, trazendo reflexões, informações que possam colaborar em novas pesquisas, ações, políticas, e para auxiliar de forma estratégica na saúde, melhor qualidade de vida e enfrentamento a essas mulheres que são diagnosticadas com câncer de mama.

## REFERÊNCIAS

ALVES, G.S.; VIANA, J.A.; SOUZA, M. F. **PSICO-ONCOLOGIA: Uma aliada no tratamento de câncer**. Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 3, n. 5, jan./jun. 2017 – ISSN 2448-0738.

BIFULCO, V. A. **Psico-oncologia: Apoio emocional para o paciente, a família e a equipe no enfrentamento do câncer**. In: BIFULCO, Vera Anita; JÚNIOR, Hézio Jadir Fernandes; BARBOSA, Alessandra Bigal. Câncer: uma visão multiprofissional. Barueri, SP: Minha editora, 2010. Cap.11, p. 231-244.

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação Geral de Ações Estratégicas. Coordenação de Prevenção e Vigilância [Internet]. Estimativa 2018: Incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA; 2018. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2018/>.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Estimativa 2018: incidência de câncer** no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2016. 98p.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Câncer de mama: é preciso falar disso**. 4 ed. Rio de Janeiro: INCA, 2016. 20f. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2017/10/cartilha-cancer-de-mama-vamos-falar-sobre-isso-2016-web.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2018.

BRUSCATO, W. L; BENEDITTI, C; LOPES, S. R. de A. **O trabalho em equipe multiprofissional na saúde**. In: BRUSCATO Wilze Laura; BENEDITTI, Carmem; LOPES, Sandra Ribeiro de Almeida. A prática da Psicologia Hospitalar na Santa Casa de São Paulo: novas páginas em uma antiga história. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. Cap. 2, p. 33-42.

CESNIK, V. M; SANTOS, M. A. **Desconfortos físicos decorrentes dos tratamentos do câncer de mama influenciam a sexualidade da mulher mastectomizada?** Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 1001-1008, Aug. 2012.

FERREIRA, D. de B et al . **Nossa vida após o câncer de mama: percepções e repercussões sob o olhar do casal**. Rev. bras. enferm., Brasília , v. 64, n. 3, p. 536-544, June 2011 .

FONSECA, R.; CASTRO, M. **A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO A PACIENTES COM CÂNCER: uma abordagem psico-oncológica.** Psicologia e Saúde em debate, v. 2, n. Ed. Esp. 1, p. 54-72, 1 out. 2016.

LAMARTINE, J. JUNIOR, J. **Reconstrução mamária com retalho do músculo grande dorsal e materiais aloplásticos: análise de resultados e proposta de nova tática para cobertura do implante.** Rev. Bras Cirurgia Plástica. 2012;27(1):58-66.

MENEZES, N. N. T.; SCHULZ, V. L.; PERES, R. S. **"Impacto psicológico do diagnóstico do câncer de mama: um estudo a partir dos relatos de pacientes em um grupo de apoio."** Estud. Psicol. v.17, n.2, pp.233-40, 2012.

MIRANDA, A.B.S. **A Importância da Assistência Psicológica em Pacientes Oncológicos.** Departamento de Psicologia. Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Teresina, 2012.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPA)/ Organização Mundial da Saúde (OMS). **Controle do câncer: conhecimento em ação, guia da OMS para programas eficazes. Diagnóstico e Tratamento.** OMS/OPAS; 2016.

PINHEIRO, C.P.O.; FERNANDES, A.F.C.; SILVA, R.M. **Câncer de mama: políticas e práticas na rede de atenção à saúde.** Editora: CRV. 1ed. 2017.

PEREIRA, D.; BRAGA, A.M. **A mastectomia e resignificação do corpo feminino.** Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador, 2016.

RODRIGUES, N. S et al. **Importância do acompanhamento Psicológico em mulher mastectomizada: artigo de revisão.** Arquivos Catarinenses de Medicina, v. 46, n. 1, p. 164-172, jul. 2017. ISSN 18064280.

SANTANA, J. J. R. Alves de; ZANIN, C. R; MANIGLIA, J. V. **Pacientes com câncer: enfrentamento, rede social e apoio social.** Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p. 371-384, 2008.

SANTOS, N. P. **"Avaliação do nível de dor em pacientes submetidos a cirurgias plásticas estéticas ou reparadoras."** Rev Bras Cir Plást 27.2 (2012).

SCANNAVINO, C. S. S. et al. **Psico-Oncologia: atuação do psicólogo no Hospital de Câncer de Barretos.** Psicol. USP, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 35-53, Apr. 2013.

SILVA, R; BOAVENTURA, C. B.F. **Psico-oncologia e Gestalterapia: uma comunicação possível e necessária.** Revista abordagem Gestalt, Goiania, v. 17, n. 1, p. 37-46, 2011.

SILVA, L. C. da. **Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino.** Psicol. estud., Maringá, v. 13, n. 2, p. 231-237, June 2008.

VIEIRA, C. P; LOPES, M H. B.; SHIMO, A. K. K. **Sentimentos e experiência na vida das mulheres com câncer de mama.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2007.

## **CAPÍTULO V**

### **A MULHER NO MANICÔMIO: UMA ANÁLISE FÍLMICA SOBRE AS PACIENTES DO HOSPITAL COLÔNIA**

***Bruna Souza de Oliveira***

*Centro Universitário UniFametro*

*E-mail: oliv.sbruna@gmail.com*

***Yasmin Alves Freitas***

*Centro Universitário Unifanor*

*E-mail: yasminalves1996@gmail.com*

***Sara Guerra Carvalho de Almeida***

*Centro Universitário Unifametro*

*E-mail: sara.almeida@professor.unifametro.edu.br*

***Diva Rodrigues Daltro Barreto***

*Centro Universitário Unifanor*

*E-mail: diva.barreto@unifanor.edu.br*

## **INTRODUÇÃO**

Como premissa para se discutir sobre questões de análise sobre o gênero e sobre a loucura, é necessário realizar um recorte para a compreensão das perspectivas associadas a história manicomial no Brasil, assim que, ao falarmos do documentário “Hospital Colônia – Um campo de concentração”, temos um conteúdo cinematográfico que evidencia o contexto das internações manicomiais da época.

Em seu título, o documentário estabelece referência aos campos de concentração nazistas, tendo em vista as condições do ambiente e os abusos sofridos pelos sujeitos ali internados, que eram destituídos de sua condição de humanidade. Fundado em 1903, localizado na cidade de Barbacena, no estado de Minas Gerais, o hospital que se tornou conhecido como local do Holocausto Brasileiro, servindo de palco para inúmeros atos violentos e transgressores contra a dignidade humana.

O documentário além de denunciar a crueldade do modo de encarar e tratar a loucura, aborda ainda as motivações relacionadas à exclusão daqueles que eram nomeados loucos pela

sociedade. As histórias e identidades dos sujeitos que adentravam o hospital se cruzavam e passavam por um processo torturante de aniquilação das suas subjetividades.

Ao pensarmos nas práticas manicomiais, é necessário se ater ao processos de manejo e tratamento do sujeito tido como louco, as práticas exercidas pela sociedade brasileira da época, consistia em retirar o indivíduo de seu convívio social, excluindo-o de qualquer autonomia sobre si, sobre seus direitos e dignidade. Atualmente, de acordo com o levantamento feito por Pegoraro e Caldana (2008), as normas adotadas pelo SUS, (Brasil 2002), estabelecem que os cuidados voltados à saúde mental devem possuir por premissa, o sujeito dentro de seu contexto social, delegando importância aos cuidados dispensados para além do saber médico biológico, considerando também seus aspectos psicológicos e sociais.

De acordo Scott (1990), ao encarar o gênero como categoria útil de análise histórica, nos cabe explorar o gênero de forma mutável inserido em um contexto, considerando-o um fenômeno histórico construído, reinventado e reproduzido de formas diversas ao longo do tempo.

Com isso é importante destacar aqui a especificidade da relação da mulher cisgênero, ou seja pessoa que identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer (JESUS, 2012), inserida no ambiente manicomial e sua classificação como louca, de modo a entender como as relações de gênero influenciavam tal ação.

Assim, neste trabalho será utilizada a definição de gênero de acordo com Joan Scott, a qual considera este como sendo como unidade característica de relações sociais baseadas nas diferenças construídas entre os sexos, sendo este o primeiro modo de dar significância nas relações de poder, e categoria essencial para estudar a história, uma vez que as mulheres e os homens experienciam está de formas diferentes (SCOTT, 1990).

Neste contexto, este trabalho objetiva discutir as relações de gênero que influenciaram as concepção de loucura na internação de mulheres em Hospitais psiquiátricos. Além disso, busca refletir sobre as relações de poder e de controle sobre o corpo feminino nestes espaços.

## **MÉTODO**

Este trabalho consiste em uma análise fílmica do documentário "Hospital Colônia - um campo de concentração no Brasil". Apresentado pela emissora brasileira de televisão Record, no programa "Domingo Espetacular", contém 41 (quarenta e um) minutos e 55 (cinquenta e cinco) segundos de duração. O gênero trata-se de um documento cinematográfico desenvolvido a partir da representação do ponto de vista de interlocutores. Foi necessário levar em consideração variáveis internas e externas para a formulação de uma análise concreta, sendo elas as questões políticas, culturais, sociais e econômicas da época e região em questão. (PENAFRIA, 2009)

Compreende-se análise fílmica como um processo de investigação que seleciona um material cinematográfico e desenvolver um conteúdo crítico-analítico. De acordo com Mombelli e Tomaim (2015), na análise fílmica são consideradas dois aspectos primordiais: os aspectos internos, com foco nos elementos audiovisuais; e os aspectos externos que dizem a respeito aos contextos de época, onde estão sendo ambientados a produção, e que são representados mediante ao roteiro.

Partindo dessa premissa, o processo metodológico utilizado neste trabalho para estudar a categoria, leva em conta a compreensão da ação de análise implicada em duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, em outras palavras, descrever e, em seguida estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (GOLLOT-LÉTÉ; VANOYE, 1994).

As categorias foram definidas mediante as representações destacadas no documentário sobre as situações que desencadeavam à internação de mulheres no chamado Hospital Colônia. Os resultados apresentados a seguir correspondem às condições sociais do público feminino da época; os estigmas existentes entre a loucura e o gênero feminino; e a relação de poder sobre o corpo feminino no âmbito manicomial.

Para a discussão dos resultados foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos e obras literárias, referentes aos estudos sobre a loucura e o gênero feminino; e estudos da psicologia sobre as práticas manicomiais exercidas em relação à mulher.

Diante dos resultados encontrados, o trabalho apresenta a discussão em três tópicos: 1) O contexto sócio-histórico da mulher cisgênero e a institucionalização da loucura; 2) A categorização da loucura com o gênero feminino; 3) Relação de poder sobre o corpo feminino no âmbito manicomial.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **O contexto sócio-histórico da mulher cisgênero e a institucionalização da loucura**

O início do documentário tem o intuito de apresentar o local que foi o centro de torturas. Misturando imagens antigas com atuais, o tour cinematográfico revela que antes que o prédio sofresse com as ações erosivas do tempo, já se mostrava precário para suportar o grande número de pessoas que frequentemente eram encarceradas entre suas paredes. O documentário expõe que dentre as milhares de pessoas que foram levadas de trem para o hospital assim como no holocausto nazista, mais de 60 mil foram mortas.

A jornalista, escritora e documentarista, Daniela Arbex, se dedicou em pesquisar a história do hospital colônia, sua dedicação resultou no livro *Holocausto Brasileiro*, lançado em 2019 pela editora Intrínseca. O título é inspirado nos campos de concentração nazistas, por conta da

semelhança encontrada tanto nos relatos de sobreviventes como nos documentos referentes ao hospital. O livro relata as vivências dos pacientes e funcionários, e serve como referência para o documentário aqui analisado.

Daniela é uma das entrevistadas no média-metragem, e com base em suas pesquisas, relata algumas das principais causas que levavam as pessoas a serem internadas no hospital: “Eram enviados para o Colônia pessoas que haviam perdido o documento, prostitutas, mães solteiras, meninas que haviam perdido a virgindade antes do casamento ou que se rebelavam na família por algum motivo[...]” (Hospital Colônia - um campo de concentração no Brasil, 2:36 min).

A partir desse recorte podemos observar algumas das razões pelas quais as mulheres eram internadas, e isso apresenta uma prevalência de motivações relacionadas às condições associadas ao gênero feminino. Afinal, a mulher foi definida historicamente como um ser cuja a própria existência era determinante para a auto condenação no estado de inferioridade, social e moral (DEL PRIORE, 2010), fato que tornou justificável as violações a elas direcionadas, como serem internadas no Hospital Colônia.

Ao longo da história, tais violações direcionadas às mulheres, aparecem de diferentes formas e em diferentes contextos e quando relacionada à loucura, tem como premissa a existência de características ou aspectos que foram e ainda são vinculados a condições de seu sexo ou gênero. Durante séculos, diversas culturas, religiões, e supostos saberes científicos atribuem a existência da loucura às mulheres pela diferença e especificidade de seus órgãos reprodutores, por expressarem suas emoções ou por simplesmente existirem (DEL PRIORE, 2010; ENGEL, 2006; PEGORARO e CALDANA, 2008).

Outro entrevistado é o psiquiatra Jairo Furtado de Toledo, vice-presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina, o qual expõe quem foram aqueles que detinham a responsabilidade de determinar quem deveria ser internado. “Quem mandava era o poder da região [...] o padre, o delegado, o prefeito o vereador[...]” (Hospital Colônia - um campo de concentração no Brasil, 3:20 min)

Com isso a compreensão de que segundo Joan Scott (1990), gênero é uma forma de dar sentido às relações sociais de poder as quais são baseadas nas diferenças socialmente percebidas entre os sexos, nota-se que não se trata somente das diferenças entre corpos femininos e masculinos.

Na época na qual o documentário retrata o Hospital Colônia, de 1950 à 1980, o acesso de mulheres a locais de poder era extremamente restrito, um exemplo é o fato de que desde 1930 a 2000, segundo as informações divulgadas pela prefeitura do local em seu portal virtual, nenhuma mulher foi eleita como prefeita de Barbacena, tornando a decisão de determinar quem seria mandado para o sanatório uma responsabilidade quase que totalmente masculina.

O documentário instiga a reflexão acerca do porquê da presença dessas mulheres como pacientes do Hospital. E ainda sob uma visão analítica de contexto social expõe o quanto é nociva para toda uma classe de pessoas, a noção de que enquanto que para as mulheres é designado socialmente um papel de serventia e submissão, para os homens é designado um local nobre, com funções e tarefas consideradas poderosas e importantes, como a responsabilidade de negar e punir aqueles que não se comportam de forma condizente com o esperado do papel de gênero designado para si (WELZER-LANG, 2001).

## **A CATEGORIZAÇÃO DA LOUCURA COM O GÊNERO FEMININO**

Tendo em vista que a ideia de loucura possui diferentes arranjos e noções sociais que são baseadas nas funções socialmente estabelecidas para o gênero, o documentário expõe as motivações que levavam as mulheres a serem internadas no hospital.

Prostitutas, mães solo, aquelas que tiveram relações sexuais antes ou fora do casamento, mulheres sexualmente violadas ou que se rebelavam contra a família, todas essas pessoas eram consideradas loucas pois, tal como afirma Pessotti (1994), não estavam obedecendo a moral social estabelecida para seus corpos.

No final do século XIX, a sociedade brasileira passa por transformações profundas e intensas em sua organização social. Após a proclamação da república, seguindo os desejos da classe dominante, se tem uma definição de novas formas de disciplinarização e repressão dos corpos e mentes, utilizando de novos padrões de moralidade para comportamentos sexuais, afetivos e sociais (ENGEL, 2006).

Essas novas formas de disciplinarização e repressão, tomam forma com a medicina, que como instância de saber e poder, alia a loucura à doença mental, instaurando a percepção de que o louco é incapaz e/ou perigoso. E por meio da medicalização da loucura e da internação desses indivíduos loucos, se tem uma sucedida disciplinarização dos sujeitos (BOAS, 1993).

Ao passo que o modo de produção capitalista foi se aliando com a psiquiatria, o poder médico encarregado da loucura, abriu-se caminho para que a utilidade dos corpos e a produtividade dentro da sociedade se tornassem também elementos classificatórios para a existência de doenças ou de elementos determinantes para internação. Essa nova organização social somada à crença disseminada copiosamente, por escritores, médicos, psiquiatras, de que a mulher era um ser obscuro, imprevisível e contraditório, aos poucos, toma configurações de verdade científica, com a comprovação dos avanços dos saberes na época (DEL PRIORE, 2010).

E assim, "a mulher transforma-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegura o

cumprimento do seu papel social de esposa e mãe." (ENGEL, 2006). Com isso as relações de gênero ditavam os papéis sociais nos quais estavam submetidas as mulheres, e de acordo com Cunha (1998), quando havia abdicação destes papéis sociais, considerados naturais, a mulher estaria fadada à loucura, uma vez que estas fugiam das noções de civilidade e normalidade existentes.

É necessário ressaltar aqui que a moralidade exercia grande influência na época em que o Hospital Colônia era ativo, a qual fica clara com a exposição que o documentário faz das razões pelas quais as mulheres eram internadas, as quais foram acima citadas.

Ao colocarmos em perspectiva os estudos da psicologia sobre a saúde mental e a feminilidade, Pegoraro e Caldana (2008) trazem que durante a história, a loucura foi categorizada e associada a diversos comportamentos e estereótipos, contudo quando falamos especificamente da mulher, essa condição é, em sua maioria, relacionada a sexualidade ou a condições relativas ao gênero feminino.

As autoras destacam que desde o Antigo Egito, a presença do útero ou do sangue menstrual, determinavam a culpa pela existência da loucura, com o passar do tempo, outras características foram sendo somadas ao grupo de condições determinantes para a presença de transtornos psicológicos (PEGORARO e CALDANA, 2008).

Assim, mulheres que de alguma forma desobedeceram a ordem moral, passaram a ser enquadradas no grupo das loucas, como visto no documentário, e por desobedecer a ordem moral, entende-se por aquelas mulheres que mentiam, traíam seus maridos, abortavam, ou simplesmente não se submetiam a dominação masculina (PESSOTTI, 1994).

## **RELAÇÃO DE PODER SOBRE O CORPO FEMININO NO ÂMBITO MANICOMIAL**

Diante dos diversos estereótipos empregados sobre as condições comportamentais exigidas da mulher perante a sociedade e das postulações que as ciências médicas apresentavam em relação ao gênero feminino, Engel (2006) vem nos falar que a psiquiatria em seus estudos base estabeleceu muitos estigmas sobre o corpo feminino, atrelando ao período menstrual, o momento do ciclo de vida feminino em que a mulher pode estar sujeita a manifestação de transtornos psicológicos.

E ressalta que através da maternidade se teria um momento propício para a cura ou intensificação desses transtornos, ou seja, o corpo feminino segundo a autora, é associado à loucura através de uma ideia do que se é esperado sobre esse corpo e isso se reflete também em termos de compreensão da sexualidade feminina. Partindo dessa premissa podemos destacar a existência de relações de poder dentro do contexto manicomial que revelavam o uso dos papéis sociais atribuídos à mulher como maneira de regular seus corpos, bem como sua conduta.

Tal observação, realizada a partir dos estudos da psicologia sobre a saúde mental das mulheres dentro dos hospitais psiquiátricos, destaca que: “a mulher é historicamente diminuída, aprisionada à uma ideia esperada de corpo e sexualidade, enquanto ao homem é atribuída a razão” (SILVA e GARCIA, 2019, p 42-52).

Podemos então entender que de acordo com Chesler (1972) o corpo e uso da sexualidade feminina voltados ao prazer eram vistos como moralmente desviantes e proibidos e as práticas no manicômio deveriam visar o controle deste corpo, encaixando a vivência da sexualidade feminina à moralidade da época.

As expectativas que eram atribuídas às mulheres permaneciam também dentro do ambiente manicomial, tendo em vista que da mulher era esperado zelo para com o lar e as atividades domésticas, o manicômio adotava práticas de afazeres da casa somente para as mulheres, esperando assim as devolver a um estado de sanidade.

Tal como afirma Cunha (1986), as disparidades de tratamento entre homens e mulheres se dava ao atribuir atividades domésticas com fins curativos somente a estas, reforçando os papéis atribuídos pela sociedade. O autor continua afirmando ainda que, considerando os diferentes parâmetros utilizados para determinar a mulher e ao homem como loucos, assim também se diferencia o tratamento entre estes, a mulher não é vista sendo dotada de subjetividade, do contrário, está sempre em relação ao outro, em uma condição de subserviência, tal como se acreditava ser naturalmente.

O corpo feminino em um âmbito manicomial, que inicialmente se encontra fragilizado pelas concepções da loucura, passa a ser submetido a situações privativas de existência, o Hospital Colônia a princípio, segundo apresentado no documentário, mantinha um espaço para abrigar homens e outro para mulheres, mas com o passar do tempo e com as grandes quantidades de internações que o local admitia, esses espaços foram ficando escassos no local, que passou a manter os internos reunidos conforme as condições psiquiátricas categorizadas. Desse modo, o espaço individual das pacientes ficava restrito não só às condições morais a respeito do corpo feminino, mas também às condições sanitárias mínimas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Utilizando das informações contidas no documentário “Hospital Colônia – Um campo de concentração”, o presente trabalho buscou questionar a loucura atravessada por aspectos de conduta, considerados dentro da moral. Analisou, também, a maneira como as relações de gênero e os papéis sociais atribuídos à mulher estão diretamente ligados à sua inclusão/exclusão do convívio em sociedade através do manicômio. As discussões estabelecidas fazem um diálogo entre a

Psicologia e outras ciências sociológicas a respeito das concepções de saúde mental a partir do contexto social da loucura.

Durante a revisão bibliográfica foi observada a pouca produção científica da Psicologia interligadas com a saúde mental, o gênero feminino e os estigmas sociais. Por isso, foi necessário relacionar textos sociológicos com os processos observados no documentário.

Conclui-se que trabalhar as vivências femininas, entendendo gênero como categoria de análise histórica, retrata os processos intersubjetivos que são constituintes das vivências sociais e suas atribuições estigmatizadas sobre as mulheres. Assim, é destacado que estereótipos e violências contra o gênero feminino se tratam de um construto social, passíveis de desconstrução e reformulação.

Levando em consideração os aspectos existentes em condições de sofrimento psíquicos provenientes do meio social em que se está inserido, é viável observar os resultados obtidos através desse diálogo entre as ciências sociológicas e as ciências da saúde, elaborando assim um meio de difundir um elo de compreensão e relevância social que seja capaz de focar suas ações em contextos onde o subjetivo e o intersubjetivo se alinhem em prol da manutenção e promoção de saúde mental.

## REFERÊNCIAS

- BOAS, C. T. V. **Para ler Michel Foucault**. Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, 1993.
- CHESLER, Phyllis. **Women and Madness**. New York: Doubleday, 1972
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- CUNHA, M. C. P. **De historiadoras, brasileiras e escandinavas: loucuras, folias e relações de gêneros no Brasil (século XIX e início do XX)**. Tempo, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 181-215, 1998.
- Del Priore, Mary (2010). Por dentro do corpo feminino: uma viagem ao passado. **Espaço Plural**, XI(23), 11-19. ISSN: 1518-4196. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=4459/44594436500>.
- ENGEL, Magali. **Psiquiatria e Feminilidade**. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 322-361
- Ex-Prefeitos. Portal da Prefeitura Municipal de Barbacena - **Secretaria Municipal de Comunicação**, 2012. Disponível em: <http://barbacena.mg.gov.br/2/ex-prefeito/>. Acessado em: 23 de Jun. 2020
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012
- MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. D. S. **Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos**. Lumina, v. 8, n. 2, 27 jan. 2015.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes: Conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**, 6, 2009, Lisboa. Anais eletrônicos... Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>.

PEGORARO, Renata Fabiana; CALDANA, Regina Helena Lima. Mulheres, loucura e cuidado: a condição da mulher na provisão e demanda por cuidados em saúde mental. **Saúde soc.**, São Paulo, v.17, n.2, p.82-94, June 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902008000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000200009&lng=en&nrm=iso).

PESSOTTI, I. A doutrina demonista. In \_\_\_\_\_: **A loucura e as épocas**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. p. 83-120.

SCOTT, Joan W. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. Traduzido pela SOS: **Corpo e Cidadania**. Recife, 1990

SILVA, T. D. M. GARCIA, M. R. V. Mulheres e loucura a (des)institucionalização e a (re)invenção do feminino na saúde mental. **Revista Psicol. Pesqui.** Juiz de Fora, v 13, n 1, 42-52, Janeiro-Abril de 2019

VANOYE, F; GOLLIOT-LÉTÉ, A.. Ensaio sobre a análise fílmica. 5 ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: **Papyrus**, 2008:1994.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460, jan. 2001. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200008>.

## **CAPÍTULO VI**

### **ESPAÇOS (DE)FORMATIVOS EM PSICOLOGIA - ESTUDOS SOBRE GÊNERO, CORPO, SEXUALIDADE E CLÍNICA LGBTTQIA+**

**Rodrigo Lima Bandeira**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: rodrigobandeira@alu.ufc.br*

**Caio Lucas do Carmo Prado**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: clucasprado@gmail.com*

**Camila Ribeiro de Oliveira**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: camirsdeo@gmail.com*

**Mayara Ruth Nishiyama Soares**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: mayararnishiyama@gmail.com*

**Raimundo Cirilo de Sousa Neto**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: xrcirilo@gmail.com*

**Liana Rosa Elias**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: liana.elias@ufc.br*

## **INTRODUÇÃO**

Segundo relatório elaborado pelo Grupo Gay Bahia (GGB), ocorreram em 2019, 329 mortes violentas de pessoas LGBTTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais e outros grupos) no Brasil, das quais 297 foram por homicídio (90,3%) e 32 por suicídio (9,7%). Tais dados apontam para a preocupante estimativa de que a cada 26 horas uma pessoa LGBTTQIA+ morre de forma violenta no Brasil, o que torna nosso país o primeiro no

nefasto ranking mundial de crimes contra minorias sexuais e de gênero. No ano referido, o Nordeste liderou como a região mais homotransfóbica do país, registrando 35,5% das mortes, seguido pela região Sudeste (29,7%) (OLIVEIRA; MOTT, 2020).

No boletim Nº 03, de 25 de junho de 2020, elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), consta que apenas no primeiro semestre de 2020 o Brasil atingiu 89 assassinatos de travestis e transexuais, com aumento de 39% em relação ao mesmo período do ano anterior, que computou 64 assassinatos. No mesmo período, foram registrados 14 suicídios, enquanto que em todo o ano de 2019 foram localizados 19 casos. De acordo com o mesmo boletim, 94,8% da população trans afirmam terem sofrido algum tipo de violência motivada por discriminação devido a sua identidade de gênero (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2020).

Os dados recolhidos através de denúncias via Disque Direitos Humanos - Disque 100 -, o qual registra denúncias de violências contra minorias, apontaram que em 2019 a maior parte das denúncias advindas de pessoas LGBTTTQIA+ estavam atreladas a algum tipo de violência psicológica ou discriminação (EQUIPE DA OUVIDORIA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 2019). Em um estudo realizado pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) mostra que 85,7% dos homens trans já pensaram ou tentaram cometer suicídio (SOUZA, *et. al.*, 2015). Tal problema se evidencia ainda mais, pois encontram-se inúmeras dificuldades em mapear casos de suicídios entre a população LGBTTTQIA+, já que, além dos relatórios oficiais só reportarem casos exitosos ou que necessitaram de internação, eles não dispõem de informações acerca da sexualidade ou identidade de gênero das vítimas, apenas dados referentes ao sexo, por isso estima-se que esse número seja muito maior.

Até agora, neste texto, utilizamos cerca de 300 palavras para traçar um panorama mínimo, mas alarmante no que tange à situação de violação de corpos LGBTTTQIA+ no Brasil. Vale ressaltar que o país ainda não conta com um modelo nacional para coleta adequada dos dados de LGBTTTQIA+fobia o que dificulta a consolidação de dados sobre o assunto.

É irresponsável, portanto, que, enquanto campo de conhecimento e práticas, nos furtemos às discussões sobre gênero e sexualidade. Fuchs, Hining e Toneli (2021, p. 2) apontam que estamos em um "...campo de saber que possui uma dívida histórica com as trajetórias de vida e os corpos marcados no/pelo desvio das normas". Em diversos espaços, a psicologia continua a reproduzir silêncios e a forjar neutralidades que continuam recrudescendo processos de precarização de vidas dissidentes das normas heterossexuais e cisgêneras. A própria formação em psicologia permanece a omitir temáticas da diversidade sexual e de gênero dos componentes curriculares, sendo ainda comum no meio acadêmico discursos normativos e disciplinares de comportamentos dos sujeitos.

A ausência dessas temáticas na graduação reflete a abjeção desses saberes para as discussões da psicologia, além de frear a criticidade em relação aos dispositivos morais que determinam as vias possíveis de existência. Diante dessa problemática, o presente artigo propõe discutir possibilidades formativas, na graduação, voltadas às temáticas de gênero e sexualidade, uma vez que enquanto estudantes de psicologia inseridos nesse contexto, nos deparamos com o ocultismo dessas temáticas na nossa formação.

Através do “O que pode um Corpo sem Juízo? Grupo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Clínica LGBTTTQIA+”, promovido pelo Programa de Educação Tutorial - Psicologia/Universidade Federal do Ceará (PET-Psicologia/UFC), buscamos criar um espaço que possibilite a experimentação potente, criativa, ética e implicada dos estudos de gênero e sexualidade, viabilizando assim, a restituição da imponente lacuna que observamos em nossa formação curricular comum, que muitas vezes opera como um dispositivo de invisibilidade. Destacamos que estes silêncios, invisibilidades e lacunas, não estão diretamente ligadas à falta ou escassez de produção científica, mas sim aos discursos que são operados por esta produção, tendo em vista que elas acabam por fortalecer visões patologizantes sobre a experiência da dissidência do sistema sexo-gênero. Lembramos que só recentemente a transexualidade foi retirada da lista de transtornos mentais (TRANSEXUALIDADE..., 2019).

Apontamos, portanto, para a necessidade de fortalecer e produzir discursos responsáveis sobre tais corpos, e não só isso, como também ensinar que tais corpos produzam conhecimentos a partir de suas experiências, causando torções epistemológicas, éticas, políticas e metodológicas importantes ao campo da Psicologia.

## **METODOLOGIA**

O grupo de estudos tem em sua base metodológica a meta de conduzir e orientar o estudo acerca dos entrecruzamentos de gênero, sexualidade e corpo. Além disso, pautou-se também na demarcação necessária em criar espaços que fomentem discussões e reflexões acerca dos regimes de saber-poder-ser que regulam esses enunciados e de como esses corpos dissidentes chegam na clínica psicológica.

Um importante primeiro aspecto é a chegada da pandemia de COVID-19. No dia 15 de março de 2021, os primeiros casos de COVID foram confirmados no estado do Ceará (O POVO, 2020), exigindo-se assim a tomada de decisões por parte do Governo do Estado do Ceará de implementar práticas de isolamento social. A invenção de um grupo de estudos que abordassem temas como gênero, sexualidade e clínica se deu durante esse processo. O grupo foi coordenado e formado por corpos dissidentes e desviantes que vivenciam o estar à margem diariamente, corpos

esses que, muitas vezes, não encontram ambientes seguros e habitáveis em suas casas, espaços de estudo ou de trabalho. Em tempos sombrios, a afetabilidade e a possibilidade de encontrar rede em outros corpos, foi o que também evidenciou a emergência de construir esse espaço.

De forma prática, a composição do cronograma de ensino teve como objetivo realizar um estudo do básico ao avançado sobre os tensionamentos entre os temas destacados, guiando-se primeiramente por via da obra “O corpo educado” da Guacira Lopes Louro (2000) e num segundo momento com outros textos, obras e temas que articularam e complexificaram essas discussões, tais como: teoria Queer, despatologização, interseccionalidade e teoria *queer of colour*. Logo, foi uma proposta processual, participativa e coletiva de discussões, com abertura para colaboração dos próprios integrantes do grupo no que diz respeito ao material estudado e a propostas de atividades.

Além disso, um importante aspecto foi a emergencialidade em termos autores e autoras decoloniais e latino-americanas ao decorrer do grupo, abrindo assim possibilidades epistemológicas para autores fora dos cânones e das hegemonias raciais, geográficas e de gênero que permeiam a produção de conhecimento em Psicologia. Somos inscritos em uma sociedade baseada em uma governamentalidade colonialista que se reatualiza em diversas instituições, promovendo desigualdades, assujeitamento e uma série de violências, inclusive epistêmicas. Sendo assim, falar sobre/com/para corpos dissidentes é pensar em corpos racializados, generificados, precarizados e periféricos, emergenciando uma literatura que fale sobre esses corpos.

O projeto foi executado no formato de discussão grupal, utilizamos como metodologia a mediação, conceito-chave para a teoria de Vigotski (1989), sendo, portanto, a aprendizagem uma experiência social e uma atividade conjunta, a qual quem aprende e quem ensina são coparticipantes de um mesmo processo. Dessa forma, a construção grupal a partir de mediadores, foi um importante dispositivo de aprendizagem coletivo, borrando as fronteiras de ensino e aprendizagem. Além disso, o grupo aconteceu remotamente via *Google Meet*, suas atividades somaram uma carga horária de seis horas semanais distribuídas em: encontros com o grupo para discussão e estudo do material, leitura prévia das bibliografias escolhidas e avaliação e preparação de material didático para a execução e o desenvolvimento de ferramentas de ensino-aprendizagem para o grupo de estudos. Cada grupo tem início e término dentro do período de um semestre letivo da Universidade Federal do Ceará, abrindo vagas e reabertura para uma nova edição (turma) do mesmo no semestre seguinte.

A avaliação de suas atividades é feita processualmente ao longo dos encontros, pelos próprios participantes. Além disso, também contou-se com a avaliação dos membros do PET - Psicologia em reunião de avaliação e planejamento, momento em que se discutem as possibilidades, dificuldades e métodos utilizados na tentativa de qualificar cada vez mais o grupo de estudos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O grupo de estudos *O que pode um Corpo sem Juízo? Grupo de estudos em Gênero, Sexualidade e Clínica LGBTTQIA+* - ou comumente referido como “Corpo sem Juízo” -, ao ser planejado originalmente com essa metodologia e estrutura, possuía algumas expectativas de resultados a serem alcançadas, sendo estas: que o grupo abordasse suas temáticas de forma inovadora para a formação acadêmica de estudantes e profissionais; discutisse os temas de forma ética e política; buscasse transformá-lo em um ponto de partida para àqueles que estivessem entrando em contato pela primeira vez com os temas estudados; promovesse uma maior visibilidade e representatividade desses estudos dentro da formação acadêmica; e por fim, viesse a fomentar possíveis pesquisas na área, produções de trabalhos acadêmicos e artigos científicos.

Dessa forma, discutiremos nossos resultados a partir da análise dessa experiência do grupo de estudos e o seu caráter formativo, analisando as implicações para a formação dos componentes enquanto profissionais de Psicologia, e deformativo, compreendendo os deslocamentos que esses estudos podem provocar nos enquadramentos teóricos, metodológicos e epistemológicos, nos quais a ciência psicológica vem se fundamentando ao longo de sua história, tais como: a proliferação de dicotomias - natureza e cultura, normal e patológico, entre outras; a institucionalização do discurso psiquiátrico e psicológico como autênticos saberes que podem enunciar, tanto sobre a subjetividade, quanto sobre os desvios de suposta normalidade; e a naturalização ou biologização de processos a respeito do gênero e da sexualidade.

A sexualidade é um tema bastante complexo e durante muito tempo foi tratada com certa restrição e receio. Em sua obra *História da Sexualidade I*, Foucault (1999) definiu a sexualidade como dispositivo histórico e não apenas biológico, além de considerar diferentes suas facetas, apontando-a como: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (FOUCAULT, 1999, p. 09). Dessa forma, as relações de poder atuam de forma micro, nos contextos sociais mais cotidianos, e macro, nos agenciamentos de poder contemporâneos.

Louro (2000) corrobora com Foucault (1999), a partir dos dispositivos de poder, afirmando a sexualidade como algo histórico que surgiu a partir dos discursos reguladores e normatizadores. Esses discursos aparecem também, e principalmente, no ambiente de educação, como já tratado pelos autores. Louro (2000) os descreve como uma “pedagogia da sexualidade, um disciplinamento dos corpos”, onde “a sexualidade é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’” (LOURO, 2000, p. 10).

Quando pensamos sobre a educação e o ensino de temáticas envolvendo marcadores sociais, como o gênero, a sexualidade e a diversidade LGBTQIA+ em um curso de Psicologia, reconhecemos não somente sua importância, como também seus desafios. O grupo de estudos aqui destacado trouxe, em sua execução, algumas dessas dificuldades, entretanto, formulou-se em cima de cada resultado positivo alcançado. Criar um espaço como esse, nunca antes tido dentro do molde universitário e curricular do curso de Psicologia UFC, apresenta-se como a afirmação de um espaço político e preocupado com a formação crítica de profissionais que encontrarão com corpos dissidentes da norma em suas mais diversas práticas e variados campos de atuação.

Discutir e conversar sobre essas temáticas com estudantes de Psicologia em caráter de novidade e inovação no ano de 2021, nos traz algumas lembranças do quanto ainda alguns discursos acadêmicos, sociais, políticos, dentre outros, atravessam esses ambientes de formação. Em 3 semestres de atuação, o grupo conseguiu alcançar um total de 70 estudantes, em sua grande maioria do estado do Ceará, mas também contando com a participação de pessoas de outros lugares do país. Quando questionados ao final das atividades letivas sobre a importância do grupo em sua formação, os estudantes trouxeram *feedbacks* que ressaltaram a importância e a necessidade da criação e ampliação de ambientes como aquele em que essas pautas eram tidas como o objeto central dos estudos.

Avaliou-se a efetividade do grupo de estudos em discutir esses temas ao receber esses discursos dos alunos e de todos os corpos que passaram por ele. Já em relação ao aspecto ético e político, na composição de nosso cronograma e metodologias de ensino esses pilares embasaram não somente nossas falas, como também nossa acolhida aos corpos que se dispuseram a estudar a temática. Quase que por unanimidade, os participantes do grupo de estudo compunham experiências de dissidência do sistema sexo-gênero, e não só demarcavam o espaço acadêmico com seu interesse na área, mas também com suas histórias de vida, transformando assim aquele espaço em um ambiente político de luta pela afirmação de identidades historicamente negadas a produção de conhecimento, inclusive sobre suas próprias experiências, relegando-as ao lugar de objeto de pesquisa e não de sujeito.

Assim, Louro (2000) nos provoca a pensar sobre as políticas de identidade, sejam elas de corpo, gênero, raça. A sexualidade foi entendida como algo que possuímos naturalmente, enquanto algo inerente à condição instintual dos seres humanos:

tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, processos esses profundamente culturais e plurais. (LOURO, 2000, p. 10).

Dessa forma, trazendo a identidade como importante categoria analítica, somos sujeitos de identidades múltiplas, fluidas e transitórias, possuindo um caráter plural, social, histórico e

geográfico. Composto-se com isso, Nogueira (2017) comenta: “mais do que ser uma coleção de traços de personalidade ou de experiências individuais, a identidade é informada/moldada/construída por estruturas institucionais, políticas e sociais” (p. 180). Neste sentido, compreendemos que os agenciamentos de poder vão configurar a multiplicidade dos modos de viver em enquadramentos que lhe cerceiam e impõem uma pretensa estagnação. Portanto, o “Corpo Sem Juízo” suscitou discussões amplas e transversais que dessem passagem à potência da crítica aos sistemas de opressão que sustentam nossa sociedade, pois é “importante compreender como as identidades estudadas se relacionam com os sistemas estruturais que as mantêm” (NOGUEIRA, 2017, p. 180).

Em decorrência disso, no que diz respeito à representatividade, o “Corpo Sem Juízo” também foi fixando sua imagem e proposta para toda a comunidade acadêmica, passando a ser visto, gradualmente, como um espaço dentro do curso de Psicologia da UFC onde agora esses assuntos ganham vida e local para discussão. A importância política e de formação desse ato ainda é um dos fatores que mais movem os criadores, visto a necessidade que havia de tirar essas discussões da invisibilidade acadêmica e colocá-las como necessárias na trajetória de formação de futuros profissionais de Psicologia.

Por fim, o “Corpo Sem Juízo” também se encontra hoje sendo visualizado por estudantes do curso como um ambiente para se dar início aos estudos em gênero, sexualidade e clínica LGTBTTQIA+, além de também alcançar seu último objetivo que apontava para a produção científica em cima da experiência vivenciada nos encontros do grupo de estudos. Trabalhos acadêmicos já foram levados para encontros e exposições científicas, bem como a criação desse disserto que também afirma uma explanação bem sucedida acerca das atividades dos últimos anos.

É considerando todos esses fatores que se explanou a ocorrência de uma atividade formativa de ensino bem sucedida envolvendo temáticas que, historicamente, sofrem processos políticos e sociais de invisibilização. Estudar sexualidade e gênero em um curso de Psicologia, através da metodologia de um grupo de estudos, apresentou não só a importância desses debates na graduação como também a necessidade de ampliação e implementação de suas discussões em outros espaços da universidade. Não há mais a possibilidade de deixarmos pautas sobre corpos e diversidade como algo complementar e optativo na formação de um estudante de Psicologia, enfatizando a necessidade de descentralizar esses estudos de experiências majoritariamente de corpos brancos, cisgêneros, do norte global e de classes sociais privilegiadas. É preciso trazer outras epistemes para os nossos espaços formativos, que abordem nossa pluralidade, cultura, e que dialoguem com experiências de dissidências do sistema sexo-gênero.

Baseando nos enunciados de Akotirene (2019), onde os diversos marcadores sociais da diferença e da opressão não podem ser inscritos e vistos de forma isolada, as heterogêneas

identidades, como raça, gênero, classe, geração ou nacionalidade estão imbricadas com identidade sexual e esses vários marcadores sociais interferem na forma de viver a identidade sexual; eles são, portanto, perturbados ou atingidos, também, pelas transformações e subversões da sexualidade. Portanto, a interseccionalidade é uma sensibilidade analítica para os estudos a corpos desviantes e dissidentes, corpos esses que imbricam a racialização, a generificação e a precarização.

Com Nogueira (2017), evidenciamos que, nos processos de aprendizagem e de produção de conhecimento em Psicologia, torna-se urgente invocar uma radicalidade crítica e insubmissa aos processos de normalização e captura equacionados pelas matrizes de opressão do capitalismo e da colonialidade, as quais imperam nos nossos regimes de visibilidade, dizibilidade e afetabilidade contemporâneos, produzindo como efeitos: invisibilização, silenciamento, aniquilamento da diferença e agravamento das assimetrias nas condições de possibilidade de constituição de modos de existência emancipados e autônomos.

O que queremos é uma Psicologia atenta e implicada com a luta por uma sociedade, onde a multiplicidade das experiências humanas possa ser acolhida plenamente. Isto diz respeito, tanto à produção de uma escuta imanente aos fluxos sociais orquestrados pela fala de corpos, cuja precarização é maximizada pelos agenciamentos de poder contemporâneos, como também à recusa da falácia da neutralidade científica, bem como da desnaturalização dos processos de gênero e sexualidade, do rompimento com as dicotomias abstratas e da desinstitucionalização dos saberes *psi* como aqueles que podem dizer a verdade sobre o sujeito e a subjetividade. Desse modo, o cuidado e suas tecnologias, em sua constituição, podem aliançar-se com os mais diversos fluxos sociais e de linguagem, como o *Pajubá*, e também com os campos do conhecimento, como a arte, a filosofia, a antropologia etc., para a constituição de amparo e de micropolíticas ativas na criação de maneiras de viver livres para amar, desejar e compor-se com o mundo, sem a constante ameaça por ser quem se é.

*“O que pode um corpo sem juízo?*

*Quando saber que um corpo abjeto se torna um corpo objeto e vice-versa?*

*Não somos definidos pela natureza assim que nascemos*

*Mas pela cultura que criamos e somos criados*

*Sexualidade e gênero são campos abertos De nossas personalidades*

*E preenchemos Conforme absorvemos elementos do mundo ao redor*

*Nos tornamos mulheres ou homens, não nascemos nada*

*Talvez nem humanos nascemos*

*Sob a cultura, a ação do tempo, do espaço, história*

*Geografia, psicologia, antropologia, nos tornamos algo*

*Homens, mulheres, transgêneros, cisgêneros, heterossexuais*

*Homossexuais, bissexuais, e o que mais quisermos*

*Pudermos ou nos dispusermos a ser*

*O que pode o seu corpo?"*

*(Música de Jup do Bairro - inspiração para o nome do GE).*

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). **Boletim nº 03/2020**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/06/boletim-3-2020-assassinatos-antra.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021.

Equipe da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH). **Disque Direitos Humanos**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-2019\\_disque-100.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-2019_disque-100.pdf). Acesso em: 21 mai. 2021.

FOUCAULT, M. (1999). **Vigiar e punir: a história da violência nas prisões**. Petrópolis, RJ: Vozes.

FUCHS, J. J. B.; HINING, A. P. S.; TONELI, M. J. F. PSICOLOGIA E CISNORMATIVIDADE. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 33, n.1, p.1-16, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33220944>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v33/1807-0310-psoc-33-e220944.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021.

JORNAL OPOVO. **Três primeiros casos de coronavírus são confirmados no Ceará. 15 de março de 2020**. Disponível em <<https://www.opovo.com.br/coronavirus/2020/03/15/tres-casos-de-coronavirus-sao-confirmados-no-ceara.html>> Último acesso em 30/05/2021.

JUP DO BAIRRO. **O que pode um corpo sem juízo?** São Paulo. Gravadora The Orchard: 2020. 1:36s.

LOURO. G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NOGUEIRA, C. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Editora Devires. 2017.

OLIVEIRA, J. M. D. MOTT, L. (org.). **Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: relatório do grupo gay da bahia**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 21 mai. 2021.

SOUZA, E. *et. al.* **Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans**. Belo Horizonte: Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (UFMG), 2015. Disponível em: <http://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021.

TRANSEXUALIDADE não é transtorno mental, oficializa OMS. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 22 mai. 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>. Acesso em: 21 mai. 2021

VYGOTSKY, L. S. Problemas de método. In: **A formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto, Solange, C. Afeche. 3. Ed. São Paulo Martins Fontes, 1989.

## **CAPÍTULO VII**

### **ARTES INSURGENTES: COLETIVIZANDO RESISTÊNCIAS NO FESTIVAL DAS JUVENTUDES DO GRANDE BOM JARDIM**

***Luciana Lobo Miranda***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: luciana.miranda@ufc.br*

***João Paulo Pereira Barros***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: joaopaulobarros@ufc.br*

***Gabriella Celestino Lemos Furtado Gondim***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: gabilemos09@gmail.com*

***Milena Araújo Bezerra***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: milenaaraujo@alu.ufc.br*

***Carla Jéssica de Araújo Gomes***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: carlajessica.cjag@gmail.com*

***Laisa Forte Cavalcante***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: laisacavalcante9393@gmail.com*

***Larissa Ferreira Nunes***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: larissafnpsico@gmail.com*

***Lara Thayse de Lima Gonçalves***

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: larathayse@alu.ufc.br*

**Mayara Ruth Nishiyama Soares**

*Universidade Federal do Ceará*

*E-mail: mayararnishiyama@gmail.com*

**Ingrid Rabelo de Freitas**

*Faculdade Metropolitana de Fortaleza*

*E-mail: ingrid.rbfreitas@gmail.com*

**Tadeu Lucas de Lavor Filho**

*Universidade Federal do Ceará / Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: tadeulucaslf@gmail.com*

## **INTRODUÇÃO**

Este capítulo tem como objetivo apresentar as primeiras ações do Projeto Artes Insurgentes: coletivizando resistência, o qual tem como intuito potencializar ações de cultura artística de coletivos juvenis do Grande Bom Jardim (GBJ)<sup>14</sup>, Fortaleza-CE, a fim de fortalecer a memória cultural das invenções e insurgências artísticas de periferias urbanas. É constituído por alunas do curso de Psicologia e pós-graduandas(os) do Programa de Pós-graduação em Psicologia, integrantes do Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) e do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violências, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES), ambos ligado à Universidade Federal do Ceará (UFC).

Algumas atividades dos referidos laboratórios nos instigaram a construir o projeto, como as atividades de pesquisa e extensão universitárias do VIESES-UFC desde o final de 2017 e início de 2018 com crianças, adolescentes, movimentos sociais, escolas e coletivos de jovens, que têm pautado diferentes temáticas como direitos sociais, garantias de políticas públicas e resistência frente às violências (COSTA *et al.*, 2021; LEONARDO *et al.*, 2020; COSTA; BARROS, 2020). Por sua vez, o LAPSUS tem debruçado seu campo de atuação em territorialidades escolares, políticas de juventudes e movimentos sociais artivistas<sup>15</sup> (LAVOR FILHO, 2020, MIRANDA *et al.*, 2020). Dentre as atividades no GBJ, os autores-integrantes dos laboratórios supracitados encontram na arte um dispositivo de visibilidade, de luta por memória e re-existência (BARROS; SILVA; GOMES, 2020; BARROS *et al.*, 2021). Cabe aqui ressaltar que entendemos a arte como um dispositivo de

---

<sup>14</sup> Região no sudoeste da capital cearense formada pelos bairros Canindezinho, Bom Jardim, Granja Portugal, Granja Lisboa e Siqueira.

<sup>15</sup> Neologismo entre os verbetes ativista e artística. Veja mais em: RAPOSO, Paulo. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de arte e antropologia*, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015.

produção de sentidos, signos e afetos, portanto ela produz subjetividades e pode deflagrar insurgências ético-estético-políticas (LAVOR FILHO, 2020).

A partir do desenvolvimento de atividades que visam problematizar estigmas sociais e necropolíticas<sup>16</sup> que são direcionadas às juventudes periféricas, bem como fortalecer e potencializar as re-existências cotidianas frente à esse contexto de precarização, por meio de suas ações de extensão e pesquisa, o VIESES e o LAPSUS passaram a estabelecer importantes parcerias com ONGs e instituições presentes, principalmente, no território do Grande Bom Jardim. Aliançados ao Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), através do programa Jovens Agentes de Paz (JAP), ao Centro Cultural do Grande Bom Jardim (CCBJ), pelo Núcleo de Articulação Técnica Especializada (NArTE), em parceria com cinco escolas públicas do GBJ, Fórum de Escolas pela Paz do GBJ e junto a outros coletivos presentes no território. Desse modo, o VIESES e o LAPSUS se integram às redes de proteção e resistência locais, passando a acompanhar, colaborar e compor a organização da luta diária pelos direitos das juventudes.

Sendo assim, uniram-se no Projeto Artes Insurgentes, o qual debruçamos neste texto os primeiros meses de atividade, especificamente a partir da coorganização do terceiro Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Formação em Direitos Humanos, o qual aconteceu nos meses de abril a junho de 2021. O Festival tem como objetivo ampliar e potencializar o debate sobre algumas temáticas de interesse das juventudes como: feminismos, enfrentamento ao racismo e a LGBTfobia, Saúde Mental, Cultura de Paz, dentre outros, por meio da troca de experiências, construindo conexões e valorizando práticas e produções artísticas desenvolvidas nas escolas e no próprio território. Essa articulação se mostra importante para potencialização da condição inventiva e insurgente das juventudes nesse território frente à violência e para promoção de práticas de resistência e (re)existências no território.

A participação no festival por graduandas e pós-graduandos encontra-se com a perspectiva da pesquisa-inter(in)venção, adotada pelo Projeto Artes Insurgentes. Como pontua Scisleski e Galeano (2018), a pesquisa-intervenção configura uma análise reflexiva sobre os efeitos gerados no campo. A partir disso, pensamos uma pesquisa-inter(in)venção, a qual acontece através de uma invenção coletiva entre pesquisadores e participantes (BENÍCIO *et al.*, 2018; BARROS *et al.*, 2021). Dessa forma, pesquisas de Iniciação Acadêmica, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado têm sido construídas em intersecção com esse campo.

---

<sup>16</sup> Necropolítica diz respeito ao uso do poder social e político da distribuição desigual da vida da morte ligada ao sistema capitalista vigente (MBEMBE, 2017).

## DISCUSSÃO

Em virtude do contexto de pandemia de Covid-19, a terceira edição do Festival seguiu por um modelo remoto em 2021, investindo na criação de espaços de criatividade e discussão em coerência com as recomendações de distanciamento social defendidas pelas organizações de saúde mundiais (CENTRO DE DEFESA DA VIDA HERBERT DE SOUZA, 2021). Embora os desafios impostos por esta metodologia sejam inúmeros, os quais se estendem das dificuldades de estabelecimento de relações com os sujeitos do outro lado da tela ao acesso precarizado a internet e dispositivos eletrônicos de comunicação; a organização do festival apostou em uma construção coletiva, escutando organizações da sociedade civil, professores, gestores e estudantes para a realização de um festival que falasse de “nós”.

É importante pontuar que a pactuação com as escolas não foi realizada ao acaso. Há anos, como já mencionado, o VIESES e o LAPSUS têm sido parceiros do Fórum de Escolas do GBJ, organização que tem como objetivo articular escolas públicas do território para discussão no campo das políticas públicas e da educação, com enfoque, especialmente, na prevenção da violência. Através do fórum, contatamos as escolas participantes e, dentre elas, quatro demonstraram interesse e condições de aderir ao Festival. Além destas, outra escola do município de Maracanaú foi acolhida, após pedido de um professor que lecionava nela e em outra instituição do Fórum simultaneamente<sup>17</sup>. Essa rede de ligações e de parcerias que vinculamos no território acaba por facilitar, diretamente, o desenvolvimento das atividades propostas.

Inicialmente, foi apresentada a proposta do festival aos gestores e professores, articulamos com eles/elas a criação de espaços para apresentar o festival para os/as alunos/as. Criamos *flyers* de divulgação voltados para as redes sociais e marcamos encontros virtuais com os/as estudantes das escolas participantes para explicarmos o que é o festival, como ele se organiza e para convidá-los/as a construí-lo com a gente. Alguns desses espaços ocorreram no contraturno das turmas, mas outros ocorreram em horários de aulas que nos foram cedidos. Depois de conversarmos sobre o festival, enviamos aos/às estudantes um formulário online para mapearmos quais temáticas eram mais interessantes para eles/elas, além de abrir um espaço para que eles/elas pudessem sugerir novos temas. Além disso, organizamos a gincana “Xô Covid” totalmente online e o sarau de encerramento do festival.

A partir do interesse dos/as estudantes e da viabilidade, foram eleitas temáticas para cada encontro, as quais estavam articuladas a pelo menos um dos eixos de trabalho do JAP: Ser Jovem, Ser das áreas, Ser Jovem Agente de Paz e Ser Livre. O primeiro eixo busca estimular a discussão sobre os diferentes modos de ser jovem no contexto cearense, refletindo como os marcadores de

<sup>17</sup> Ao todo, participaram as seguintes escolas: Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI) Senador Osires Pontes, Escola de Ensino Fundamental e Médio (EEFM) São Francisco de Assis, EEFM Professora Eudes Veras, EEFM Santo Amaro e EEMTI Albaniza Rocha Sarasate.

raça, gênero, sexualidade, território e classe estão intimamente relacionados à produção dessas diferentes experiências juvenis. O segundo eixo, o Ser das Áreas, tem como objetivo reconhecer e problematizar o contexto de desafios impostos às juventudes moradoras de territórios periféricos, além de construir conjuntamente estratégias para driblar tais dificuldades através da ocupação de espaços e da criação de alianças coletivas. O eixo Ser Agente de Paz tem por intuito articular a discussão sobre estratégias de enfrentamento à violência física e simbólica, mobilizando os jovens em direção ao desafio de construir uma cultura de paz. O último eixo, o Ser Livre, é destinado a criar espaços de debate sobre as possibilidades de articulação das experiências do Festival com a tomada de protagonismo dos/as participantes nas lutas e ativismos em suas escolas e comunidades.

Para isso, nos baseamos na ideia de “periferização da cultura juvenil” proposta por Takeiti e Vicentin (2016), na qual salientam que os modos de subjetivação juvenil deve ser entendido como um “território-vivo” marcado não somente por experiências de violação de direitos, violências e pobreza, mas também por formas inventivas e criativas sobre si, tecidas em meio à experiências estéticas nos bairros que habitam. Sendo assim, há uma ressignificação do emblema social jovem morador da periferia e por isso, é observado produção de afetos e sentimento de pertença em que a vergonha passa a dar espaço ao orgulho de ser da periferia.

Para abordar as temáticas escolhidas, construímos oficinas temáticas que se utilizavam de dispositivos artísticos e culturais para estimular discussões acerca dos modos de vida juvenis e fenômenos psicossociais atuais. Desse modo, o formato das oficinas foi pensado como um espaço de potencialização da troca de experiências e da construção de saberes entre os/as participantes. As oficinas seguiam, geralmente, a seguinte estruturação: 1) Apresentação da proposta para aquele encontro; 2) Dinâmica de curta duração que se relacionava com a temática do dia para quebrar o gelo; 3) Um ou dois espaços mediados por metodologias participativas para estimular a discussão sobre a temática entre os/as participantes; 4) Produção de materialidades finais relacionado ao tema da oficina.

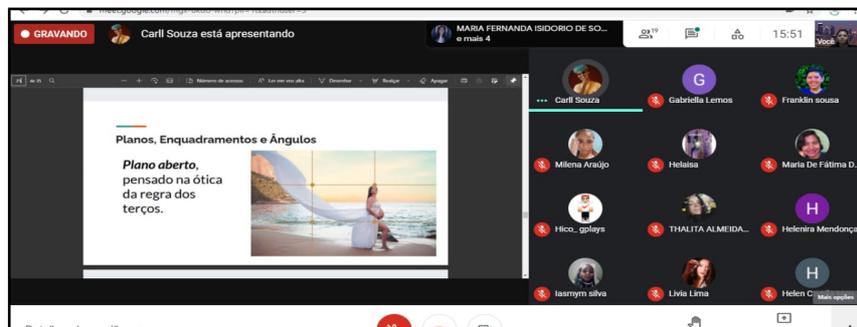
No total, tivemos 20 encontros com os/as estudantes para a realização das oficinas, as quais abordaram 6 temáticas diferentes, a saber: feminismo, enfrentamento ao racismo, fotografia e representatividade, saúde mental, direitos das juventudes e projetos de vida. Além das oficinas, tivemos 3 encontros para apresentar a proposta da gincana às escolas, 3 encontros destinados à gincana “Xô Covid” em si e 3 encontros de encerramento, contando com a participação aproximada de 90 alunos no total. As escolas participantes foram divididas, na maioria dos encontros, em três grupos<sup>18</sup> de acordo com o número de alunos/as em cada uma delas, unindo as escolas com um maior número de alunos/as com escolas com menor número de alunos/as para evitar salas muito lotadas ou salas vazias; em outros momentos, as escolas foram divididas de acordo com o horário que

<sup>18</sup> Primeiro grupo: EEMTI Senador Osires Pontes e EEFM São Francisco de Assis; Segundo grupo: EEFM Professora Eudes Veras e EEFM Santo Amaro; Terceiro grupo: EEMTI Albaniza Rocha Sarasate.

tinham disponível para nos receber. No caso da EEMTI Albaniza Rocha Sarasate, como os encontros reuniram diversas turmas dessa escola, chegando a ter 60 alunos/as ao mesmo tempo nas salas virtuais, não unimos essa escola com as demais.

Dentre as oficinas realizadas, uma das que teve maior envolvimento dos/as alunos/as foi a de “Fotografia: identidades e existências”. Após o pedido dos/as alunos/as para que houvesse um momento direcionado ao ensino da fotografia, pensamos em como tornar esse encontro um potente espaço de (re)invenção na exibição da própria imagem e também de uma movimentação por representatividade em mídias digitais. Convidamos o artista Carll Souza, jovem negro, morador do bairro Pirambu e estudante da UFC, para facilitar essa oficina. Experiente no ramo da fotografia, Carll dividiu a oficina em dois momentos: a priori foi levantada a história da fotografia, identificação com artistas que apareciam em revistas e televisão e como eles, principalmente negros e periféricos, constroem suas imagens nas mídias e redes sociais hoje; num segundo momento, sendo esse o de maior interação com os/as alunos/as, foi falado sobre ângulos, estilos de imagens, posicionamentos para um bom registro, equipamentos necessários, além de dicas de edição. Foi interessante perceber, pela fala dos/as participantes, como a identificação nos dias atuais acontece com um número e diversidade maior de artistas. Cada vez mais eles/as estão se vendo nas telas.

**Figura 1 - Oficina de Fotografia**



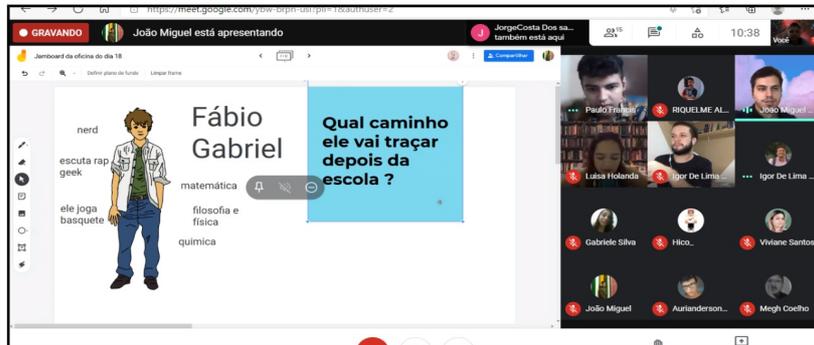
Fonte: Arquivo pessoal (2021).

As oficinas acerca da produção de currículo tiveram como foco a exposição de um currículo vitae e um currículo artístico. Igualmente as demais, iniciou com uma atividade ligada a temática que contribui para quebrar o gelo. Em segundo momento foi feita uma exposição sobre currículo Vitae, por fim foi apresentado um currículo incompleto no qual os/as alunos/as ajudaram a finalizar. Em terceiro momento foi apresentado um currículo artístico, a importância de saber elaborar um e em que vagas ele é melhor direcionado do que o currículo vitae. Também foram realizadas oficinas de “Mundo do Trabalho e Caminhos para a Universidade”. Contamos com a participação dos integrantes do Projeto de Extensão Pensando Caminhos, Construindo Profissões<sup>19</sup> do curso de

<sup>19</sup> Projeto cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da UFC, tendo sua equipe integrada por estudantes de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da UFC. O projeto tem como objetivo: discutir escolha profissional e as vivências do momento pré-vestibular, a fim de problematizar com os alunos sobre os tensionamentos e atravessamentos envolvidos

Psicologia da UFC. Foram discutidos com os jovens secundaristas temáticas sobre mundo do trabalho, pressão pré-vestibular, escolha profissional, projeto de vida e ansiedade na vida estudantil.

**Figura 2 - Mundo do Trabalho e Caminhos para a Universidade**



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Outra oficina que ganhou destaque pelo grande número de votos em formulário foi a de saúde mental, que foi dividida em três momentos. O primeiro em que foram mostradas fotos de momentos cotidianos retirados de sites da internet, como encontro entres amigos/as, a ida à escola, além da imagem de locais da periferia de Fortaleza, e em seguida algumas fotos de crianças de máscara e de coletivos artistas da capital. O segundo momento foi de conversa sobre formas de cuidado pessoal e coletivo em meio ao isolamento social, mostrando espaços gratuitos de cuidado psicológico que podem ser acessados pelos/as jovens, bem como compartilhando plataformas e aplicativos virtuais que proporcionam encontros, mesmo que à distância. Por fim, o terceiro momento foi de apresentação de uma nuvem de palavras feita por todos os/as participantes ao longo da oficina por meio de link disponibilizado no início, a fim de expressar graficamente os sentimentos e ideias que surgiram durante o encontro. A oficina funcionou como espaço de compartilhamento de cuidado e da saudade que sentem os/as jovens de conviverem em espaços coletivos.

---

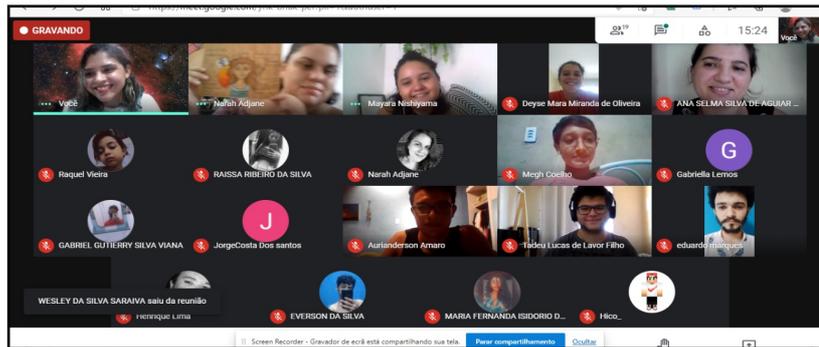
durante esse processo.

**Figura 3 - Saúde Mental**

Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Realizamos também uma oficina com a temática central “Feminismos na escola: A arte enquanto dispositivo de resistência em tempos de pandemia”. Num primeiro momento, fizemos um jogo que consistia em agrupar sentenças em “Coisas de Menino” e “Coisas de Menina”, enfatizando que deveria ser agrupado de acordo com o que acontece de forma mais comum na contemporaneidade. As sentenças foram: “Medo de andar sozinha na rua”, “Fazem mais tarefas domésticas” e “Maior chance de sofrer assédio da rua” agrupadas em “Coisas de menina”, já as “Ganham maiores salários”, “Se expõe mais a risco” ficaram no meio termo e “Maior chance de ser vítima de homicídio” foi agrupada em “Coisas de menino”, todas as sentenças trouxeram muitas discussões, principalmente, que depende para além de aspectos de gênero, mas de raça e classe. No nosso segundo momento, trouxemos uma discussão sobre o corpo da mulher na escola a partir de uma linha do tempo cronológica e sobre como essas reverberações são convocadas nesta instituição até hoje, como por exemplo, o #exposedfortal, uma série de denúncias sobre assédio. No terceiro momento, uma artista grafiteira apresentou o seu trabalho, as dificuldades de ser uma mulher na cena e a possibilidade de criar espaços coletivos onde seja possível nossos corpos caberem, enquanto isso, ela produziu um desenho que representasse as discussões e falas do encontro. Por fim, uma secundarista apresentou a poesia “O que é ser uma mulher gostosa?”, que tinha o intuito de traçar a linguagem que é costumeiramente usada para marcar as mulheres na sua escola.

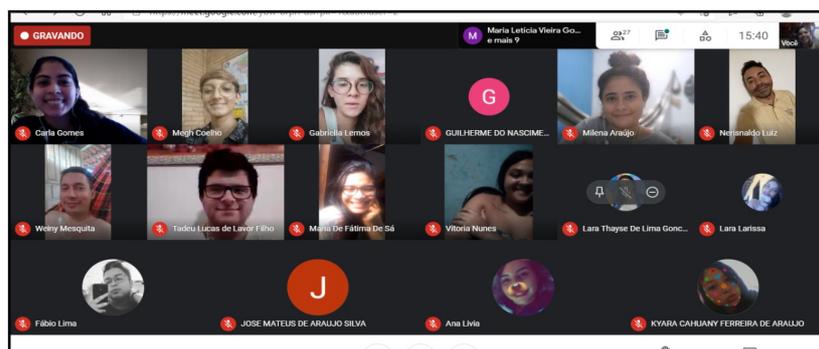
**Figura 4 - Oficina de Feminismos e Grafite**



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Outro recurso metodológico utilizado foi a gincana, nomeada de Gincana Xô Covid, que foi uma sugestão do Fórum de Escolas do GBJ. Embora não fosse possível reproduzir o momento de euforia que toma as escolas durante essas competições, buscamos criar um ambiente de descontração e aprendizagem à distância. Para isso, utilizamos como ferramentas e formas de conseguir pontos para suas equipes a produção artística de fotos, desenhos, rimas, poemas e também brincadeiras, como o caça-objetos, em que tinham que buscar alguns objetos relacionado a cuidados de saúde em tempos de pandemia por COVID-19, como máscaras e frascos de álcool-gel, e mostrar através da câmera da plataforma de reuniões. Essas estratégias, para além de envolver os/as jovens com a temática de prevenção da COVID-19, também pôde promover a aproximação entre estudantes, e a oportunidade de produzirem artisticamente e compartilharem com a sala virtual suas materialidades acerca de uma temática que tem atravessado e modificado seus cotidianos, especialmente em relação à participação escolar.

**Figura 5 - Gincana Xô Covid-19**

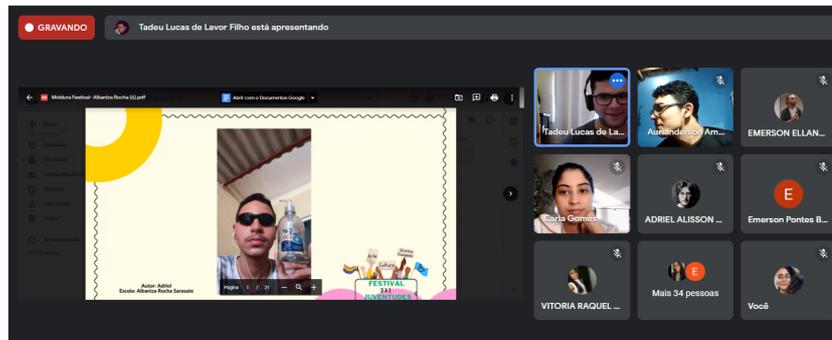


Fonte: Arquivo pessoal (2021).

O encerramento do III Festival das Juventudes foi realizado a partir da organização do Sarau Vida e Arte com as escolas participantes, momento destinado a que os/as estudantes compartilhassem os seus talentos e habilidades com os demais. Para participar do sarau, eles/as precisavam se inscrever a partir de um formulário online e enviar as materialidades deles/as para que nós organizássemos a ordem de apresentação. Além disso, foram expostas também, com a

devida autorização dos/as autores/as, algumas produções artísticas construídas durante as oficinas do festival com temas ligados ou não a COVID-19. O sarau se caracterizou por um momento muito rico de trocas, festividades e afetos, em que, além de conhecermos um pouco mais dos artistas que estudavam nas escolas participantes do festival, pudemos proporcionar um espaço para publicizar e divulgar os trabalhos destes.

**Figura 6 - Sarau de encerramento do festival**



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Cabe ainda salientar que, apesar dos desafios online, a receptividade e a demanda por escuta e tensionamento de temáticas ligadas à juventude por parte dos/as estudantes mobilizou os/as organizadores/as a continuar com atividades com as escolas. Por isso, estamos em um momento de proposição de permanecer com esses encontros, sempre com temáticas abertas e escolhidas pelos/as estudantes, no próximo semestre, não necessariamente ligado ao festival das juventudes, mas interpelado a partir do mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas pelo projeto Artes Insurgentes são promovidas por estudantes de graduação e pós-graduação em Psicologia conjuntamente com alianças dos territórios periféricos que veem potencialidades de modificar realidades e produzir deslocamentos com diversas linguagens e estéticas de arte.. Em nosso grupo de trabalho, doravante dos núcleos citados, VIESES e LAPSUS, nos debruçamos em criar percursos com as artes seja na extensão e na pesquisa, uma vez que não dissociamos uma da outra, e com isso desenvolvemos pesquisas socialmente implicadas com a realidade dos territórios que habitamos e fazemos rede de atuação participante.

O Festival das Juventudes como acontecimento foram diversos momentos de oficinas de formação, criação e transmissão artística. Os jovens estudantes que estiveram como nossos interlocutores puderam dialogar conosco suas inquietações, tensionamentos e indagações sobre os temas de saúde mental, mundo do trabalho e caminhos para universidade, cultura de paz, direitos humanos e pautas feministas. No acompanhamento desses processos, as criações artísticas, das quais contextualizamos de materialidade, foram convocadas para dar concretude aos nossos debates

inseridos com cada turma oficinaira.

As experiências narradas neste texto se tratam de registros e memórias sobre encontros virtuais que persistiram as durezas de um cenário de pandemia de Covid-19, e que por meio de oficinas pudermos com alianças e parcerias escolares garantir espaços de diálogo e escuta dos vários atravessamentos cotidianos que secundaristas têm vivenciado. As escolas que abriram seus espaços virtuais de sala de aula permitiram que debates insurgentes por meio das artes fossem também efetivos processos de formação crítica do conhecimento. Finalizamos esse escrito com a esperança de que na próxima edição possamos compartilhar do abraço seguro e da roda de grupo. Vacinas já!

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, e Secretaria Cultura Artística da Universidade Federal do Ceará (SECULT/UFC), pelo financiamento deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

BARROS, J. P. P. et al. Processos de subjetivação em territorialidades urbanas: deslocamentos decoloniais na pesquisa-inter(in)venção em psicologia. In: LEMOS, F. C. S. et al., (Orgs.). **Produção da diferença, saúde coletiva e formação de dispositivos transdisciplinares nas políticas públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 652-666. (12<sup>a</sup> ed.).

BARROS, J. P. P.; SILVA, D. B.; GOMES, C. J. A. Dispositivos grupais com jovens: rizomas em territorialidade periféricas. In: LEMOS, F. C. S. et al., (Orgs.). **Produção da diferença, saúde coletiva e formação de dispositivos transdisciplinares nas políticas públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 30-50. (12<sup>a</sup> ed.).

BENÍCIO, L. F. S. et al. “Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de Adolescentes e Jovens em Fortaleza, CE”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, núm.esp.2, p. 192-207, 2018.

CENTRO DE DEFESA DA VIDA HERBERT DE SOUZA, III Festival das Juventudes discute sobre direitos humanos e o papel das juventudes através da arte e da cultura, publicado em 22 de abril de 2021. Disponível em: <<https://cdvhs.org.br/noticias/festival-juventudes-terceira-edicao>>. Acesso em: 30 mai 2021.

COSTA, A. F. et al.. Decolonizando a investigação com jovens em territorialidades periféricas: pesquisa-inter(in)venção e a produção de políticas de re-existências. In: BARROS, J. P. P.; RODRIGUES, J. S. ; BENÍCIO, L. F. S. (Org.). **Violências, desigualdades e (re) existências: cartografias psicossociais**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021, p. 273-297.

COSTA, E. A. G. A. ; BARROS, J. P. P. Intergeracionalidades em análise: (re)composições ético-estético-políticas em pesquisas-inter(in)venções com crianças e adultos. **Desidades: Revista eletrônica de divulgação científica da infância e juventude**, v. 1, n. 28, p. 127-138, 2020.

LAVOR FILHO, T. L. **Spray nas mãos, afetos nos muros: cartografia de inter(in)venções do graffiti no cotidiano de jovens inventores.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. 2020.

MBEMBE, A. **Política de inimizado.** Lisboa: Antígona, 2017.

MIRANDA, L. L.; GONÇALVES, S. D.; BARROS, E. E. S.; GONÇALVES, L. T. L.; QUEIROZ, A. A. Jovens pesquisadores do cotidiano escolar: uma análise do processo de pesquisa. In: **Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos:** estudos do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Barros, J. P. P.; ANTUNES, D. C.; MELLO, R. P. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. p. 264-283.

LEONARDO, C. S. et al.,. Entretanto: Psicologia em aliança com corpos precarizados nas margens urbanas. **Extensão em Ação**, v. 19, p. 117-127, 2020.

SCISLESKI, A. C. C.; GALEANO, G.B. Pesquisa-intervenção e juventudes: enredando a produção de vidas marginais. **Revista de Psicologia da UFC**, v. 9, n.1. 2018.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Jovens (en)cena: arte, cultura e território. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, p. 25-37, 2016.

## **CAPÍTULO VIII**

### **BULLYING, DEPRESSÃO E SUICÍDIO: UMA ANÁLISE DO FILME KOE NO KATACHI (A VOZ DO SILÊNCIO)**

***Tuany Cristina Araújo Correia***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: tuanyaraujo04@gmail.com*

***Meury Gardênia Lima de Araújo***

*Universidade Federal do Ceará / Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: meurygardenia@univs.edu.br*

#### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca a partir de uma Análise de Conteúdo de Bardin compreender os impactos decorrentes da prática do *bullying* na vida daqueles envolvidos, desde aqueles que praticam até as vítimas e identificar nos personagens esses impactos, tendo como base a história retratada no filme “*Koe No Katachi*” (a voz do silêncio), sendo esse um filme animado lançado no ano de 2016 pela produtora japonesa Kyoto Animation, baseado na obra da mangaká Yoshitoki Oima.

O filme aborda temáticas voltadas para o *bullying*, que ocasionam depressão e suicídio durante a vida escolar dos personagens; traz os conteúdos de maneira sensível e bem trabalhada, apontando como esses fatores são desenvolvidos e os impactos de cada um na construção dos personagens principais.

Segundo Marcolino (2018), o *bullying* aparece como uma espécie de violência na escola, tendo como características a afirmação de poder através da violência/agressão. O termo possui origem inglesa e está voltado para o ato de intimidar, atacar, agredir e maltratar o outro, tendo em vista a inferiorização da vítima. Esse tipo de violência pode vir a reverberar de várias formas na vida dos envolvidos, podendo causar exclusão, baixa autoestima, angústia, evasão escolar, depressão e até levar ao suicídio.

Dentre os impactos causados pelos atos violentos realizados através do *bullying*, a depressão está presente como destaque. Segundo o DSM V, o transtorno depressivo maior é definido por sintomas que possuam duração com de duas semanas, nas quais há perda de interesse ou prazer em boa parte das atividades diárias do indivíduo, presença de humor triste, irritável, alterações somáticas e cognitivas (APA, 2014).

O suicídio é o ato intencional de matar a si mesmo, o suicídio é associado a transtornos mentais, dentre esses associados o que mais se destaca é a depressão maior. A ideia do suicídio é visto como um desfecho para o sofrimento vivenciado (BARBOSA; MACEDO; SILVEIRA, 2011).

O filme retrata de maneira clara a ligação do *bullying* com o surgimento da depressão e as tentativas de suicídio. Os personagens mostram duas realidades que se moldaram em torno das consequências e impactos envoltos na situação de violência escolar que vivenciaram.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **O BULLYING NAS ESCOLAS**

O bullying é entendido como comportamentos agressivos que veem a acontecer repetidas vezes, onde a vítima fica impotente diante das agressões. Ressalta-se que casos de violência isolados não são vistos como *bullying*; e para configurar como este é preciso que se tenha intencionalidade sem uma motivação aparente (PIGOZI; MACHADO, 2020).

Caracterizado como um fenômeno de grupo e dentro do contexto escolar, as crianças em sua maioria estão indiretamente ou diretamente envolvidas em casos de *bullying*, seja como agressor, vítima ou observador. O *bullying* pode ser expressado de diferentes maneiras, sendo essas: xingamentos, ameaças, abuso verbal, agressões físicas, humilhação e entre outras maneiras (MALTA et al., 2019).

No contexto escolar a violência gera interações complexas entre adolescentes e crianças diante dos outros ambientes que estão inseridos. A escola se configura como um dos ambientes de maior interação social entre crianças e adolescente, sendo assim preciso dar uma atenção em especial para conhecer os fatores desencadeadores presentes para as práticas violentas do *bullying* (ALCANTRA et al., 2019).

Adolescentes que vivenciaram situações onde foram vítimas de *bullying* podem apresentar potenciais riscos de desenvolvimento de distúrbios do sono, desajustamento escolar, ansiedade e depressão. Em contrapartida os autores do *bullying* se apresentam com grandes riscos de uso de substâncias psicoativas e sentimento de culpa (SOUSA et al., 2019).

### **A DEPRESSÃO E O SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA**

A adolescência é caracterizada como um período no qual acontecem várias modificações no desenvolvimento humano, período esse marcado por alterações biológicas como a puberdade. Sedo um momento de amadurecimento do indivíduo pode apresentar crises, devido as experiências de transformações orgânicas e mentais. A adolescência todavia é um período intenso de grandes descobertas (PERES; ROSENBERG, 1998).

A depressão faz com que a pessoa que se encontra deprimida passe a se isolar, perder a força de vontade e o interesse. Em crianças e adolescentes o desenvolvimento do transtorno depressivo podem ser decorrentes da fase de crescimento e transformação que podem vir a afetar o indivíduo de modo a gerar uma melancolia (STERZ; SILVA, 2017).

A depressão apresenta alguns sintomas como: cansaço, tristeza, insônia, humor deprimido e perturbações do sono. Para o desenvolvimento do transtorno depressivo existem alguns fatores de risco que podem vir a aumentar a possibilidade do seu surgimento. Sendo esses: Fatores ambientais, emocionais, fisiológicos, doenças incapacitantes, uso de álcool e outras drogas (APA, 2014).

A depressão em adolescentes muitas vezes não se manifesta como tristeza, mas sim como tédio, perda de prazer, irritabilidade, baixa autoestima, prejuízos no desempenho escolar, ou seja, os sintomas depressivos ocorrem de maneira camuflada durante o período da adolescência (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Os sintomas depressivos, como falta de motivação, desesperança, diminuição de interesse, isolamento, dentre outros, são visto como um fator de risco pra o suicídio. No período da adolescência, por ser um momento de grandes mudanças e amadurecimento, é propício a ideação suicida e tentativas, principalmente quando inclusas em um quadro depressivo (ARAÚJO; VIEIRA; COUTINHO, 2010).

Entende-se por suicídio o desejo de morrer, o comportamento tido como suicida é dividido em três fases: Ideação suicida, onde surgem as ideias e planejamentos do suicídio; tentativa de suicídio e o suicídio em si. A ideação é vista como o ponto inicial para a efetivação do ato (ARAÚJO; VIEIRA; COUTINHO, 2010).

Entre adolescentes com idade de 15 a 19 anos o suicídio é a segunda principal causa de morte. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) por ano estima-se que ocorrem cerca de 800 mil suicídios. No Brasil cerca de 12 mil pessoas cometem suicídio por ano, sendo o Brasil o segundo país das Américas com maior número de pessoas com transtornos depressivos, cerca de 5,8% da população, ficando atrás dos Estados Unidos, com 5,9% (OMS, 2018; OMS, 2019).

## **METODOLOGIA**

Esse estudo é uma abordagem qualitativa possuindo como técnica de exame a Análise de Conteúdo. A pesquisa qualitativa é um campo que busca a compreensão e o aprofundamento sobre os fenômenos humanos, desse modo proporcionando ao pesquisador uma compreensão mais ampla e completa sobre o contexto estudado (MINAYO, 2014).

Entende-se que a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas que possuem o objetivo da busca de sentido ou sentidos de um documento, podendo, pois, ser aplicada em diversos discursos e em todas as formas de comunicação. O pesquisador busca por meio dessa análise

compreender as estruturas e características que estão presentes nas mensagens. Para a utilização da análise é necessário três fases: I- Pré-análise; II- Exploração do Material; III – Tratamento dos resultados (BARDIN, 2011).

A Análise de Conteúdo foi realizada no filme *Koe no katachi* de 2016, que tem formato de animação, baseado na obra da mangaká Yoshitoki Oima. Foram selecionadas as cenas que enfatizassem as partes que se tratavam da prática do *Bullying*, os momentos que mostraram a vivência dos personagens com a depressão e a tentativa de suicídio de ambos, pois dentre as consequências ocasionadas pelo *bullying* a depressão e o suicídio são as analisadas no estudo. Para entendimento do conteúdo o filme traz a história com o foco principal em dois personagens *Shouya Ishida* e *Shoko Nishimiya*.

## RESUMO DA HISTÓRIA

O desenvolvimento da história, apesar de ser dentro e fora do ambiente escolar, traz um foco maior na vivência dos personagens na escola. *Ishida* é um garoto que, frequentemente, “prega peças” e busca uma constante fuga do tédio; isso vindo a motivá-lo com implicâncias contra *Nishimiya*, que é uma aluna recém transferida, que por sua vez causou estranhamento na turma por ser surda. As pesadas atitudes contra *Nishimiya* são realizadas por maioria da turma, porém *Ishida* possui um papel de líder, os ataques vão desde a rabiscar seu caderno com mensagens ofensivas, até arrancar seus aparelhos auditivos. Em um período de cinco meses, oito aparelhos auditivos foram danificados e com isso o diretor da escola busca um culpado, o professor denuncia *Ishida*, onde sua mãe faz o ressarcimento a mãe de *Nishimiya*. A partir desse momento o *bullying* é voltado para *Ishida*, pois após *Nishimiya* mudar de escola, todos, inclusive seus amigos que incentivavam a continuação das peças, deixam-no assumir sozinho e iniciam um novo ciclo de agressão. Dessa vez voltado para a exclusão de *Ishida*.

Com o passar dos anos *Ishida* torna-se solitário e passa a evitar todos ao seu redor, isso o leva a planejar suicídio; pouco antes de realizar o ato, ele decide procurar por *Nishimiya* para pedir perdão e ao se encontrarem *Ishida* busca formas de se redimir. No desenrolar da história é mostrado os danos causados pelo *bullying* em *Ishida* e *Nishimiya*, os personagens trazem em suas histórias a vivência com a depressão e a busca da resolução dos momentos de sofrimento por meio do suicídio.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionadas cenas para a realização da análise, para essa seleção foi utilizado o critério de que, as cenas escolhidas deveriam apresentar os atos de agressão, o intenso sofrimento dos personagens e o suicídio.

## CONTEÚDO SELECIONADO PARA ANÁLISE

### CENAS: PRÁTICAS DO BULLYING



Imagem 1: *Nishimiya* sofrendo *Bullying*.



Imagem 2: *Ishida* sofrendo *Bullying*.

A imagem 1 traz a cena onde *Ishida* começa a prática do *bullying* logo após a chegada de *Nishimiya* na turma; as impicâncias de *Ishida* sempre giravam em torno do fato da garota ser surda, onde ele sempre gritava para incomodá-la, como ilustrado, e zombava da sua deficiência. Já na imagem 2 traz o próprio *Ishida* se tornando alvo do *bullying*, visto que depois da transferência de *Nishimiya* ele se tornou um pária em sua turma e aquilo que ele havia feito com a garota foi feito com ele, como na imagem que mostra ele no lago onde certa vez jogou os livros de *Nishimiya*.

As duas cenas remetem a prática do *bullying* nas escolas, onde situações como essas mostradas na animação não são distantes e sim presentes no dia a dia de muitos estudantes. *Nishimiya* sofre por ser diferente dos outros da turma, sendo uma pessoa com deficiência auditiva que é vista como motivo de chacota para toda a turma; já *Ishida* passa de opressor a oprimido, mostrando a inversão dos papéis e a pauta que deve ser levantada sobre o início de um ciclo vicioso de violência, onde as vítimas mudam, mas os impactos são sofridos por ambos. A animação se passa no Japão, mas o *bullying* é uma problemática em grande maioria dos países. Segundo aponta um relatório da UNICEF, metade dos estudantes entre 13 e 15 anos, globalmente cerca de 150 milhões de adolescentes, já sofreram *bullying* na escola. O relatório analisou 39 países e nesses cerca de 17 milhões de estudantes afirmaram já terem maltratados os colegas nas escolas. No Brasil um em cada dez estudantes já sofreu *bullying* (CRESCER, 2018).

## CENAS: A TENTATIVA DE SUICÍDIO E A DEPRESSÃO DE *SHOUYA ISHIDA*



Imagem 3: *Ishida* e sua mãe após a tentativa de suicídio



Imagem 4: Representação da depressão de *Ishida*.

No início do filme passa *Ishida* após planejar todo o seu suicídio, o mesmo marcou em um calendário o último dia, pediu demissão do emprego de meio período e já havia vendido todas as suas coisas, juntou o dinheiro e deixou um bilhete junto com o dinheiro para sua mãe, uma forma de compensar a ela pelos aparelhos auditivos que a mesma teve que pagar a mãe de *Nishimiya*, pois durante as implicações eram estragados. Quando estava prestes a se jogar da ponte ele decide se redimir com *Nishimiya* antes de morrer, a imagem 4 mostra o encontro com sua mãe depois da sua tentativa de suicídio. *Ishida* passou a se isolar de todos e viver recluso, a história das práticas do *bullying* com *Nishimiya* o seguiram até o ensino médio, ao ver todos se afastando e falando sobre ele o mesmo passa a enxergar um X cobrindo o rosto de todos, transformando isso em um mecanismo de defesa que o ajudava a frequentar a escola e mantendo todos como estranhos e distantes dele. A imagem 4 mostra como ele enxergava as pessoas ao seu redor. A depressão de *Ishida* é bem representada na animação, o mesmo apresenta os sintomas de ansiedade, apatia, desesperança, isolamento e carregando com si sempre o sentimento de culpa. Segundo Moore et al. (2017) o *bullying* é um desencadeador da ansiedade e de transtornos depressivos, apresentando uma grande chance do desenvolvimento de uma ideação suicida, sendo que esses efeitos da prática do *bullying* são prevalentes mesmo após não existir mais a prática.

**CENAS: TENTATIVA DE SUICÍDIO *SHOKO NISHIMIYA* E O SENTIMENTO DE CULPA**



Imagem 5: Tentativa de suicídio de *Nishimiya*.



Imagem 6: O sentimento de culpa.

No decorrer do filme *Ishida* se reaproxima de *Nishimiya* e passa a tentar consertar as coisas e reúne os amigos que foram afastados com o passar do tempo e das atitudes tomadas por todos. Em um momento *Ishida* discute com esses amigos e volta a se isolar, tentando manter contato apenas com *Nishimiya*, que no momento está passando por momentos difíceis, como a morte da sua avó e a percepção que tem sobre como a sua irmã é deixada de lado pela mãe. A mãe que dedica maior parte de seu tempo a *Nishimiya*. Com isso, como visto na imagem 5, durante um festival de fogos de artifício ela tenta se jogar da sacada do seu prédio, mas é salva por *Ishida*, que no momento em que a salva cai da sacada. Com o ocorrido *Ishida* é hospitalizado e entra em coma, ao despertar tem um encontro com *Nishimiya* e essa por sua vez demonstra o sentimento de culpa que carrega por tudo que tem acontecido. Na imagem 6 mostra a fala dela, onde demonstra que o suicídio foi a solução que ela encontrou para resolver tudo, pois sentia que se ela sumisse todos ficariam bem.

*Nishimiya* carrega consigo o sentimento de culpa por tudo que acontece, traz em si sentimentos pesados sobre sua surdez e o acúmulo de seus sentimentos a levam a tentativa de resolução através do suicídio. Os estudos apontam que as vítimas de agressão, como o *bullying*, apresentam sentimentos de medo, vulnerabilidade e vergonha, esses que podem ser identificados na personagem (BANDEIRA; HUTZ, 2010).

## CENAS: O PEDIDO DE *SHOUYA ISHIDA* E O INICIO DE UM NOVO CICLO



Imagem 7: *Ishida* e *Nishimiya* após o incidente.



Imagem 8: *Ishida* chorando no final.

Após *Ishida* acordar do coma ele se encontra com *Nishimiya*, onde nesse momento ela declara sua culpa e seus sentimentos, *Ishida* como mostrado na imagem 7 pede a *Nishimiya* que o ajude a viver. Nessa cena também mostra *Ishida* pedindo para ser amigo de *Nishimiya* e com isso mostrando que um poderia apoiar o outro. Na imagem 8 é mostrado o final do filme, as lágrimas de *Ishida* representam o início de um novo ciclo em sua vida, onde ele recupera sua vontade de viver e passa a se perdoar pelos ocorridos passados, durante essa cena ele reencontra os amigos e os X dos rostos da pessoas começam a cair.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou-se de uma Análise de Conteúdo de Bardin sobre o filme animado *Koe no Katachi*, que aborda temáticas como depressão e suicídio de uma maneira sensível e bem trabalhada, onde os personagens mostram a maneira que o *bullying* muda as vidas dos envolvidos nessa prática, desde a vítima até o agressor. No qual, por meio de uma narrativa que mostra a inversão dos papéis entre oprimido e opressor foi possível analisar uma história que vai bem além da violência escolar, que aponta a depressão na adolescência como algo a se dar a devida atenção. A análise foi realizada em três passos: O primeiro passo sendo a Pré-análise: nessa fase foi feito o estudo sobre o filme, identificando o conteúdo abordado na história; O segundo passo tratou-se da Exploração do material: nessa etapa foram selecionadas as cenas para exame, utilizando como critérios de seleção a escolha das cenas que traziam em seus enredos o *bullying*, a depressão e o suicídio, a sequência das cenas mostram as consequências de uma única ação, apresentando o efeito dominó causado através da violência escolar. O terceiro e último passo é o Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: fase de realização da análise. A análise não girou em torno

apenas de uma história de *bullying*, ela trouxe a visão de dois polos opostos, mostrando a importância da comunicação, a necessidade de um cuidado acerca da problemática *bullying* no ambiente escolar, no olhar cauteloso com aqueles que se envolvem nessas situações, a não banalização do agressor, pois como visto a violência gera um ciclo sem fim. O filme conta uma história sobre a importância do apoio e do perdão.

O ponto principal da análise foi levantar os impactos causados pela prática do *bullying*, onde os principais analisados foram a depressão e o suicídio. Apesar de se tratar de uma animação de origem japonesa, o enredo aborda uma problemática presente em grande maioria dos países, inclusive no Brasil. Tendo em vista isso, é notório a necessidade de uma melhor preparação no ambiente escolar e um olhar mais abrangente e acolhedor para com as crianças e adolescentes.

## REFERÊNCIAS

**150 milhões de adolescentes sofrem bullying nas escolas, aponta novo relatório do UNICEF.** Revista Crescer. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/150-milhoes-de-adolescentes-sofrem-bullying-nas-escolas-aponta-novo-relatorio-do-unicef.html>. Acesso em: 09 de maio de 2021.

ALCANTARA, Stefania Carneiro de et al . **Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar.** *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 24, n. 2, p. 509-522, Feb. 2019

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, L.C.; VIEIRA, K.; COUTINHO, M. **Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio.** *Psico-USF*, 15(1):47-57. 2010.

BANDEIRA, C. M., & HUTZ, C. S. **As implicações do bullying na autoestima de adolescentes.** *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v.14(1), p. 131-138, 2010.

BAPTISTA, Makilim Nunes. **Avaliando "depressões": dos critérios diagnósticos às escalas psicométricas.** *Aval. psicol.*, Itatiba , v. 17, n. 3, p. 301-310, 2018

BARBOSA, Fabiana de Oliveira; MACEDO, Paula Costa Mosca; SILVEIRA, Rosa Maria Carvalho da. **Depressão e o suicídio.** *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro , v. 14, n. 1, p. 233-243, jun. 2011

BARDIN, L.(2011). **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

**KOE no katachi.** Direção de Naoko Yamada. Japão: Kyoto Animation, 2016. (2 h 10 m).

MALTA, Deborah Carvalho et al . **Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros,** 2015. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 24, n. 4, p. 1359-1368, Apr. 2019

MARCOLINO, Emanuella de Castro et al . **Bullying: Prevalência E Fatores Associados À Vitimização E À Agressão No Cotidiano ESCOLAR. Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 27, n. 1, e5500016, 2018

MÉNDEZ, F. X.; OLIVARES, J.; & ROS, M. C. **Características clínicas e tratamento da depressão na infância e adolescência.** In V. E. Caballo & M. A. Simón, Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente: Transtornos gerais (pp.139-185). São Paulo, SP: Santos. 2005.

MONTEIRO, Kátia Cristine Cavalcante; LAGE, Ana Maria Vieira. **A depressão na adolescência. Psicol. estud.**, Maringá , v. 12, n. 2, p. 257-265, Aug. 2007

MOORE, S. E., NORMAN, R. E., SUETANI, S., THOMAS, H. J., Sly, P. D., & Scott, J. G. (2017). **Consequences of bullying victimization in childhood and adolescence: A systematic review and meta-analysis. World Journal of Psychiatry**, 7(1), 60- 76. doi: 10.5498/wjp.v7.i1.60

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Folha informativa –Suicídio.** 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839). Acesso em: 15/05/2021

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Uma pessoa morre por suicídio a cada 40 segundos, afirma OMS.** 2019. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=617:suicidio-uma-pessoa-morre-a-cada-40-segundos-afirma-oms&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=617:suicidio-uma-pessoa-morre-a-cada-40-segundos-afirma-oms&Itemid=839). Acesso em: 15/05/2021

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D.. **Desenvolvimento humano.** 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PERES F, ROSENBERG CP. **Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública.** Saude e Sociedade, 7(1): 53-86, 1998

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. **Os cuidados da Estratégia Saúde da Família a um adolescente vítima de bullying: uma cartografia.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 25, n. 1, p. 353-363, Jan. 2020.

SOUSA, Bárbara de Oliveira Prado et al . **Uso de drogas e Bullying entre adolescentes brasileiros. Psic.: Teor. e Pesq.** Brasília , v. 35, e35417, 2019

STERZ, Gabriela Anita; SILVA, Jerto Cardoso da (Ed.). **Depressão na infância e na adolescência.** Boletim EntreSIS, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 1, p. 92-102, jan./jul. 2017.

## **CAPÍTULO IX**

# **REESTRUTURAÇÃO COGNITIVA E O MANEJO DE UM CASO DE ANSIEDADE**

***José Alex Alves Ferreira***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: ax8alves@outlook.com*

***Marina Bezerra Silva***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: marinapoetasino@gmail.com*

***Rayssa Nascimento Rolim Silva***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: rayssanrolim@gmail.com*

***Lielton Maia Silva***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: lieltonmaia@univs.edu.br*

## **INTRODUÇÃO**

Este estudo apresenta o resultado do processo terapêutico, com base na Terapia Cognitiva-Comportamental (TCC), de um caso de uma jovem acometida por ansiedade gerado por crenças disfuncionais advindas do transtorno de personalidade narcisista (TPN), Cid-10 F-60.8. A tese da Terapia Cognitiva Comportamental é que o funcionamento psicológico depende de crenças, sendo estas o nível de maior profundidade das nossas ações, de acordo com Epicteto (sec- I), citado por Knapp (2008) o que perturba o homem são as interpretações que ele faz daquilo que lhe acontece. Sendo essa, a base da teoria cognitiva-comportamental.

As crenças centrais funcionam como regras rígidas que modificam significativamente a percepção das situações cotidianas, bem como o futuro na forma de antecipações cognitivas (OLIVEIRA, 2011). O objetivo desse estudo não se caracteriza em demonstrar o processo terapêutico em si, mas apresentar como o processo terapêutico possibilita direcionar o sujeito a se autoconhecer, e através desse processo, gerar autonomia, bem estar e uma vida funcional, utilizando a TCC através de técnicas como a psicoeducação, a conceituação cognitiva junto ao paciente, a

reestruturação cognitiva, a análise dos pensamentos, o diálogo socrático e demais técnicas da abordagem cognitiva comportamental.

A ansiedade é uma resposta inata, portanto necessária ao humano, quando em excesso, traz consequências comprometedoras para a vida do sujeito. Neste caso, ela passa de mecanismo de proteção à causadora de sofrimento e prejuízos. O transtorno de ansiedade caracteriza-se por um conjunto de sinais e sintomas somáticos e psicológicos que interferem no funcionamento cognitivo e comportamental, estes torna o sujeito disfuncional em tarefas corriqueiras (MOURA *et al*, 2018).

Indivíduos com transtorno de personalidade geralmente tem esquemas cognitivos e comportamentais pouco adaptativos e muito inflexíveis, gerando sofrimento a quem está em seu redor e a si próprio. Tais esquemas são mantidos através de crenças rígidas e como resultado distorções cognitivas com pouca capacidade de autonomia e vida funcional (ZANIN; VALERIO, 2014).

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Personalidade pode ser definida como um sistema organizacional de individualidades que modela a forma de interação de uma pessoa com o ambiente. Embora sejam intercambiáveis, os termos personalidade e caráter são diferentes no sentido em que se entende como caráter um padrão consciente e intencional de comportamentos passíveis de modificação com fundamento na análise e na alteração da visão de mundo (MORENO, 2014).

As características da personalidade se desenvolvem na adolescência ou na fase inicial da vida adulta, e acredita-se que perdurem ao longo da vida. Embora estejam sujeitas às influências das experiências que ocorrem mais tarde durante a vida, essas características com frequência são moldadas por experiências vividas no início da infância. Os sintomas devem estar presentes por um ano para diagnosticar algum tipo de Transtorno de Personalidade (TP), antes da idade de 18 anos (SILVA, 2016).

O transtorno de personalidade narcisista (TPN) se caracteriza por um padrão generalizado de grandiosidade, necessidade de admiração e ausência de empatia. Assim como ocorre em outros TPs, o TPN ocorre inicialmente no começo da vida adulta e permanece em vários contextos. Mais especificamente, para fazer o diagnóstico de TPN, as pessoas têm de apresentar cinco ou mais entre os comportamentos descritos no abaixo.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico do Transtornos Mentais (DSM-5):

### **CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS PARA TRANSTORNO DE PERSONALIDADE NARCISISTA:**

O paciente deve apresentar cinco ou mais entre os seguintes critérios.

1. Sobrevalorização de sua importância e de suas realizações;
2. Sentimento de superioridade em relação aos outros;
3. Medo da inadequação e exigência de admiração excessiva;
4. Senso irreal de seus direitos;
5. Crença no fato de ser mais importante do que os outros;
6. Ausência de empatia;
7. Crença no fato de que as outras pessoas sentem inveja dele;
8. Demonstração de arrogância.

De um modo geral os indivíduos com TPN têm a sensação da grandiosidade de sua própria importância. Mais especificamente, eles valorizam suas habilidades e realizações de uma forma pretensiosa ou exagerada. Da mesma forma, quando outras pessoas não confirmam sua admiração ou respondem com críticas ao invés de elogios, eles geralmente ficam surpresos ou mesmo indignados (MANFRO; SHINOHARA, 20004).

Concomitantemente com a tendência de sobrevalorizar suas próprias realizações, há a tendência de desvalorizar ou menosprezar as contribuições de outras pessoas. Egos inflados podem levar os indivíduos com TPN a criar fantasias sobre sucesso ilimitado, poder, brilhantismo, beleza ou amor ideal, na medida em que acreditam que são merecedores de todo esse sucesso (SUDAK, 2008).

Além disso, o diagnóstico de TPN geralmente indica que as pessoas se sentem superiores, especiais ou exclusivas e presume que todas as outras pessoas concordam com essas autoavaliações. Consequentemente, elas procuram cercar-se de outros indivíduos ou instituições que acreditam ser igualmente privilegiadas e, portanto, “refletem” seus próprios valores.

A obsessão em serem os “melhores” em qualquer campo de atividade (médicos, advogados, cabelereiros) é comum em indivíduos com TPN, que julgam suas preocupações mais extraordinárias e importantes que as de outras pessoas. Por outro lado, normalmente as pessoas com TPN ignoram as credenciais dos especialistas que não confirmam suas autoimagens ou que prestam os serviços solicitados independentemente de suas qualificações reais (WRIGHT, 2008).

O mesmo autor citado acima considera que a autoestima frágil é inerente a essa condição, levando-se em consideração que esses indivíduos precisam da admiração compensatória. O medo generalizado de serem inadequados ou negligenciados leva os indivíduos com TPN a cobrar comentários lisonjeiros e atenção constante. De um modo geral, esperam ser cumprimentados efusivamente quando entram em algum local ou que outras pessoas olhem com cobiça seus objetos pessoais.

Em uma revisão de 2010 de estudos sobre a etiologia de TPN, Ronningstam mencionou dois estudos que haviam sugerido a presença de um componente genético no desenvolvimento de TPN, Mais especificamente, Ronningstam (2002) encontrou uma taxa de herdabilidade de 45 a 80%.

As típicas crenças disfuncionais e estratégias desadaptativas expressadas nos transtornos da personalidade deixam os indivíduos suscetíveis a experiências de vida que invadem sua vulnerabilidade cognitiva, principalmente com relação a expandir ou manter recursos. Assim, o TPN caracteriza-se por um trauma à autoestima principalmente por fontes externas.

Diante do apresentado até então, fica evidente a observação da comorbidade ansiedade. Na qual se expressa em sintomas físicos e desorganizações psicológicas, tornando o indivíduo disfuncional ao seu cotidiano.

A personalidade observável da pessoa com TPN caracteriza-se por crenças sobre sua superioridade em relação aos outros e por comportamentos de externalização, ambos oriundos de modos de esquemas de supercompensação. Embora difícil de ver, a crença disfuncional central é “Sou inferior, defeituoso, fraco e insignificante, indigno de amor e sozinho”. Essa crença, aliada ao intenso sofrimento emocional e fisiológico que carrega, está embutida em uma rede de esquemas iniciais desadaptativos (Young, Klosko; Weishaar, 2003), incluindo imperfeição/vergonha, privação emocional, fracasso e desconfiança (Young et al., 2003).

O esquema subjacente de fracasso frequentemente inclui o pressuposto condicional com base no medo de que “Se eu não for o melhor, então sou inferior”. Parecer estar mal, sentir-se mal ou encarar o fracasso são percebidos como ameaças ao valor próprio e desencadeiam extrema ansiedade, constrangimento e vergonha.

Pessoas com TPN são muito propensas a personalizar qualquer coisa que sinalize desvalorização e, de modo automático, passam para o modo de enfrentamento e agem de maneira defensiva. Esquema de fracasso junto ao de merecimento também podem manifestar-se na recusa a trabalhar, comprometer padrões ou mesmo tentar quando seria muito mais adaptativo fazê-lo, para impedir a ativação dos esquemas de imperfeição.

## **RELATO DE CASO E DISCUSSÃO**

A paciente do sexo feminino, 21 anos, solteira, filha de pais com configuração familiar tida como tradicional. Mora sozinha devido ter que estudar na cidade que não é sua cidade natal. Há dois anos a paciente morava com sua mãe, seu pai e um irmão mais novo, também solteiro e estudante.

A partir do momento que os sintomas ansiosos se tornaram fortes, a paciente, que passo a chamar de Maria (nome fictício por motivos éticos), começou a perceber que tinha algo de errado e procurou ajuda na Clínica Escola da UNIVS – Centro Universitário Vale do Salgado, apresentando os seguintes sintomas: taquicardia, insônia, dores de cabeça, cólicas intestinais, tonturas e sudorese.

Como era de se esperar, até que Maria se convencesse de que precisava de ajuda de profissional psicólogo, fez uma peregrinação durante sua infância devido episódios de crises ansiosas, em busca de respostas em consultórios médicos. Sua busca iniciou-se na unidade básica de saúde da família do seu bairro, na sua cidade natal, todavia, o médico técnico responsável por sua área já havia lhe encaminhado para o serviço de referência ambulatorial em saúde mental. Conforme característica do tipo narcisista, Maria precisava de outra opinião e de exames de vários tipos, desde ambulatoriais a cardíacos. E assim ela fez. Procurou outros médicos, inclusive gastando dinheiro com consultas e exames particulares para que a resposta que tanto esperava não demorasse, outra característica do ansioso: a pressa.

Enquanto isso, seus sintomas se intensificavam, levando a paciente, muitas vezes, a crises. Invariavelmente, em todos os atendimentos antes do início desse processo, Maria relata não ter tido eficácia. E foi com esse histórico de cinco psicólogos e cinco processos não eficazes que a paciente chegou até mim. Fiz a primeira escuta e logo fechei um contrato terapêutico nas medidas da terapia cognitiva comportamental.

Na semana seguinte, foi dado início ao seu tratamento, com a psicoeducação a respeito da TCC e dos sintomas da ansiedade: pensamento automático, erros cognitivos característicos da ansiedade, tarefas de casa e corresponsabilidade do paciente no processo psicoterápico. De acordo com Dobson e Dobson (2010), a Psicoeducação é definida como o ensino de princípios e conhecimentos psicológicos relevantes para o cliente, além de promover a motivação para o tratamento.

Até então, não havia o diagnóstico de TPN – Transtorno da Personalidade Narcisista. Por isso somente a psicoeducação dos sintomas ansiosos. Logo após o diagnóstico, também foi feita a psicoeducação do transtorno.

Nas sessões seguintes, Maria trouxe suas demandas e preocupações referentes a comportamentos, emoções e pensamentos que causam sintomas, os quais, neste momento, apresentaram-se com valores perceptuais de ansiedade muito elevados. Numa escala de 0 a 10, a paciente declarou de 7 a 10 para os sintomas físicos. Em relação aos psicológicos declarou valores mais altos, de 9 a 10. Mostrando um sofrimento psíquico emergente.

Foi feita a conceituação cognitiva e mostrada a paciente, na qual a mesma treinou comigo, através de escritas em folhas, formando quadros sobre suas situações de ansiedade, sobre os pensamentos automáticos emergentes, sobre as emoções no momento e as respostas fisiológicas e comportamentais.

Passamos, então, nas sessões seguintes, a explorar tais tarefas, a fim de proceder à reestruturação cognitiva a partir da identificação dos pensamentos automáticos, das emoções e das crenças disfuncionais do paciente.

A paciente relatou que, a cada vez que tentava fazer algo rotineiro como estudar, fazer uma prova, apresentar um trabalho, ou até mesmo sair com amigos, surgiam pensamentos como: “sei que não vou conseguir, porque não irá ser perfeito”; “meu pai não vai me aprovar nas minhas decisões”; “se não for do meu jeito não é bom”; “se eu não tirar 10 em todas as notas, não serei uma boa profissional”.

Esses pensamentos geravam muita ansiedade e sintomas citados acima. Eles significavam para o paciente uma falta de competência. Maria se sentia cada vez mais impotente e incapaz e, conseqüentemente, insuficiente. Ficou nítido que as crenças centrais estavam atuando fortemente em seu cotidiano deixando Maria disfuncional e, levando-o a um processo de tristeza e desvalorização preocupante.

A intervenção descrita acima está de acordo com as formulações de Beck (1997), a respeito da identificação dos pensamentos automáticos e crenças distorcidas do paciente a fim de proceder à sua reestruturação cognitiva.

A paciente tinha diversos fatores que a ajudou a colaborar no tratamento, dentre elas podemos destacar principalmente seu alto repertório cognitivo, alto grau de instrução, afinal de contas, era uma excelente aluna da graduação, isso fez com que o processo tenha tido passos largos a cada semana.

Os pensamentos disfuncionais eram baseados em uma realidade distorcida pela ansiedade e interpretações errôneas dos eventos. Invariavelmente, Maria se encontrava fazendo leitura mental, quando pensava repetitivamente e dizia para si mesmo que as outras pessoas de suas relações, iriam censurá-lo por não ser uma boa profissional, por não ser perfeita e do jeito que elas queriam. Catastrofizava, quando pensava que seu pai não iria aceitá-la ou mesmo quando pensava que não iria conseguir ser uma boa profissional nunca.

Segundo Leahy (2011), as pessoas ansiosas costumam ter maneiras de pensar típicas, denominadas como distorções cognitivas. Dentre uma grade de vários erros cognitivos elencados por esse mesmo autor, os dois analisados acima foram uma constante no caso em questão.

Tais distorções cognitivas foram discutidas com Maria, questionando-a a validade de tais pensamentos. A paciente era estimulada analisar as evidências a favor e contra suas ideias e a perceber o quão disfuncional e errônea era a interpretação que ela fazia da realidade.

As sessões seguintes à abordagem da conceituação cognitiva sempre foram iniciadas com o feedback semanal, e, em seguida, treinando com o paciente respiração diafragmática e relaxamento, objetivando-se reduzir suas tensões musculares e suas respostas fisiológicas da ansiedade. O paciente era orientado a executar esse exercício em casa, pelo menos duas vezes ao dia através da meditação guiada.

Caballo (2008) afirma que uma pessoa com grau elevado de ansiedade não está em condições de raciocinar com clareza e que, por isso, é importante iniciar algum procedimento de relaxamento para evitar que a ansiedade chegue a um nível disfuncional. É indicado pelo mesmo autor que essa prática seja repetida diariamente pelo paciente em sua casa.

A questão era focalizar na reestruturação sobre as preocupações de Maria. Essas questões, inicialmente, foram separadas por duas: as funcionais e as disfuncionais. Em seguida, o trabalho foi concentrado pelas últimas questões, objetivando a sua reestruturação cognitiva.

Maria elencou diversas preocupações com problemas modificáveis. A partir de então, ela foi ensinada a anotar e questioná-los, sendo essa, a forma de melhor interpretar a realidade, com base nas suas possibilidades reais.

Sua maior situação ativadora era a não aceitação por parte do pai em tudo Maria decidia fazer. A paciente acreditava que não havia escolha para ela, uma vez que não conseguia nunca agradar seu pai. Todas as tentativas foram fracassadas.

Foi discutido através do questionamento socrático a possibilidade de “ser perfeita” e de “sempre agradar alguém”, a paciente entendeu que essas cobranças faziam parte de suas crenças disfuncionais, e, que essa auto cobrança não era uma possibilidade real e saudável, portanto, trabalhamos formas de aceitar essa realidade e quebrar os esquemas compensatórios.

Após oito sessões com esse processo de trabalho de psicoeducação sobre pensamentos disfuncionais, sobre a conceituação cognitiva de seu caso, sobre suas crenças centrais, e suas respostas fisiológicas e comportamentais, também através do aprendizado sobre como evocar e registrar pensamentos, e de como questioná-los, tornando mais condizentes com a realidade, a paciente relatou que já não necessitava de remédios para dormir e que as respostas fisiológicas estavam baixas, foi dito que as crises já não existiam, pois ela sabia observar os sinais que antecediam, e modificar os pensamentos.

Na nona sessão, a paciente relatou que já se sentia pronta para saber seu diagnóstico, foi feito a informação sobre o diagnóstico, e a psicoeducação sobre o mesmo. Até então, a paciente acreditou a vida toda que seu diagnóstico era um transtorno de ansiedade, mas através do processo foi mostrado que o real diagnóstico era o TPN – Transtorno de Personalidade Narcisista.

As três sessões seguintes foram de descobertas da paciente, e segundo ela “tudo fazia sentido” após o diagnóstico, a paciente ainda relatou que “passei a me entender melhor”, isso serviu para que fosse trabalhada a prevenção de recaídas. Na décima terceira sessão a paciente recebeu alta, uma vez que, sua demanda havia sido resolvida, e seus sintomas haviam sido controlados.

A forma de trabalhar as demanda na Terapia Cognitiva Comportamental permite que o paciente seja um sujeito ativo no seu processo, um dos objetivos implícitos nessa abordagem é que o paciente aprenda ser seu próprio terapeuta, assim favorecendo o desenvolvimento humano

(Cazassa; Oliveira, 2008). Aaron Beck mostrou evidências do seus estudos na mudança de crenças centrais e pensamentos disfuncionais, tornando a possibilidade de análise da realidade mais funcional (Behary, 2011).

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) foi iniciada por Aaron T. Beck e possui sólida base de pesquisas demonstrando eficiência no tratamento de diversos transtornos psiquiátricos (OLIVEIRA; ANDRETTA et al., 2012), como ansiedade, transtornos de personalidade, entre outros (RANGÉ et al., 2011).

Por isso, o processo de Maria se mostrou eficaz, tendo em vista, que fora utilizados a base da (TCC). Sendo assim, suas cognições passaram a ser mais adaptativas e realistas.

Para essa abordagem, a interpretação distorcida da realidade, e não na realidade em si, estaria relacionada à origem do sofrimento psíquico, propondo, assim, um modelo onde o comportamento é influenciado pelas cognições (BECK et al., 1997) e os julgamentos, crenças e pensamentos disfuncionais seriam centrais aos transtornos mentais (KNAPP et al., 2007).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em apenas 13 sessões, uma por semana, vieram bons resultados, uma vez que o objetivo principal foi alcançado. Sua ansiedade reduziu e seus sintomas pontuados pelo em percentual de 0 a 10, obtendo pontuação final de dois. É certo que outros recursos poderiam ser utilizados como instrumentos de avaliação para ajudar no diagnóstico, se estivessem disponíveis, porém a TCC proporciona uma série de recursos terapêuticos eficazes no tratamento dos diversos transtornos que atingem a população.

Esta foi uma experiência muito rica e importante por trazer a possibilidade de atuação do futuro profissional psicólogo em uma clínica escola, com reais e rápidos resultados, desmistificando a ideia de que este é um trabalho árduo e difícil, por questões de inexperiência.

A paciente conseguiu desenvolver sua autonomia, não sendo mais necessário crises de ajustes cognitivos. A mesma afirmou que esse foi o único processo eficaz depois de tantos tentados, segundo a paciente “nos outros processos só servia dentro do consultório”.

Por fim, foi possível observar que se seguido de forma padrão o processo de reestruturação cognitiva de acordo com a indicação para o esquema cognitivo específico do paciente, os resultados se mostram eficientes na resolução das demandas fisiológicas e comportamentais.

Observar-se que a terapia cognitivo para o TPN, tem grande eficácia, pois oferece ao sujeito uma variabilidade de técnicas que são empregadas de maneira combinadas que causam impacto sobre o transtorno, porque o sujeito passa a vir a preocupação como um processo normal do

desenvolvimento humano e não mais como algo patológico, pois o indivíduo é ensinado a reconhecer suas preocupações como um comportamento de aproximação.

## REFERÊNCIAS

Angelotti, Gildo (org.). (2007). **Terapia Cognitivo-comportamental para os transtornos de ansiedade**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Beck, Judith S. (1997). **Terapia cognitiva: teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Beck, Judith S. (1997). **Terapia cognitiva: teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Barlow, David H. e col. (2009). **Manual clínico dos transtornos psicológicos: tratamento passo a passo**. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed.

BERTOLETE, J. M. et al. **Psychiatric diagnoses and suicide: revisiting the evidence**. *Crisis*, v. 25, n. 4, p. 147-155, 2004.

Caballo, Vicente E. (2008). **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos.

Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: **Diretrizes diagnósticas e de tratamento para transtornos mentais em cuidados primários** (2007) - Coord. Organiz. Mundial da Saúde. Porto Alegre: Artmed.

Dobson, D. e K. S. Dobson. (2010). **A terapia cognitivo-comportamental baseada em evidências**. Porto Alegre: Artmed. Leahy, R. L. (2011). *Livre de ansiedade*. Porto Alegre: Artmed.

Shinohara HO. **Conceitualização da Terapia Cognitivo Comportamental**. In: Banaco RA, (org.). *Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos Teóricos, Metodológicos e de Formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista*. Santo André (SP): Esetec; 2001. p. 18-21.

Silva DS, Almeida RS, Braz ML, Crispim, MSDS, Acácio KPH, Nóbrega NKB. **O uso dos Grupos Terapêuticos no Tratamento dos Transtornos de Ansiedade sob o Olhar da Terapia Cognitivo-Comportamental**. *REV. Ciências Biológicas e da Saúde* 2016; 3(3): 101-118. Disponível em: [https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsb\\_iosaude/article/view/3395/2015](https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsb_iosaude/article/view/3395/2015).

Manfro GG, Heldt E, Shinohara H. **Transtorno do Personalidade**. In: Knapp P, (org.). *Terapia Cognitivo-Comportamental na Prática Psiquiátrica*. Porto Alegre (RS): Artmed; 2004. p. 219-222.

Moreno AL, Wainer R. *Da Gnosiologia à Epistemologia: Um Caminho Científico para uma Terapia Baseada em Evidências*. *Rev Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* 2014; 16(1): 41-54. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v\\_16n1a05.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v_16n1a05.pdf).

Clark DA, Beck AT. *Terapia Cognitiva para Transtornos de Ansiedade – Guia do Terapeuta*. Porto Alegre: Artmed; 2012.

Moura IM, Rocha VHC, Bergamini GB, Samuelsson E, Joner C, Schneider LF et al. **A terapia cognitivo comportamental no tratamento do transtorno de ansiedade**. *Rev Cient Fac Educ e Meio Ambiente* [Internet]. 2018;9(1):423-441. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31072/rcf.v9i1.557>

## **CAPÍTULO X**

### **A DEPRESSÃO VISUALIZADA PELA GESTALT-TERAPIA: A ARTE COMO AJUSTAMENTO CRIADOR NA EXPERIÊNCIA DEPRESSIVA**

***Fernando Fiuza Leite da Silva***

*Centro Universitário Vale do Salgado*  
*E-mail: fernando123fiuza@gmail.com*

***Mateus Paulino Ferreira da Silva***

*Centro Universitário Vale do Salgado*  
*E-mail: witcher.ms379@gmail.com*

***Erick Linhares de Holanda***

*Centro Universitário Vale do Salgado*  
*E-mail: ericklinhares@univs.edu.br*

#### **INTRODUÇÃO**

Ao observar o espírito da sociedade capitalista, é possível perceber uma necessidade constante de demonstrar um estado de bem-estar e resiliência a todo momento. Diante disso, o *zeitgeist* (pensamento e tendências de uma época) frequentemente instiga os indivíduos a se manterem em uma condição mental considerada adequada. Todavia, Quando um indivíduo é impedido de expressar seus sentimentos negativos diante de algum fato doloroso, também lhe é negada a possibilidade de lidar com a situação de uma maneira saudável (ROSS E MUNHOZ, 2021).

A depressão, estado contrário ao bem-estar cobrado na vida moderna, passa a ser silenciada por não ter espaço diante das demandas exigidas na contemporaneidade. Desse modo, há uma invisibilidade no que é sentido pelo sujeito depressivo em relação a sua identidade que passa a ser desconstituída. O adoecimento pode causar barreiras em suas ações que vão perdendo autonomia e acabando em não granjear como antes a inserção no meio, impedindo uma representação social que permita ao sujeito uma identificação, deixando nele um sentimento de desesperança na qual não se enxerga um horizonte a se buscar (MÜLLER-GRANZOTTO E MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

Sendo assim, a depressão é denotada como um modo de ser imobilizado em uma condição de luto, gerando no indivíduo uma incapacidade de por conta própria desenvolver viabilidades de superar as situações e etapas experienciadas no luto (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN,

2010). Tendo em vista tal problemática e o aumento progressivo da depressão, este trabalho visualiza e propõe a arte como uma maneira de conseguir expressar a dor e se reconectar com o mundo de forma que o objeto artístico seja prestigiado e conecte o artista com quem o aprecia e com um meio artístico acolhedor.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo é composto por uma revisão bibliográfica de cunho analítico descritivo que visa compreender, mediante a perspectiva da gestalt-terapia, a relação entre o processo de luto diante de perdas significativas e o desenvolvimento do transtorno depressivo. Outrossim, considerando que tais perdas são transpassadas, estimuladas e/ou sustentadas pela visão psiquiátrica e por uma cultura capitalista e, ademais, destituem o indivíduo de uma conexão com o meio, a análise ainda objetiva demonstrar como a arte pode ser um campo fértil à reestruturação da identidade dos indivíduos com depressão, os auxiliando a se reconectar com o mundo e (re)construir uma personalidade antes perdida.

O primeiro critério para a realização do artigo foi a delimitação do tema e sua divisão em quatro capítulos demarcados primeiramente nos seguintes pontos: sofrimento e depressão para a gestalt-terapia, ajustamento criador, ajustamento de inclusão e a arte como proposta gestáltica para expressão. Após um estudo aprofundado dos assuntos abordados, iniciado no dia 10 de julho de 2020, o artigo começou a ser escrito no dia 21 de julho de 2020 e obteve seu quarto capítulo finalizado no dia 4 de agosto de 2020. Vale ressaltar que foi feita uma revisão e ajuste do artigo do dia 15 ao dia 17 de setembro de 2020.

Foram utilizados o Google acadêmico e o SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*) como bases para as pesquisas que se voltaram principalmente aos tópicos abordados em cada um dos quatro capítulos, a saber: depressão e suas origens e sintomas, processos de luto, ajustamentos neuróticos e psicóticos, sociedade capitalista e os diversos usos terapêuticos da arte, dando prioridade ao panorama gestáltico de análise dos fenômenos citados. No decorrer das pesquisas, houve a obtenção de um número de 19 materiais, entre artigos e livros que, após perscrutados e empregados na composição do trabalho, proporcionaram a divisão final do estudo em quatro eixos temáticos, sendo eles: A depressão como fixação no luto: contrapontos entre a visão psicopatológica e a visão gestáltica e fenomenológica; A capitalização da felicidade: exclusão e manutenção do estado depressivo pela sociedade capitalista e consumista; Os processos neuróticos e psicóticos na depressão e a falta de recursos para o ajustamento criador; Corpo-sujeito e corpo-objeto na experiência depressiva: a arte como proposta gestáltica para expressão do sofrimento na depressão.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### A DEPRESSÃO COMO FIXAÇÃO NO LUTO: CONTRAPONTO ENTRE A VISÃO PSICOPATOLÓGICA E AS VISÕES GESTÁLTICA E FENOMENOLÓGICA

De modo geral, o luto pode ser caracterizado como um processo de readaptação e/ou transformação após uma perda que não necessariamente se refere a um ente querido, mas a algo significativo que desestabiliza o sujeito como bens materiais, status sociais, expectativas, ideologias e/ou significações sobre o próprio sentido de viver que se refletem em questões físicas, emocionais, cognitivas e comportamentais (MARQUES, 2017).

Ademais, o luto é passível de ser denotado como uma espécie de aniquilamento de concepções que vão sendo introjetadas nos indivíduos desde a infância, facultando crises que eclodem quando tais indivíduos entram em conflito a partir do choque dos ideais introjetados com as impossibilidades de realizá-los. A depressão, por sua vez, se revela em uma fixação do indivíduo no processo de luto, sendo compreendida aqui como uma inviabilidade de criar, elaborar ou promover sua própria condição transitória nas etapas vivenciadas no luto (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN, 2010).

Em uma perspectiva psicopatológica, a depressão pode ser compreendida como uma complexa situação de sentimentos de tristeza, apatia e sensação de vazio, as quais são acompanhadas da incapacidade de sentir prazer, além de sensações de fadiga, insônia ou excesso de sono, falta ou aumento de apetite e pensamentos negativos de culpa, mágoa, medo, morte, entre outras alterações cognitivas e delírios psicóticos (DALGALARRONDO, 2008).

À vista disso, para o sujeito em depressão, há um estado de permanência no sofrer ocasionado por fatores biológicos, genéticos e neuroquímicos, mas é importante frisar que os quadros depressivos podem estar fortemente relacionados a perdas significativas, sejam elas físicas ou simbólicas (DALGALARRONDO, 2000). Desse modo, o luto pela perda que desencadeia o quadro depressivo pode estar relacionado tanto à reconstituição da identidade social de um indivíduo quanto ao seu potencial de ação ou aos seus afetos, podendo vir a constituir a permanência do sofrimento.

Levando em conta uma visão da gestalt-terapia sobre o depressivo, entende-se que a psicopatologia se estabelece como uma verdade provisória quanto às perspectivas de normalidade e adoecimento do ser humano. Em verdade, a psicopatologia em uma visão fenomenológica pode remover os apriorismos sobre o indivíduo considerado como doente mental e descentralizar a visão normativa sobre este, destituindo, porquanto, a ideia de uma maneira única de ser, passando, deste modo, a enxergá-lo de forma ampla (KARWOWSKI, 2015).

A psicopatologia fenomenológica deve averiguar o caso de forma singular e perceber sua essência de modo que se abstenha de um "senso comum" dentro da categorização de doenças, não tratando o sujeito em sofrimento apenas com rótulos fixos de "doença mental A" ou "doença mental B", mas o percebendo com a questão que o mesmo traz. Tendo esta percepção da pessoa em sofrimento sem uma sintetização, é possível trazer à tona suas questões de forma inclusiva (MOREIRA E BLOC, 2015).

Em suma, é evidente a necessidade de uma perspectiva fenomenológica da psicopatologia que seja capaz de permitir a expressão da pessoa que está em estado depressivo, visto que a depressão, com o passar das décadas, vem rapidamente se tornando um grave problema de saúde mundial, afetando milhares de pessoas que têm suas estruturas baseadas em culturas e ideologias em que é comum a ocorrência de sintomas e situações clássicas de apatia, solidão, luto da perda, má relação com a família e o trabalho, problemas financeiros, estigmas e diversos tipos de violência, mesmo que, é claro, as formas de pronunciamento sejam expressas de modos distintos de indivíduo para indivíduo e, em maior grau, de cultura para cultura (MOREIRA, 2007).

### **A CAPITALIZAÇÃO DA FELICIDADE: EXCLUSÃO E MANUTENÇÃO DO ESTADO DEPRESSIVO PELA SOCIEDADE CAPITALISTA E CONSUMISTA**

O sofrimento é tão parte da experiência no campo quanto o prazer. Porém, apenas esse último é esperado pelo maquinário capitalista. Neste cenário, a busca do prazer e da felicidade é o objetivo que o consumismo tende a estampar e visar rapidamente com o intuito de atrair simpatizantes. Pode se exemplificar essa situação nas tecnologias da saúde que buscam cada vez mais a vida longa para os seres humanos e em paralelo os produtos alimentícios cada vez mais saborosos devido as suas industrializações, mas tudo isso com o preço de um sofrimento prolongado por efeitos colaterais das drogas prescritas para combater as doenças que advém de uma alimentação baseada em comidas processados (BYDLOWSKI, WESTPHAL E PEREIRA, 2004).

As tecnologias da saúde, da alimentação e do mercado em geral se mostram como prolongadoras da vida e do adoecimento e entregam respostas rápidas para a dor que as mesmas causam, mostrando para o público uma ideia paradoxal de que não se deve sentir a dor. Percebe-se, portanto, o que pode se configurar como uma "ditadura da felicidade", onde o consumo para a plenitude imediata é o motor do prazer que, por sua vez, é tratado como cura para o sofrimento sem que o processo de luto seja respeitado. Logo, o bem-estar do indivíduo se torna um produto comercial enquanto que, nesse regime ditatorial da felicidade, o luto se torna inválido. A dor prolongada sentida pelo sujeito em depressão é inviabilizada pelo pensamento consumista que se volta para o prazer imediato, o que leva a um descarte da pessoa e um silenciamento de sua

identidade social, ações e/ou afetos (MÜLLER-GRANZOTTO E MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

Vale ressaltar que a rotulação que comumente acontece na psicopatologia clássica mantida pelo capitalismo acaba por delimitar o sujeito em depressão tão somente como alguém que está fixo no quadro depressivo, ignorando, desta maneira, todas as outras questões apresentadas por este indivíduo. Nesta fixação, seu corpo, que se mostra, devido os sintomas debilitantes, improdutivo à cultura capitalista, passa a ser rejeitado ao passo que sua expressão é silenciada (BLOC et al., 2015).

Em concordância com Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012), o meio capital está constantemente cobrando algo do ser humano, seja no que se refere a sua aparência que deve ser modelada em um padrão televisivo, seja em relação às demandas familiares ou as pressões advindas do trabalho. Resumindo, o comportamento depressivo é reprimido e ignorado por não ser tido como produtivo, mas sim como doente e, conseqüentemente, improdutivo. Assim, o adoecimento do sujeito quando atende ao consumismo é tido como comportamento saudável e é reforçado pelo meio, o que coloca em xeque o que é considerado doença pela sociedade capitalista.

## **OS PROCESSOS NEURÓTICOS E PSICÓTICOS NA DEPRESSÃO E A FALTA DE RECURSOS PARA O AJUSTAMENTO CRIADOR**

Para Perls, Hefferline e Goodman (1997), o organismo está em uma constante interação com o mundo, sendo simultaneamente modificado e o modificando, fato que demonstra que não há uma separação entre ambos, mas uma inseparável relação organismo/campo que transforma e interage de forma mútua. O corpo que está em relação com o mundo é a fronteira de contato do organismo no campo, no qual os órgãos dos sentidos responsáveis por identificar o mundo, transformam o sujeito com as informações retidas, evidenciando o contato em si.

O contato está em uma relação com a *awareness*, uma percepção que se mostra como uma consciência do presente sobre o ambiente, onde o organismo cria consciência de si e da realidade em que se situa e mantém contato com ela e consigo (MELO et al. 2012). É importante frisar que o contato não se dá apenas em uma questão física, mas também no meio social que está constantemente moldando a identidade do indivíduo e o influenciando através da *awareness* que este tem sobre o campo.

Ainda de acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997), é importante salientar que na fronteira de contato é passível de identificar o que é do interesse do organismo, onde se evitam as ameaças, mas se superam as dificuldades de forma que tal organismo assimile o que lhe é vantajoso nesse processo. A assimilação é voltada para o que é novo na *awareness*, indo em direção a uma criação proveitosa, tornando o contato uma ação de ajustamento criador. Todavia, o ajustamento

criador, que visa à busca de uma harmonização do organismo com o ambiente através do que é aproveitado, nem sempre encontrará recursos no meio que atenderão às suas necessidades. Assim, o organismo muda seu objetivo primário para algo que possa ser atendido pelo campo (ANTONY, 2009).

Com a mudança de objetivo pode surgir uma necessidade de evitar o contato, diminuindo ou até perdendo as funções da *awareness* que, ao invés de buscar assimilar o aproveitável, sente o sofrimento de forma tão insuportável que cria algo que se sobressaia a ele (ALVIM, 2019). Em um ajustamento de evitamento (neurose), o sujeito tenta transmitir as suas aflições para outros de modo manipulador por não ser capaz de lidar com esses sofrimentos por si só.

Em outra situação, Carvalho e Costa (2010) afirmam que a diminuição das funções da *awareness* sobre o contato pode ser mais densa devido a um desajustamento da função ID, ocorrendo uma dissociação com a realidade e dificultando o ajustamento criador, configurando uma psicose que também pode ser associada a uma sobrecarga da função ID. A psicose dispõe de sintomas patológicos como delírios, alucinações, comportamentos motores e na fala tidos como "anormais", fora os movimentos e pensamento lentos e a evitação do meio social e de afetos, entre outros.

A pessoa depressiva pode se utilizar de ajustamentos que visam o evitamento do sofrimento ou buscam o ajuste com a realidade que, por sua vez, pode se tornar espaço para uma falha que acarreta reações ilusórias e delirantes. Nessas situações de ajustamento é possível ocorrer uma regulação com o ambiente que cria sintomas para lidar com a dor de forma que o que se considera como adoecimento surge, na verdade, como um modo de reajuste (ANTONY, 2009).

O sujeito em depressão tem seus sintomas, sejam neuróticos ou psicóticos, inviabilizados pelo sistema que repele tais ações, desamparando o depressivo dos ajustamentos criados para lidar com suas situações de dor. Assim, o pensamento capitalista em companhia e com auxílio de uma cultura medicalizadora que se volta ao controle do corpo do ser humano e ao silenciamento de seus sintomas e não seu tratamento, acaba deixando em situação de desamparo aquela e aquele em estado depressivo que então se veem excluídos pelo sistema que criou a sua condição (TAVARES, 2010).

### **CORPO-SUJEITO E CORPO-OBJETO NA EXPERIÊNCIA DEPRESSIVA: A ARTE COMO PROPOSTA GESTÁLTICA PARA EXPRESSÃO DO SOFRIMENTO NA DEPRESSÃO**

A experiência da depressão é sentida como um sofrimento no corpo físico, sendo este muitas vezes mencionado como algo separado da mente, facultando para o indivíduo uma visão de decomposição de seu ser em duas partes (BLOC et al., 2015). Ainda de acordo com Bloc et al.

(2015), de fato, o corpo é de certa forma ambíguo, havendo um corpo no qual o indivíduo entende como sendo ele (corpo-sujeito) e um corpo que é percebido por outros e que estabelece a relação sujeito e mundo (corpo-objeto). Em seu caso, o depressivo entra em desequilíbrio e perde o contato com esse corpo-objeto, podendo ser levado a alguns dos sintomas já mencionados (GALLI, 2009).

Em um pensamento fenomenológico, o corpo-sujeito e o corpo-objeto não se separam, apenas há a sensação de separação que muitas vezes ocorre devido a falta de espaço que os sujeitos depressivos apresentam, como um sufocamento de suas expressões que são ignoradas, impedidas e/ou transformadas em algo patológico. A autoestima do sujeito, sufocada pelas demandas sociais, se fecha e tenta interromper o contato com e para o mundo (BLOC et al., 2015).

No processo de reintegração com o meio, o corpo-objeto do depressivo que utiliza a arte pode passar a se reintegrar com o corpo-sujeito, proporcionando que a falta de sensação com o mundo seja suprida pelo contato que a arte consegue proporcionar. A identidade, sustentada pelas experiências únicas do indivíduo, tende a ser reconectada ao corpo-objeto na criação de um instrumento artístico que funciona como ego auxiliar, sendo, portanto, uma expressão da identidade social impulsionada pelos afetos do sujeito que, apresentando comportamento neurótico ou psicótico, pode se utilizar da arte como resposta criadora e transgressora ante o movimento capitalista intolerante (MÜLLER-GRANZOTTO E MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

Ainda conforme Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012), o surto psicótico ou neurótico provém de uma falta de espaço do sujeito para que seus ajustamentos de busca ou evitação sejam realizados e, como já explanado, a reação formativa pode, ao receber apoio, vir a ser criadora e se rebelar contra o meio opressor, sendo a arte um método para que essa rebeldia ocorra.

À vista disso, a arte se mostra como uma ferramenta que alivia a dor e é impulsionada pela mesma, tendo sua estética justamente visceral por se tratar de uma criação profunda do sujeito. Artistas como Vincent Van Gogh, com suas pinturas expressionistas engendradas de cores fortes e dimensões irregulares, revelam em suas obras a natureza de suas dores para assim conviver com estas (SOUZA, 2017).

Evan do Carmo no prefácio do livro *Um Olhar Sobre a Depressão* (TERCEIRO, 2019) fala da beleza estética na melancolia e nas mais profundas dores humanas que afligem os indivíduos através das emoções, as quais se tornam matéria-prima para a criação artística. A dor é comum aos artistas que fazem dela fonte de inspiração para a criação e com ela lidam na forma de arte, não só como ajustamento criador, mas também como meio de expressar o que sentem. De tal maneira, o artista tem a ferramenta criadora para se ajustar ao meio, a podendo usar como forma de trabalhar seus males ou apenas conviver com estes, ambas através de uma viagem introspectiva que se revela ao mundo.

## CONCLUSÃO

Mediante o exposto no decorrer do referencial teórico e da análise empreendida na visualização da depressão pela gestalt-terapia, tendo a arte como ajustamento criador e transformador do luto na experiência depressiva, é possível afirmar que o sujeito em situação de depressão frequentemente acaba por sofrer inicialmente ao adquirir os sintomas, como a dificuldade em sentir prazer, o desinteresse pelas atividades que costumava realizar e a fadiga, que podem surgir em uma situação da perda e/ou uma ideia advinda do pensamento consumista de posse, colocando o depressivo em uma condição de desestruturação por não ter mais o que pensava ter. Por conseguinte, o meio consumista, que visa disposição e felicidade constantes e acompanhadas por uma vitalidade exemplar, é contrário ao que é sentido pelo sujeito em estado depressivo, de forma que a cultura capitalista o repele por este não estar no mesmo ritmo exigido por este meio (TAVARES, 2010).

De acordo com Selma Ciornai, entrevistada por Silva, Carvalho e Lima (2013), a criação artística “concretiza” o que era apenas uma ideia abstrata, podendo trazer a tona os conflitos que o indivíduo mantém no seu corpo-sujeito e tem dificuldade de expressar em seu corpo-objeto. Os conflitos passam ser ressignificados pela arte criada, transformando o sofrimento em uma arte que é manipulada pelo artista, sendo a criação do novo fato deveras importante, pois traz ao artista a possibilidade de constante mudança e reinvenção, facultando fluidez no contato com o ambiente e potencializando a reintegração com este de forma que os sintomas depressivos sejam tratados.

Em uma visão gestáltica, o indivíduo com ajustamentos criadores é um artista e a depressão, sendo uma resposta criativa do organismo para se relacionar ao campo, demonstra uma série de sintomas que podem ser encarados como expressão artística, visto que tais sintomas surgem em contrapartida aos estímulos do ambiente. A criação de um objeto artístico, que é reflexo da dor, surge como maneira de ajustar o organismo ao mundo, modificando a realidade para se reintegrar ao meio (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997).

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. B. **A clínica da gestalt-terapia: experiência e criação.** Mosaico: Estudos Em Psicologia, 4(1), 2019.
- ANTONY, Sheila Maria da Rocha. **Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância.** Estud. psicol., Rio de Janeiro , v. 9, n. 2, Set. 2009.
- BLOC, Lucas et al . Fenomenologia do corpo vivido na depressão. Estud. psicol. Natal, v. 20, n. 4, p. 217-228, Dez. 2015.

BYDLOWSKI, Cynthia Rachid; WESTPHAL, Márcia Faria; PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo. **Promoção da saúde**. Porque sim e porque ainda não!. Saúde soc., São Paulo, v. 13, n. 1, p. 14-24, Apr. 2004.

CARVALHO, LÍlian Cherulli de; COSTA, Ileno Izídio da. **A clínica gestáltica e os ajustamentos do tipo psicótico**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 16, n. 1, p. 12-18, Jun. 2010.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KARWOWSKI, Silverio Lucio. **Por um entendimento do que se chama psicopatologia fenomenológica**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 21, n. 1, p. 62-73, jun. 2015.

SILVA, Mariane Coimbra; CARVALHO, Eduardo Moura de; LIMA, Rafaela Dias de. **Arteterapia Gestáltica e suas relações com o processo criativo**. IGT rede,

Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 01-19, 2013.

MARQUES, M. **Luto ou depressão?**. Psicologia pt: o portal dos psicólogos, Portugal, 2017.

MELO, Gislaine Pereira de; SOUZA, Patricia Ribeiro de; BUENO, Silmara Soares;

KNUPP, Thaynara Toffali Cunha e Wagner de Miranda. **Gestalt-Terapia: A definição de contato e a relação conjugal**. Psicologado, [S.l.], 2012.

MOREIRA, Virginia. **Critical phenomenology of depression in Brazil, Chile and the United States**. Lat. Am. j. fundam. psychopathol. online, São Paulo, v. 4, n. 2, p.

193-218, nov. 2007.

MOREIRA, V.; BLOC, L. **O Lebenswelt como fundamento da psicopatologia fenomenológica de Arthur Tatossian**. Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea, 4(1), 1-14, 2015.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José; MÜLLER-GRANZOTTO, Rosane Lorena. **Psicose e Sofrimento**. São Paulo: Summus, 2012.

PERLS, F., HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo:

Summus, 1997.

PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira; QUINTELLA, Rogerio Robbe; VERZTMAN, Julio Sergio. **Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia**. Psic. Clin., Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 147 – 168, 2010.

ROSS, Bibiana Munhoz; MUNHOZ., Angelica Vier. **Corpo em sofrimento, afirmação de uma vida**. **Fractal**. Rev. Psicol., Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 285-290, Dec. 2020

SILVA, Mariane Coimbra, CARVALHO, Eduardo Moura de; LIMA, Rafaela Dias de. **Arteterapia Gestáltica e suas relações com o processo criativo**. IGT rede, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 01-19, 2013.

SOUZA. Elaine Oliveira. **O processo criativo e o transtorno depressivo em Van Gogh**. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) - Departamento de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

TAVARES, LAT. **A depressão como "mal-estar" contemporâneo:** medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo. Editora UNESP: Cultura Acadêmica, São Paulo, p. 371, 2010.

TERCEIRO, Carlos. **Um Olhar Sobre a Depressão.** [S. l.]: Clube de Autores, 2019.

## **CAPÍTULO XI**

# **SÍNDROME DE BURNOUT E SUAS IMPLICAÇÕES EM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO**

***Carla Fernandes dos Santos***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: carla-5544@hotmail.com*

***Diala Keturi Lima Queiroz***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: diala\_ketury@hotmail.com*

***Ariel Barbosa Gonçalves***

*Universidade Estadual do Ceará*

*E-mail: leirapsic@gmail.com*

## **INTRODUÇÃO**

O trabalho pode ser encarado como fonte essencial de construção da identidade dos sujeitos, no entanto, quando realizado de forma monótona, destituído de sentido por aquele que o realiza, pode ocasionar insatisfação e até adoecimento, passando a ser encarado como uma atividade que traz prejuízos ao trabalhador, podendo acarretar no desenvolvimento da Síndrome de Burnout (SB), conhecida também por Síndrome do Esgotamento Profissional - SEP (FERREIRA; LUCCA, 2015).

Diante de todo o cenário econômico, político e social atual, cortes de verbas na educação têm contribuído negativamente para a saúde de seus profissionais, levando estes a sentirem-se pessimistas, pouco motivados com os baixos salários, que na maioria das vezes mal conseguem subsidiar seus custos mensais, passando a se ver sem valor para o mercado de trabalho. Os mesmos acabam desempenhando carga horária de trabalho extensiva, principalmente se considerarmos as mudanças impostas pela pandemia do coronavírus, o que demanda alta capacidade de adaptação e aquisição de novas habilidades.

Os profissionais da área da saúde, educação, policiais e cuidadores estão entre os profissionais mais predispostos a desenvolver a Síndrome de Burnout, por cotidianamente estarem enfrentando novas situações, na maioria das vezes estressantes e que requerem maior empenho por parte dos envolvidos, passando a desencadear sintomas de cunho psicossomático, psicológico e comportamental (CARDOSO; BAPTISTA; SOUSA et al., 2017).

Dito isto, a curiosidade pelo tema da pesquisa iniciou em março de 2019, a partir do estágio profissional II em uma escola da rede pública de ensino no município de Lavras da Mangabeira-CE. Durante o estágio, ao trabalhar com aconselhamento psicológico, muitos profissionais traziam as mesmas perspectivas de vida em relação ao trabalho. Alguns professores relatavam sentirem-se cansados, desmotivados financeiramente, cobrados por bons resultados e pouco apoiados pelos familiares.

Diante do exposto, surgiram os seguintes questionamentos: a Síndrome de Burnout pode afetar professores da rede pública de ensino? Quais os principais fatores que podem contribuir para desencadear a SB em professores da rede pública? De que forma esta síndrome se expressa na vida profissional docente? Instala-se a necessidade de pensar na temática, com o propósito de contribuir para a prevenção da SB no ambiente escolar.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

### **O TRABALHO**

A construção histórica do trabalho vem de a.C., quando os nômades se utilizavam da caça, que era uma das formas de sobrevivência, após se deu início ao trabalho escravo, a qual os negros eram vistos como objeto de trabalho pelos seus senhores, em condições consideradas desumanas (ZANELI; BORGES; ANDRADE, 2014).

Para o capitalismo o trabalho é visto simplesmente como forma de acumulação de riquezas, e a partir do momento que o trabalhador passa a vender a sua atividade esperando receber em troca um salário, perde ali o total controle sobre si e suas tomadas de decisões. O mercado tem se tornado bastante competitivo, buscando sempre por profissionais que tenham formação de acordo com a vaga a ser preenchida, no entanto, acaba muitas vezes exigindo que o empregado passe a exercer mais de uma função. Logo, nota-se que quem não se encontra disposto a aceitar tudo que está sendo posto acaba se sentindo vulnerável a perda do emprego, sendo a realidade compartilhada por muitos trabalhadores (MORAES, 2016).

No século XX a grande expansão da indústria trouxe severos prejuízos de ordem mental e física aos trabalhadores, passando a serem necessários estudos relacionados à saúde do trabalhador e o ambiente de trabalho. Dejours então cria a clínica psicodinâmica do trabalho que tinha como principal foco trabalhar o ambiente organizacional, o empregado e os impactos desse ambiente na vida do sujeito e como as formas de realização do trabalho poderiam afetar o sujeito e seu bem estar (MENDES, 1995).

O trabalho prescrito é considerado uma forma alienante, uma vez que não permite que o sujeito possa expressar sua subjetividade, sendo consideradas formas repetitivas e códigos de condutas que já se encontra instaurado pela organização. O trabalho real permite que o trabalhador passe a vê novas perspectivas de vida dentro do trabalho, tal forma previne o sujeito entrar em sofrimento e passando a ser reconhecido dentro da empresa (FERREIRA, 2013).

## **A SINDROME DE BURNOUT**

Durante a década de 70, o médico psicanalista Freudenberger, dos Estados Unidos fez as primeiras publicações de estudos sobre Burnout, a qual a síndrome apresentava-se relacionada com o ambiente de trabalho. Após o seu trabalho voluntário em uma clínica de reabilitação, começou a analisar os seus colegas e concluiu que o ambiente de trabalho pode causar sofrimento e adoecimento (ZORZANELLI; VIEIRA; RUSSO, 2016).

A psicóloga Malash estudou os fatores psicossociais que estão ligados a SB e chegou à conclusão que o apoio emocional familiar e de amigos para o acometido pela síndrome se faz relevante na vida do mesmo, tornando assim um processo de aceitação e de busca por ajuda, tendo em vista o ambiente de trabalho como o precursor do sofrimento (ALVES, 2017). A partir dos estudos feitos por Malash pôde-se criar uma das formas de avaliar a Síndrome de Burnout através do MBI (Maslach Burnout Inventory), que foi criado pela psicóloga e Susan Jackson. O MBI tinha como objetivo avaliar a exaustão, despersonalização e realização. Esse teste faz com que o trabalhador possa ser avaliado em três dimensões diferentes no seu ambiente organizacional (CARLOTTO; CAMARA, 2004).

Para Batista et al. (2011), a SB equivale à resposta aos diversos estímulos estressores, sendo de ordem crônica, a partir das vivências subjetivas do homem em seu ambiente de trabalho, apresentando-se desgaste físico e psíquico. Os sintomas da SB vão depender de como cada indivíduo reage a síndrome, em alguns pode ocorrer o sentimento de apatia, negativismo (ALVES, 2017).

Segundo Alves (2017), na SB pode haver a prevalência de sentimento de frieza, cansaço excessivo, inutilidade, e em alguns casos, surgimento de dores de cabeça em excesso e desenvolvimento de atividades rápidas para ser o primeiro a concluir. Em relação aos sintomas psicológicos, descreve o surgimento de irritabilidade, dificuldade para se concentrar, negativismo e sentimento de inutilidade. A Síndrome de Burnout não afeta somente a esfera psicológica, mas também a fisiológica, acarretando em patologias como úlcera e dores na região lombar (ALVES, 2017).

De acordo com Silva (2018), há três características relacionadas à classificação da SB, sendo elas: exaustão emocional, despersonalização e a diminuição da realização pessoal no trabalho. A exaustão e despersonalização estão ligadas a sobrecarga de trabalho desenvolvida exigindo do sujeito mais do que está preparado mentalmente, faltando-lhes apoio psicológico para saber lidar com as diversas situações estressoras (SILVA, 2018). Na concepção de Silva (2018), a realização pessoal é considerada como um dos diversos fatores que leva ao trabalhador a desencadear a SB podendo ser de ordem social e econômica, essa falta de realização está relacionada quando o sujeito não se sente realizado de nenhuma forma com o papel que está sendo exercido dentro do seu ambiente de trabalho.

### **A SINDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO**

Segundo Arraz (2018), SB está ligado à como o sujeito se relaciona com diferentes pessoas dentro do ambiente de trabalho. Os profissionais da educação e saúde se encontram mais predisposto a desenvolver SB devido ao seu trabalho requerer maior contato com pessoas.

De acordo com Silva (2006), a falta de sentido organizacional acontece principalmente com docentes, ocasionando a síndrome de Burnout. A falta de novas perspectivas na profissão faz com que muitos profissionais se acomodem e passem a ver o seu trabalho como algo que não lhe satisfaz mais.

Os profissionais que tem a carga horaria de trabalho mais extensa e que ensinam a um maior número de discentes, acabam se desgastando muito. O fato de que o ambiente em que está sendo executadas as atividades interfere muito na saúde desse docente, se tornando mais vulnerável a SB (DALCIN; CARLOTTO, 2017).

Segundo os autores Pêgo e Pêgo (2016), a SB na docência é vista como uma forma de alienação, cuja síndrome não prejudica somente o profissional, mas o seu desempenho dentro da organização que está vinculada. A falta de apoio no decorrer da carreira faz com que leve a desistência e o desamor pela profissão, gerando problemas de saúde de ordem física e mental.

Mediante ao contexto escolar, o professor da rede pública se depara com o desgaste das salas de aulas superlotadas, o esforço para repassar o conteúdo programado, a evasão escolar, as diversas formas de violências, ameaça e remuneração mínima, o educador passa a não ter nenhum tipo de autonomia, levando ao adoecimento (RIBEIRO; BARBOSA, 2016).

## **METODOLOGIA**

O estudo é do tipo integrativo, realizado a partir da leitura de livros, revistas e artigos científicos, que tem como abordagem qualitativa e procedimento técnico, a revisão bibliográfica. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa é um dos estudos mais amplos, permitindo ao pesquisador selecionar pesquisas sobre a temática, buscar dados experimentais e utilizar instrumentos para coletar dados.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de várias fontes, tendo como principal foco a técnica de analisar conteúdo já existente, sendo considerada uma das formas confiáveis para poder fazer pesquisa, devido seu foco se dirigir a obras existentes que se tem confiabilidade (GARCIA, 2016). Foi utilizada como fonte de pesquisa: livros, revistas e artigos científicos pesquisados nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online (Scielo), Google acadêmico e acervo da biblioteca do Centro Universitário Vale do Salgado, bem como em sua biblioteca virtual.

Na análise qualitativa os dados na maioria das vezes são textuais, mediante a isso o pesquisador utiliza-se da sua compreensão a fim de responder as demandas e expandir seu entendimento acerca do tema pesquisado. Essa etapa teve como principal foco a interpretação (TAQUETE, 2016).

Utiliza-se o recorte temporal das publicações entre os anos de 2013 a 2019, nos idiomas português, inglês e espanhol. As publicações se encontram disponíveis nas bases de dados referidas acima.

Aos critérios de exclusão foram desconsiderados do trabalho quaisquer temas que fugissem sobre o objeto a ser pesquisado, extinguindo artigos duplicados e em demais línguas.

A análise de dados foi realizada por meio de leituras exploratórias que teve como objetivo interpretar e poder atender as demandas do presente trabalho. A partir de leituras de conteúdos científicos e fidedignos pode-se nomear o que está ligado ao estudo, descartando qualquer conteúdo que fuja do tema.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesta seção serão apresentados os resultados encontrados na pesquisa, seguidas de sua discussão. Os mesmos estão distribuídos em subseções, para facilitar a organização do texto e sequente compreensão do leitor.

## A SÍNDROME DE BURNOUT NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Partindo da ideia que a Síndrome de Burnout afeta o trabalhador, possuindo como principal foco o ambiente de trabalho, os mais diversos estudiosos e teóricos distinguem a SB como uma queima e perda de sentido, podendo ser avaliada a partir de seus componentes, sendo eles: exaustão emocional, despersonalização e desrealização (PEREIRA, 2002).

Mediante o que expressa Pereira (2002), exaustão emocional é causada pela SB, sendo possível notar um declínio na produtividade, faltas, perdas, abandono das atividades, sendo caracterizada por esgotamento mental e fisiológico. Para Carlotto e Camara (2007), os profissionais mais jovens tendem a se encontrar mais exaustos, devido às condições precárias do ambiente e baixa remuneração. Mediante o que expressa da Silva et al. (2018), a exaustão emocional em profissionais do sexo feminino é mais predominante, sendo que as mesmas além de exercer a função de docente, também exercem o papel de dona do lar. Outros profissionais que trabalham em números de dias extensos também tendem a se sentirem exaustos.

A desrealização trata-se de como o trabalhador se sente enquanto a sua vida profissional, e quando o trabalho é visto como algo sem sentido, é corriqueiro notar que sentimentos negativos possam ser mais constantes durante essa fase, tendo em vista que a baixa autoestima é mais presente (PEREIRA, 2002).

A despersonalização é um sentimento de frieza e de apatia, impossibilitando contato e relacionamento social. Na ótica de Barbosa (2016), os profissionais com menos de dez anos de profissão tendem a entrar nessa etapa. Mediante o que expressa segundo Dessbesell, Fabricio e Kelm (2018), a despersonalização pode se expressar através de sentimentos de diferença frente às atividades que desempenha e aos colegas de trabalho. Da Silva et al. (2020), elenca que o trabalhador acometido pela síndrome de Burnout, quando chega na fase de despersonalização a ausência de atitudes positivas gera em si afastamento das atividades, atitudes que contrariam a organização e tendência a se isolar.

Conforme Dalcin e Carlotto (2017), as mulheres apresentam escores mais altos ao que concerne à exaustão emocional, já em docentes que se encontram em uma união estável que não tem filhos os valores apresentam um declínio mediante a sua idade. A despersonalização se encontra mais presentes nos homens com faixa etária de idade entre 40 a 59 que não possuem uma companheira (o) e filhos. As mulheres de acordo com a pesquisa que possuem um esposo e filhos mostram-se realizadas, já as profissionais que não tem alguém fixo amorosamente e com uma faixa etária de idade que se encontra cada vez mais progredindo houve um declínio na realização pessoal.

## **SOFRIMENTOS E LIMITAÇÕES IMPOSTOS PELA SÍNDROME DE BURNOUT**

Os professores são uma classe que convive diariamente com pessoas de diferentes aspectos sociais e culturais, sendo uma das profissões mais desvalorizadas em relação a salários, condições mínimas de salubridade no ambiente de trabalho e a violência que é derivada dos próprios alunos (ALVES; NETO, 2019).

A Síndrome de Burnout é um tema bastante citado no século atual devido aos prejuízos de ordem, física, econômica, social e mental. De acordo com Reis et al. (2018), o que tem levado ao diagnóstico precoce da SB em alguns casos consiste em que os trabalhadores começam a sentir dores na coluna e buscam o pronto atendimento, afim de uma medicação que possa sessar a dor. O médico ao realizar uma análise consta que o problema não é somente físico, mas também mental.

Segundo Pereira (2002), são inúmeros os prejuízos que a SB pode causar. Alguns profissionais podem apresentar sintomas fisiológicos, como: deficiência no sistema imunológico, levando a predisposição de gripes, alergias, perda gradativa de cabelo. A referida síndrome acarreta perda da libido, doenças cardiovasculares, gastrointestinais e insônia. Entre os sintomas psíquicos podem ocorrer: dificuldade para se concentrar, a memória começa a apresentar lapsos, distanciamento do ciclo familiar e amizade, passando a se enxergar como um fracasso e dificuldade de confiar nas pessoas.

Os profissionais acometidos pela SB acabam desenvolvendo comportamentos de autodefesa, como: tendência a se isolar, sarcasmo, incompetente e dentre outros. Tais condutas são decorrentes para poder conseguir ficar no trabalho e manter uma boa relação com os demais colegas. Entretanto, quando as condutas de autodefesa falha, maior será o sofrimento psíquico (CAMPOS, 2017).

Através do stress no ambiente organizacional, nota-se que professores podem apresentar prejuízos na fala, independentemente da idade. Levando cada vez mais ao distanciamento da sala de aula e a necessidade de readaptação funcional (GIANNINI; LATORRE; FERREIRA, 2013).

## **PRINCIPAIS TRATAMENTOS E ENCAMINHAMENTOS REALIZADOS AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO EM SOFRIMENTO PSÍQUICO**

Em grande parte dos casos, o diagnóstico de Burnout é realizado de forma tardia, pelo fato de ser confundida com outras patologias. De acordo com Silva e de Afonseca Salles (2016), cerca de 70% da população, apresenta algum sintoma de alguma doença adquirida no trabalho. Os autores salientam que a melhor forma de evitar que tal evento ocorra, é desenvolvendo estratégias de prevenção, ou seja, quanto maior for o investimento na saúde mental dos trabalhadores, menor será o risco de adoecer e tendência a maiores respostas positiva. Diante do sofrimento decorrente da SB

é essencial que as escolas possuam um ambiente de escuta para acolher esses docentes, privilegiando assim a saúde mental dos seus colaboradores e maior desempenho.

Dentre as formas de tratamento, se encontra o uso de medicação, quando o sujeito já se encontra em um nível de estresse elevado, e que posteriormente já tem desencadeado alguma outra patologia (SILVA; DE AFONSECA SALLES, 2016).

Em meio às táticas de minimizar o sofrimento decorrido do Burnout se encontram o *coping*, a qual o psicoterapeuta juntamente com o paciente, buscam fazer com que o sujeito em sofrimento possa lidar e passar a reagir de uma forma diferente aos estímulos estressores no ambiente organizacional. E dentro do coping pode-se trabalhar voltado ao emocional, buscando uma maneira de enfrentar e reduzir o estresse, a partir do autoconhecimento se utilizando da esquivar ou fuga. Já o coping voltado ao problema visa mudar o problema a partir da origem do estresse, ou seja, ele irá trabalhar diretamente na relação entre sujeito e ambiente (PIETROWSKI; DE OLIVEIRA CARDOSO; DO NASCIMENTO BERNADI, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados, a Síndrome de Burnout é considerada um tipo de stress ocupacional que resulta na queima gradativa de energia, corroborando em consequências negativas ao trabalhador e a organização, cuja síndrome pode ser avaliada em três pontos distintos, sendo eles: exaustão emocional que consiste na sobrecarga e tendência a conflitos na organização; despersonalização resulta em se distanciar efetivamente, falta de engajamento nas atividades e desmotivação, e por último, a desrealização profissional que ocorre quando o profissional se sente pessimista e incompetente. Vale salientar que a SB está cada vez mais presente no ambiente de trabalho, principalmente em organizações que não dão suporte emocional aos seus colaboradores, a falta de políticas públicas, baixa remuneração, carga horária extensa e ambiente insalubre, são fatores contribuintes para o desencadeamento de Burnout.

Compreende-se que Burnout afeta de forma direta e indireta a produtividade dos docentes, por ser uma classe profissional que lida diretamente com alunos, pais, diretores, coordenadores e secretários, vivenciando pressões por busca de resultados constantes e ameaças. Por ser uma patologia pouco conhecida, requer uma análise clínica profissional, que irá verificar consequências físicas e mentais dentre elas, as mais frequentes: lombalgia, distúrbio de sono, imunidade baixa, pouca concentração, hipertensão, prejuízos na memória e fala. Tais eventos têm levado aos professores optarem por aposentadoria mais cedo e readaptação funcional, em casos extremos, a desistência do trabalho.

Pode-se concluir que, dentre as formas mais utilizadas no tratamento da SB em docentes se encontra, a psicoterapia que pode ser individual ou em grupo, utilizando-se de estratégias como o

*coping*, e a medicalização que só pode ser prescrita pelo psiquiatra. Mas, caso o paciente necessite, pode optar por outros meios de tratamento, como: prática de atividades físicas, afastamento da sala de aula para se tratar, se alimentar adequadamente, práticas de relaxamento e redução de horas trabalhadas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maracy Domingues; NETO, José Candido Pereira. Sofrimento psíquico no trabalho e estresse ocupacional em professores: causas e consequências. **Revista Psicologia e Educação On-Line**, v. 2, n. 2, p. 40-46, 2019.

ALVES, Marcelo Echenique. Síndrome de Burnout. Porto Alegre. Instituto Stokastos. **Revista Psychiatry on-line Brasil**. Vol. 22, Nº 9, setembro de 2017.

ARRAZ, Fernando Miranda. **A Síndrome de Burnout em Docentes**. Rev. Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 06, Vol. 07, pp. 34-47, jun. de 2018.

BARBOSA, Andrea Loly Kraft Horta. **A Síndrome de Burnout em professores universitários**. 2016.

BATISTA, Jaqueline Brito Vidal et al. Síndrome de Burnout: confronto entre o conhecimento médico e a realidade das fichas médicas. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 3, p. 429-435, 2011.

CAMPOS, Fabiana de. **Síndrome de burnout: uma revisão sistemática**. 2017.

CARDOSO, Hugo Ferrari; BAPTISTA, Makilim Nunes; SOUSA, Denise Francioni Amorim de e GOULART JUNIOR, Edward. Síndrome de burnout: análise da literatura nacional entre 2006 e 2015. **Rev. Psicol., Organ. Trab.** [online]. 2017, vol.17, n.2 [citado 2019-11-09], pp. 121-128.

CARLOTTO, Mary Sandra; CAMARA, Sheila Gonçalves. Análise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 499-505, Dec. 2004.

CARLOTTO, Mary Sandra; CAMARA, Sheila Gonçalves. Preditores da Síndrome de Burnout em professores. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 101-110, junho de 2007.

DALCIN, Larissa; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de burnout em professores no Brasil: considerações para uma agenda de pesquisa. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 745-770, ago. 2017.

DA SILVA, Raynan José Sousa et al. Ocorrência da Síndrome de Burnout em professores do ensino superior em instituição privada. **Fisioterapia Brasil**, v. 19, n. 4, p. 490-499, 2018.

DESSBESELL, Vanessa Hasper; FABRICIO, Adriane; KELM, Martinho Luís. Incidência da Síndrome de Burnout em docentes do ensino superior no noroeste do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v. 9, n. 2, p. 50-61, 2018.

FERREIRA, Naiza do Nascimento; LUCCA, Sergio Roberto de. Síndrome de Burnout em técnicos de enfermagem de um hospital público do Estado de São Paulo. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 68-79, Mar. 2015.

FERREIRA, João Batista. Real do trabalho. **F. d. Vieira, AM Mendes, e ÁR Merlo, Dicionário crítico de gestão psicodinâmica do trabalho**, p. 343-350, 2013.

GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica-uma discussão necessária. **Línguas & Letras**, v. 17, n. 35, 2016.

GIANNINI, Susana Pimentel Pinto; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira; FERREIRA, Léslie Piccolotto. Factors associated with voice disorders among teachers: a case-control study. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 6, p. 566-576, 2013.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995.

MORAES, Moacir Elias de. Síndrome de Burnout em professores de escolas municipais do interior de São Paulo/ Moacir Elias de Moraes. Lins, 78p. 2016.

PEREIRA, Ana Maria T Benevides. **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

PÊGO, Francinara Pereira Lopes; PÊGO, Delcir Rodrigues. Síndrome de burnout. **Rev. bras. med. trab**, p. 171-176, 2016.

PIETROWSKI, Daniela Lopes; DE OLIVEIRA CARDOSO, Nicolas; DO NASCIMENTO BERNARDI, Claudia Canestrine. Coping strategies for burnout syndrome between teachers: A national integrative literature review. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 3, p. 397, 2018.

REIS, Anna Camila Baioto Pina et al. Avaliação dos principais sintomas na detecção precoce da Síndrome de Burnout em Professores. **CIPEEX**, v. 2, p. 1127-1137, 2018.

RIBEIRO, Liliane da Consolação Campos; BARBOSA, Lilia Aparecida Campos Ribeiro; SOARES, Ademilson Souza. Avaliação da prevalência de Burnout entre professores e a sua relação com as variáveis sociodemográficas. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 5, n. 3, 2016.

SILVA, Leandra Carla; DE AFONSECA SALLES, Taciana Lucas. O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**| ISSN-e: 2237-1427, v. 6, n. 2, 2016.

SILVA, Maria Emília Pereira da. Burnout: por que sofrem os professores? **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 89-98, jun. 2006.

SILVA, Rafaela Araújo Dias da et al. Síndrome de Burnout: realidade dos fisioterapeutas intensivistas? **Fisioter. Pesqui.**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 388-394, Dec. 2018.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, MICHELLY Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TAQUETTE, Stella. Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde. **CIAIQ2016**, v. 2, 2016.

ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil-2**. AMGH Editora, 2014.

ZORZANELLI, Rafaela; VIEIRA, Isabela; RUSSO, Jane Araújo. Diversos nomes para o cansaço: categorias emergentes e sua relação com o mundo do trabalho. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v.20, n.56, p.77-88, Mar. 2016.

## **CAPÍTULO XII**

### **CONTRIBUIÇÕES DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PARA A PSICOLOGIA DO TRÂNSITO**

***Diala Keturi Lima Queiroz***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: diala\_ketury@hotmail.com*

***Carla Fernandes dos Santos***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: carla-5544@hotmail.com*

***Maria Charlene Rodrigues Bezerra***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: charlenyrs23@gmail.com*

***Antoniél dos Santos Gomes Filho***

*Centro Universitário Vale do Salgado / Universidade Federal de Campina Grande / Centro*

*Universitário Mauricio de Nassau*

*E-mail: antoniél.historiacomparada@gmail.com*

## **INTRODUÇÃO**

Segundo o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), o trânsito é caracterizado por qualquer utilização de vias, seja ela através da locomoção de carros, bicicletas, moto, pedestres ou transportes coletivos (BRASIL, 1997). Portanto as pessoas estão diariamente no trânsito e esse movimento instiga a conhecer um pouco mais sobre como se dar essa relação.

Já a psicologia do trânsito é definida por Rozestraten (1981), ainda na década de 80 como sendo parte da Psicologia que se dedica ao estudo do comportamento dos pedestres (de todas as idades), do motorista amador e profissional, do motoqueiro, do ciclista, dos passageiros e do motorista de coletivos, e num sentido mais amplo, de todos os participantes do tráfego aéreo, marítimo, fluvial e ferroviário. De modo geral, no entanto, a Psicologia do Trânsito se restringe ao comportamento dos usuários das rodovias e das redes viárias urbanas. Uma concepção mais atual e sistêmica, destaca a ação do psicólogo como agente promotor de saúde no contexto do trânsito em

uma perspectiva que leva em conta prevenção, intervenção e reabilitação, conforme sugere a análise das atribuições dos psicólogos no Brasil, descritas pelo Conselho Federal de Psicologia.

De acordo com Silva (2012) a psicologia do trânsito foi um dos primeiros campos de atuação do psicólogo, onde os psicólogos foram ganhando visibilidade no trânsito a cada nova legislação que era criada, assim é possível frisar que a psicologia do trânsito teve quatro grandes momentos. O primeiro, foi a aplicação de testes e exame psicológico, o que ocorreu em momento anterior à regulamentação como profissão. Segundo o reconhecimento da Psicologia do Trânsito como uma disciplina científica. Terceiro, o desenvolvimento interdisciplinar em várias esferas e, por fim, um quarto momento marcado pela aprovação do Código de Trânsito Brasileiro (Lei 9503, de 23/09/97) no qual foi um avanço ao trabalho do profissional pois a legislação destacava as avaliações psicológicas como um requisito para a obtenção da habilitação, promovendo então a sensibilização da sociedade e dos profissionais na discussão de políticas públicas de saúde, educação, segurança e prevenção voltados à problemática do trânsito na sociedade (BORGES; RODRIGUEZ, 2020).

Vale salientar que a avaliação psicológica é uma prática exclusiva do psicólogo que, busca obter um profundo conhecimento do sujeito avaliado e da sua tomada de decisões. Esse processo de investigação envolve estratégias que integram informações de diferentes fontes, como, por exemplo, testes, inventários e entrevistas. Por meio de uma metodologia específica, quando usada adequadamente, ajuda a elucidar aspectos dos fenômenos psicológicos e a subsidiar intervenções em diferentes áreas de atuação profissional (APA, 2014).

De acordo com Resolução nº 009/2018, publicada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2018) ressalta que a avaliação psicológica se trata de um processo estruturado de investigação dos fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas.

Tendo em vista a contextualização, a avaliação psicológica no trânsito é de extrema importância pois, o ato de dirigir é complicado, envolve diferentes capacidades, habilidades e atitudes bem como requer do motorista um bom nível de maturidade emocional e capacidade intelectual, as quais lhe permitem interpretar estímulos e reagir estrategicamente no trânsito. Portanto, a avaliação psicológica tem por finalidade contribuir para promover a segurança dos motoristas, já que o psicólogo é um dos responsáveis pela liberação do candidato para a direção de veículos automotores.

Diante disto, o artigo busca apresentar a importância da avaliação psicológica para o contexto da psicologia do trânsito, tendo em vista que todas as pessoas que planeja obter a CNH, só dão continuidade com o trâmite após a aprovação em sua avaliação psicológica. Portanto, este

estudo abordará, sobre quão importante e preventiva pode ser uma avaliação psicológica, bem como a ascensão no âmbito do trânsito.

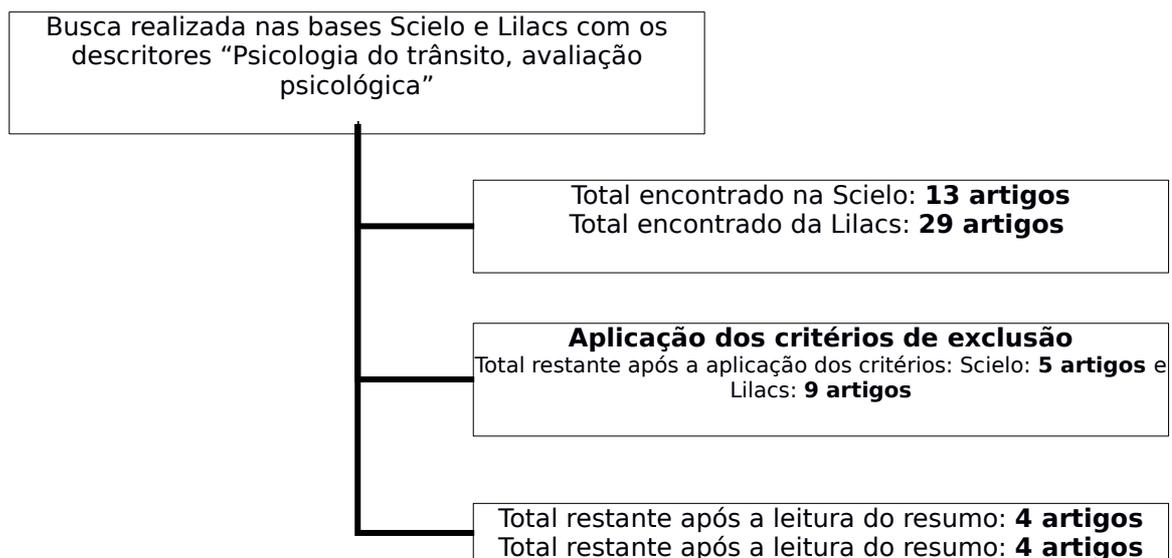
Os procedimentos desta pesquisa se caracterizam como uma revisão integrativa, para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizado a plataforma SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS, através de uma busca com os descritores “Psicologia do Trânsito, Avaliação Psicológica” nas bases de dados. Após a busca foram utilizados para este estudo apenas artigos científicos publicados e disponíveis de forma integral nas bases de dados selecionadas; artigos que corresponderam à temática do estudo e com ano de publicação no período de 05 anos, correspondente aos anos de 2016 a 2021.

## DESENVOLVIMENTO

Através da busca realizada foi encontrado um total de 13 artigos na plataforma SCIELO, na plataforma LILACS foi obtido 29 artigos, totalizando 42 artigos. Assim, após a aplicação dos critérios, restaram 05 artigos na SCIELO e 09 na LILACS o total de 14 artigos foram separados para a leitura do resumo, diante disto 04 excluídos por não corresponder a proposta do estudo, 06 por ser artigos duplicados, restando 04 para a análise e discussão.

A seguir o fluxograma (Figura 1) mostra as etapas da seleção dos artigos científicos, usados para compor a amostra desta revisão.

**Figura 1** - Fluxograma representativo das etapas referente a seleção das amostras.



**Fonte:** Dados da pesquisa (2021)

Os resultados aqui apresentados foram obtidos por meio da leitura e análise dos artigos selecionados como mostrado anteriormente. Portanto, serão apresentados e discutidos as principais informações de cada estudo.

Nakano e Sampaio (2016), buscaram em seu estudo com motorista infratores e não infratores envolvidos em acidente comparar os construtos Inteligência, Atenção Concentrada e Personalidade nos dois grupos, com isso os seus principais resultados mostraram que não havia diferença significativa na avaliação, apenas foi identificado que a variável nível de escolaridade teve influência no construto inteligência, com isso é possível premeditar que os dados encontrados tem relação mais não são suficientes, pois não houve diferenciação entre os grupos. Saliente-se que, na presente amostra de motoristas, as medidas ou critérios utilizados não confirmaram o caráter preditivo dos instrumentos que vêm sendo utilizados tradicionalmente nas avaliações periciais, confirmando resultados de outras pesquisas encontradas na literatura.

A dinâmica de grupo, é utilizada como forma de esclarecimento do processo necessário para a concessão da CNH, assim como, a avaliação psicológica, é a etapa inicial onde o psicólogo comunica ao avaliados como será o processo avaliativo, é importante falar de forma aberta sobre os procedimentos legais, pode gerar transformações contínuas e até mesmo reformular as informações iniciais, pois é sabido que a maioria da população tem esse único contato com o psicólogo e, conseqüentemente, com o processo avaliativo nesse momento de concessão da CNH. Vale ressaltar que o profissional atue de forma ética, eficaz e eficiente (SILVA, 2016).

Embora a avaliação psicológica tenha caráter preditor sobre algumas características do indivíduo, e que o fator humano é responsável 90% pelo acidentes no trânsito, na avaliação o profissional sempre vai avaliar se o indivíduo tem a capacidade de conduzir o veículo de modo seguro sem colocar em risco a sua vida e a dos demais, assim a avaliação torna-se importante e uma das grandes conquistas para os estudos do comportamento no trânsito, porém a avaliação precisa levar em consideração alguns fatores externos, não é porque o indivíduo apresentou bons resultados em seus testes que nunca estará envolvido em um acidente ou cometerá qualquer infração. Diante da avaliação após infrações é necessário entender como se deu aquela infração, quais as circunstâncias e eventos relacionados, se foi ambiental ou mecânico (ZANON; BRISOTTO, 2020).

Diante disso Rueda (2017), apresentou em seu estudo que na avaliação psicológica o sujeito infrator pode apresentar as mesmas características que um não infrator e que as pessoas que posteriormente à avaliação psicológica cometerem infrações já apresentavam um nível atencional menor no momento da avaliação. Contudo, deve-se levar em consideração olhar os resultados sob a ótica de faixa etária, pois em seu estudo o grupo que cometeu infrações de trânsito apresentou uma média de idade maior (29,38) do que o grupo sem infrações (25,71). Assim um fato importante é sempre se atentar e considerar a idade das pessoas no processo de avaliação para CNH, uma vez que

o resultado em testes de desempenho pode, muitas vezes, estar mais associado a questões cronológicas do que a questões do ambiente do trânsito em si (RUEDA, 2017).

Ao longo da sua formação os psicólogos e estagiários no âmbito do trânsito obviamente muda suas concepções de acordo com as experiências que vivência, começar a desenvolver habilidade de avaliação, antes não aprendida durante a graduação. Embora a maioria do teste seja padronizado é necessário se atentar a fatores externo no momento da avaliação pois tudo pode está influenciando o resultado final (SANTANA; SOARES, 2019).

Os acidentes e infrações envolvendo os condutores estimulam a psicologia a refletir em uma atuação no sentido de fazer este público pensar em relação à educação, responsabilidade e ao valor à vida. Acredita-se que, uma atuação do psicólogo junto aos cursos teóricos ministrados nos CFCs e nas salas de aula em todos os níveis de ensino, pode contribuir para a redução de inflações pois através da contribuição de técnicas psicológicas será possível promover mudanças de comportamento no trânsito brasileiro (ZANON; BRISOTTO, 2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todos os dados aqui apresentados esse trabalho vem a reforçar que a avaliação psicológica é algo sério e precisa ser desenvolvida por profissionais sérios, responsáveis e capacitados. Pois ainda no primeiro trimestre de 2021 o STF havia divulgado que os testes psicológicos poderiam ser comercializados livremente e deixaria de ser restrito apenas a psicólogos.

O que nos faz refletir para o fato de que a psicologia do trânsito, promove benefícios a sociedade e que é uma das grandes ferramentas para uma prática eficaz é a avaliação psicológica e a possível banalização de instrumentos tão importantes, faça com que os benefícios regridam. O fato não é divulgar os instrumentos a livre comércio pois o comportamento humano é complexo e sua avaliação também, por isso cabe aos profissionais da área lidar com a avaliação psicológica e o estudo dos processos mentais.

Através das pesquisas é possível observar uma escassez no quesito de mostrar a importância dos testes psicológicos para a psicologia do trânsito, com isso abre espaço para apresentar o fato de que a psicologia do trânsito precisa ser discutida em congressos, cursos e também passe a ser uma disciplina obrigatória nos cursos de graduação de Psicologia, fazendo com que o discente desenvolva prática e um olhar profissional para esta área cada vez mais desafiadora.

Podendo então dar mais credibilidade a área que se necessita de profissionais competentes, embasados por uma adequada formação profissional e munidos de bons instrumentos, gerando, assim, ações mais qualificadas. Além de promover demais pesquisas para o meio científico.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BORGES, Carina Daiana; RODRIGUEZ, Sandra Yvonne Spiendler. Psicologia do trânsito: perspectivas atuais do psicólogo em atuação no trânsito. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 8, n. 1, p. 97-105, 2020.

BRASIL. Lei nº. 9.503, de 23 de setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Diário Oficial da União 1997; 24 set

NAKANO, Tatiana de Cássia; SAMPAIO, Maria Helena de Lemos. Desempenho em Inteligência, Atenção Concentrada e Personalidade de Diferentes Grupos de Motoristas. **Psico-USF**, Itatiba, v. 21, n. 1, pág. 147-161, abril de 2016.

Resolução N° 009, de 25 de abril de 2018. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.

ROZESTRATEN, Reinier JA. Psicologia do trânsito: o que é e para que serve. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 1, n. 1, p. 141-143, 1981.

RUEDA, Fabián Javier Marín. Evidências de validade de critério para testes de atenção na avaliação psicológica no contexto do trânsito. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 16, n. 2, p. 234-240, 2017.

SANTANA, Jeanny Joana Rodrigues Alves de; SOARES, Marina Celestino. A prática da avaliação psicológica em neuropsicologia e psicologia do trânsito durante estágio de formação profissional. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 1, p. 141-154, abr. 2019.

SILVA, Fábio Henrique Vieira de Cristo e. A Psicologia do trânsito e os 50 anos de profissão no Brasil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. spe, p. 176-193, 2012.

SILVA, Marlene Alves da. Uso da Técnica de Dinâmica de Grupo na Avaliação Psicológica no Contexto do Trânsito: Relato de Experiência. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 380-388, June 2016.

ZANON, Neusa Maria; BRISOTTO, Luciane De Fátima Rotth. Comportamento de risco e a contribuição da psicologia para a redução dos acidentes de trânsito: uma revisão da literatura. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 12, n. 2, 2020.

## **CAPÍTULO XIII**

# **AGRICULTURA FAMILIAR E URBANA COMO ALTERNATIVA PARA O FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS E SEGURANÇA ALIMENTAR DE COMUNIDADES**

***Mateus da Silva Araújo***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: mateussilvaaraujo58@gmail.com*

***Isabela Bezerra Ribeiro***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: isabelabezerra@univs.edu.br*

## **INTRODUÇÃO**

As condições socioeconômicas e a distribuição de renda no Brasil refletem um número alto de indivíduos e famílias vivendo na faixa da pobreza, sem condições financeiras para compra de alimentos disponíveis nos supermercados. A Fome é um tema bastante presente nas discussões políticas nacionais, apesar do acesso à alimentação saudável ser um dos direitos básicos garantidos pela constituição de 1988. O Brasil tem enfrentado momentos históricos de combate à essas condições, mas também de retrocessos.

Um tema transversal à fome e pobreza é o fortalecimento da agricultura de pequenas comunidades familiares. São a Agricultura Familiar e Agricultura Urbana, presentes na organização de políticas sociais que fortalecem a produção e comercialização de alimentos saudáveis e de baixo custo para a população. A agricultura familiar se caracteriza como um meio de organização social, cultural e econômico, na qual a mão de obra é majoritariamente de pessoas que constituem uma família, uma de suas características é a produção em menores espaços, em relação a terra, porém, nessa produção a uma maior variedade de produtos cultivados (CARVALHO, ARRAIS, 2015). Nesse contexto temos a agricultura urbana, aquela produzida em uma cidade ou metrópole, na qual se produz e distribui uma variedade de produtos alimentares, não necessariamente produzidos por uma família, mas em contexto comunitário. Os materiais produzidos são utilizados para o consumo próprio, doações, trocas e até mesmo a comercialização (PIRES CHIARAMONTE, 2016).

O interesse pessoal pelo tema vem da observação do cotidiano na cidade de Orós, Ceará, das relações da população com a agricultura e com a pesca. Atento à comunidade, aos vizinhos compartilhando insumos necessários para sobrevivência, a rede de apoio na qual o sentimento de

partilha e de amparo àqueles que precisam fortalecem os laços e refletem que a população tem como característica principal a fraternidade.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho é proporcionar ao leitor uma visão mais ampla e crítica de como uma atividade comunitária e familiar pode ser uma grande solução no que diz respeito à distribuição dos alimentos, problematizando os altos valores desses no mercado como causa indireta da desigualdade social e fome no país. Também pretende-se discutir como as pequenas formas de organizações familiares e comunitárias podem se tornar gigantes frente a problemas sérios, e que a partir de programas de incentivo por parte das instâncias políticas do país, podemos gerar transformações sociais. A partir da perspectiva apresentada questiona-se: Como a agricultura familiar e urbana possibilitam o desenvolvimento local e dos sujeitos? E como essa forma de colaboração dos sujeitos pode ser uma alternativa de fortalecimento dos vínculos?

Diante desses pontos norteadores, acredita-se que o trabalho coletivo e comunitário colabora com o desenvolvimento do local onde é aplicado, isto acontece quando se compartilha das mesmas necessidades e se constrói um objetivo em comum, assim como, fortalece vínculos afetivos de pertencimento à comunidade e de identidade social. Quando há o desenvolvimento de atividades coletivas, as pessoas tendem a desenvolver um sentimento mútuo, e para além dessa questão afetiva, a prática da agricultura agrega o reconhecimento da comunidade, no qual as pessoas sentem-se empoderadas por conseguem produzir dentro do seu territórios, seus próprios modos de desenvolvimento, uma vez que no local, a partir das atividades da agricultura haverá geração de renda local.

## **O QUE É COMUNIDADE E COMO SE CONSTITUI: A LUZ DE CÉSAR WAGNER E SILVIA LANE**

Silvia Lane e César Wagner são autores de psicologia social e comunitária no Brasil, sendo a primeira uma grande referência nacional e pioneira na transformação da psicologia social, propondo uma práxis mais comprometida com os movimentos sociais e sobre as singularidades de um fazer adaptado às nossas raízes culturais e históricas. Silvia Lane foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), onde atuou como presidenta em 1980. César Wagner é referência em psicologia comunitária no Ceará, autor do livro *Psicologia Comunitária: Atividade e Consciência*, e membro do Laboratório de Estudos sobre a Consciência (LESC-PSI), na Universidade Federal do Ceará.

O estudo sobre sociedade e comunidade teve início nos debates da sociologia, antropologia e psicologia, estes descreviam aspectos sobre o desenvolvimento de ruas, bairros, divisão do trabalho e suas coletividades. Durante algum tempo, as gerações de cidades e Estados ocuparam o centro das

discussões (GÓIS, 2004). Contudo, alguns conceitos precisaram ser definidos separadamente para a compreensão do fazer da psicologia, assim sociedade e comunidade não são mais usadas como sinônimos.

Nas concretudes da psicologia social brasileira, Silvia Lane (1989) apresenta uma nova forma de se fazer psicologia com a comunidade e para a comunidade, aproximando o debate da psicologia social com o cenário da sociedade brasileira, sua singularidade histórica e cultural. Para a autora comunidade e sociedade não são sinônimos, uma vez que comunidade se constitui em um tipo de estrutura que tem como base a coesão do grupo, a amizade e a solidariedade orgânica entre os sujeitos, elementares na formação e desenvolvimento do sujeito (LANE, 1989).

Podemos assimilar essa complexidade e múltiplos debates na busca por um conceito, e pelo que se configura uma comunidade, com a definição da práxis da psicologia social no país, uma vez os profissionais procuravam estabelecer um fazer mais crítico, buscando intervir nas reais necessidades dos sujeitos, se inserindo em movimentos sociais e na luta pelos direitos da população mais pobre (LANE, 1989).

Góis (2004) apresenta um conjunto de definições sobre o que é a comunidade, concluindo que esta seria composta por um conjunto de sujeitos que, compartilhando um território desenvolvem relações múltiplas e estabelecem laços em comum. Ainda reforça que nestes laços se constrói a identificação social. Além do espaço de território compartilhado, numa comunidade há interação psicossocial, componentes psicológicos e relacionais, aspectos culturais e históricos, e o sentimento genuíno de pertencimento ao local em que vive. Para o autor a pertença é sentir-se inquietado e afetado por uma realidade que afeta o grupo, compartilhar de problemas e necessidades e a busca por soluções (GÓIS, 2004).

Em resumo o conceito a comunidade é um conceito psicossociológico, oriundo da construção sobre a vida em comunidade, na qual os indivíduos estabelecem no seu território diversas trocas, entre elas afetivas e de pertencimento ao seu local, cultura e história. É justamente nessa comunidade onde os sujeitos compartilham das mesmas demandas, que a psicologia social crítica, e psicologia comunitária, se inserem. Buscando demonstrar e atuar conforme as demandas locais, regionais e nacionais, realizando o seu trabalho com os sujeitos, para os próprios sujeitos (LANE, 1989).

Uma grande discussão sobre o fortalecimento das comunidades passa pela discussão da conscientização e alienação, presente nos discursos de Lane (1989) e Góis (2004), há uma preocupação com o resgate dos laços comunitários que contribuem para fortalecer e desenvolver a comunidade. Uma das preocupações também está na desintegração dos grupos primários da comunidade, gerando o individualismo que interfere no sentimento de pertença, que pode culminar

no desamparo social, alienações e uma profunda anomia dos sujeitos numa determinada vizinhança e comunidade (LANE, 1989).

O trabalho da psicologia comunitária no Brasil e no Ceará teve grande influência da Educação Popular e da Teologia da Libertação, sendo desenvolvida inicialmente no campo, atendendo às populações rurais, com o intuito educativo e de alfabetização. O período marcado por esta atuação no país foi também de Intervenção Militar, tornando a atuação dos psicólogos e educadores subversiva, sendo assim boa parte da ação destes profissionais acontecia de forma clandestina (GÓIS, 2004).

Ainda hoje podemos fazer aproximações entre a atuação da psicologia comunitária com a proposta de psicoeducação no campo, trazendo à tona o fortalecimento de vínculos e a conscientização para produção e distribuição de alimentos através da agricultura comunitária familiar e urbana.

## **AGRICULTURA FAMILIAR E URBANA**

O debate acerca da importância da agricultura familiar vem ganhando cada vez mais espaço no que diz respeito ao desenvolvimento de sujeitos e comunidades. A força propulsora da legitimação desse debate é o impacto positivo do fazer para o desenvolvimento, uma vez que gera emprego, renda e segurança alimentar. As (os) pequenas (os) produtoras (es) contribuem com o desenvolvimento local, com a produção sem o uso de agrotóxicos, ou usados em pequenas quantidades (SCHLINDWEIN, BEZERRA, 2017).

De acordo com a lei n. 11.326/2006 (BRASIL, 2006) são considerados produtores(as) de agricultura familiar, os sujeitos que não possuem uma área maior que quatro módulos fiscais. As (os) produtoras (es) devem ser total ou majoritariamente membros familiares, sua renda deve ser predominantemente desse trabalho e a gestão da produção deve ser coordenada em conjunto pelos familiares. Os estabelecimentos que não se enquadrem nos pontos acima mencionados são considerados de natureza não familiar, por exemplo, as pessoas que executam atividades sendo assalariadas ou capatazes dos senhores donos (SCHNEIDER et al, 2018).

A (o) pequena (o) agricultora e sua modalidade de produção interna sempre foi pauta nos debates acerca dos grandes produtores agroindustriais. Estas aparecem não como aliadas e parceiras, mas como entraves, que podem atrapalhar os grandes negócios, aparecem assim por exemplo no que tange à segurança alimentar dos produtos oferecidos (BRUNO, 2016). A agricultura familiar é uma grande aliada no combate à falta de acesso a alimentos, como também é alternativa que possibilita melhoras nas taxas de emprego. Para Soares (2009) nesse modelo de agricultura, as mesmas pessoas que gerenciam o trabalho, são as que operam a mão de obra, desta

forma, os sujeitos podem acelerar ou não a produção, com base nas reais necessidades da família, nesse modelo gestão e trabalho andam lado a lado.

De acordo com Bruno (2016) é possível dividir historicamente três momentos da agricultura, nos quais se delimitam as práticas e produtores. O primeiro momento é o tempo da agricultura moderna, na qual existiam três tipos de produtores, o empresário moderno, o agricultor familiar, e os produtores familiares sem condições. No segundo momento, o tempo do avanço da agroindústria, surgiram novas nomeações: o agricultor empresarial de mercado, o familiar que tem seu negócio fundamentado na empresa-família, e o produtor marginal. E por último, no terceiro momento, há uma divisão somente em dois grupos, o agronegócio e o produtor e empreendedor familiar.

Considerando o exposto podemos fazer um elo com o que aponta Degenhart (2016), para ele o processo de industrialização a partir do século XIX provocou mudanças no cenário urbano, tornando cada vez mais escassas as hortas nesses espaços. O crescimento territorial e populacional das cidades, com êxodo rural, afastou a população de uma produção agrícola de subsistência, fortalecendo mais a agroindústria. O autor ainda aponta que este período foi desafiador para se pensar a nível sociológico, socioeconômico e político, sobre qualidade de vida, segurança alimentar e fluxo de pessoas.

Podemos perceber, então, que com a migração da população rural para as cidades uma nova forma de agricultura se desenvolve, a agricultura urbana. Esta é caracterizada pela produção de uma grande diversidade alimentar nos entornos de um centro urbano e nas periferias, sendo chamada de agricultura periurbana. As hortas que se tornaram menos comuns como reflexos da industrialização, voltam como alternativas positivas se desenvolvendo nas grandes cidades e seus entornos (PIRES, 2016). Para Degenhart (2016) a agricultura urbana, como já mencionada, é uma alternativa para alimentação de uma família ou uma certa vizinhança, ela tem caráter complementar, ou seja, não é totalmente a responsável pelos produtos alimentícios em grande quantidade.

O que difere a agricultura familiar a agricultura urbana é que essa última é realizada no centro ou entorno urbano, no qual ocorre uma produção bem menor, que comumente é realizada nos quintais, para consumo próprio ou vendas em pequenas escalas, uma vez que o acesso de espaço é bem menor, comparado a produção da agricultura familiar realizada no campo. Essa agricultura urbana é uma adaptação da agricultura familiar na cidade, poderíamos assim dizer que o campo sobrevive em centros urbanos (PIRES, 2016).

No Brasil o perfil de sujeitos que compõem a agricultura familiar tem um recorte de gênero, as mulheres são as grandes responsáveis pelo cadastro em programas públicos e formação de comunidades e associações de produção rural. De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em seu último senso realizado no ano de 2017, haviam 947 mil

mulheres responsáveis na gestão de iniciativas relacionadas à agricultura, sendo que 57% dessas, se localizam na região nordeste, sendo a região pioneira em mulheres líderes no ramo. Por este motivo, neste ensaio se usa o artigo A (que representa o feminino no português) quando se refere às agricultoras, deixando claro que o sentido é dar abrangência quando se trata de falar das (os) sujeitas (os) responsáveis pela agricultura rural e urbana.

No Brasil, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome tem incentivado financeiramente apoiando questões comunitárias em relação à atividade agrícola familiar, assim como o BNDES, com Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e o subprogramas como o PRONAF Mulher. O Brasil, segundo Bezerra e Schlindwein (2017) é modelo Latino Americano em políticas na área.

### **POLÍTICAS PÚBLICAS EM AGRICULTURA FAMILIAR E O FORTALECIMENTO COMUNITÁRIO**

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), primeira política pública destinada aos agricultores familiares, foi criado em 1995, o qual tem como objetivo promover crédito e apoio às (os) pequenas (os) produtoras (es) que vinham sendo esquecidas e desamparadas de qualquer benefício específico para sua legitimação. As mesmas vinham em uma luta constante para poder produzir e se manter (DELGADO, BERGAMASCO, 2017).

Entre 2003 e 2013, o PRONAF continuou sendo uma das principais políticas nesse sentido, os recursos disponíveis para agricultores quadruplicaram, houve a redução das taxas de juros, aumento no valor do financiamento e criação de novas modalidades, ampliando então o cenário. Com a expansão do programa foram incluídas na diversidade da agricultura familiar a agroecologia, o turismo rural e a pesca. Também foi possível a aprovação da Lei da Agricultura Familiar (Lei n. 11.326, de 24/07/2006), a qual dá maior segurança para os produtores enquanto profissionais. Essa política visa algo para além do assistencialismo, a mesma tem como objetivo que os agricultores familiares tenham uma autonomia e mínimas condições para que esse desenvolvimento aconteça (DELGADO, BERGAMASCO, 2017).

A busca por melhores condições de aquisição de alimentos e fortalecimento de políticas relacionadas à agricultura, não é exclusiva do Brasil, a ONU tem uma agência especializada no assunto, a Organização para Alimentação e Agricultura (FAO), criada em 1945, atua na negociação de políticas e no incentivo a projetos que visem a erradicação da fome e a segurança alimentar em todos os continentes. No Brasil, a FAO em parceria com o Governo Federal, desenvolveu algumas políticas públicas, entre elas, o Programa Fome Zero, criado em 2003, tendo como objetivo combater as causas estruturais da fome e da pobreza, e garantir alimentos de qualidade na mesa de quem necessita. Outro programa desenvolvido foi o Programa Nacional de Florestas, criadas no ano

2000, tem como objetivo promover articulações de políticas públicas para preservação das florestas brasileiras.

O Programa de Organização Produtiva de Comunidades (PRODUZIR) implementado também no ano 2000, em parceria entre o Ministério da Integração (MI) e a FAO, tem como objetivo o combate a situações de desemprego e subemprego nas comunidades pobres de áreas urbanas ou rurais, situadas nas áreas prioritárias de atuação do Ministério da Integração Nacional, onde a capacitação profissional e organização produtiva também é o foco do programa.

Valadares et al. (2020), apontam que devido às restrições de circulação social, e de fechamento de serviços não essenciais durante a pandemia, os produtores familiares enfrentam certas dificuldades. A crise econômica piorou durante a ingerência política no país, as demandas de pedidos tiveram um impacto negativo para a agricultura familiar, sendo assim, as compras por seus produtos ficaram um pouco abaixo da média. É nesse cenário que vemos a importância de uma iniciativa, como, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que desde a Lei nº 11.947/2009 garante que 30% do recurso Federais repassados para os estados e municípios para o custeio da merenda escolar, deverão ser aplicados na compra de produtos oriundos de produtores familiares. Mesmo as escolas sendo fechadas e o ensino seja de forma remota, os estudantes deveriam continuar recebendo a alimentação da escola, desta forma, as agricultoras familiares possuem a segurança de manter a renda nesse período. (MACHADO et al, 2018).

De acordo com Valadares et al (2020) outra política no que se refere a agricultura familiar é a Política Nacional de Aquisição de Alimentos (PAA), essa pode ser utilizada como uma grande aliada no que diz respeito a intervenções que visam diminuir o impacto da crise em decorrência do Covid 19. Essa política atua na garantia do acesso da população ao alimento, para que isso ocorra é necessário a atuação com outras várias secretarias, como exemplo a de assistência social, responsável pelas cozinhas comunitárias. Em 2018 havia cerca 139 unidades e também 152 restaurantes populares, esses mecanismos podem ser reativados ou ampliados para garantir uma segurança alimentar para as pessoas, como também a segurança econômica dos próprios produtores urbanos e familiares neste momento.

Analisando as discussões, podemos perceber o quanto é necessário o trabalho na comunidade e com a comunidade. Lane (1989) defende a recuperação é criação dos vínculos comunitários, percebidos na proposta do PRONAF, no qual oferece suporte para o desenvolvimento dos sujeitos, possibilita a colaboração, os laços de amizade e indiretamente, o empoderamento. Diante dessa promoção de autonomia entre os produtores rurais familiares e da comunidade, percebe-se que políticas como essas podem ser discutidas a partir do que aponta Góis (2004), sobre a proposta da Psicologia comunitária está relacionada a isso, influenciados pela educação popular e

teologia da libertação, cujo principal objetivo é possibilitar aos sujeitos a capacidade de desenvolvimento da autonomia.

A criação de políticas nacionais atua diretamente no que se configura como uma das principais preocupações de Lane (1989), que é a desintegração da genuinidade do que se configura uma comunidade. Hoje, essa desintegração pode ser causada devido às relações interpessoais enfraquecidas pelo individualismo, agravada com o distanciamento físico do isolamento social. O individualismo rompe com o sentimento de pertença local e a um grupo social, portanto, toda ação política ou social direcionada para fortalecer e reestabelecer vínculos atua diretamente no combate ao individualismo.

Como já mencionado, a ampliação e flexibilização dos programas no cenário da pandemia é um recurso valioso no que diz respeito ao entendimento das inúmeras demandas dos produtores, como, pouca demanda, muito produto e um vasto estoque. Sendo assim, o PRONAF decidiu flexibilizar a quitação dos débitos dos produtores, havendo um reajuste no prazo, ampliado para que a dívida seja quitada sem maiores prejuízos para o produtor (VALADARES et al, 2020).

Das políticas já citadas é notória a continuidade do atendimento, que se inicia com o produtor e o fornecedor dos alimentos, chegando aos sujeitos que os recebem. Nesse momento, é interessante o fortalecimento dessas políticas, e criação de programas que se estendam a longos prazos, assegurando uma estabilidade para ambas as partes.

As iniciativas familiares e comunitárias para além da geração de emprego e renda, possibilitam o compartilhamento de sentimentos, gerando assim uma atividade coletiva, que dentre as iniciativas pode haver datas e comemorações específicas, onde a comunidade festeja tais atividades, prática essa que fortalece a união e sentimento de pertença apresentado por Góis (2004), característica essa tão importante para a constituição de uma comunidade. Um exemplo dessas comemorações festivas é a Festa do Pescador, realizada pela colônia de pescadores da cidade Orós, localizada na região centro-sul do Ceará.

Essa festa do pescador acontece no balneário do açude Orós, o segundo maior reservatório de água do estado. A festa ocorre no dia 20 de julho de cada ano, envolvendo muita gente para sua organização, desde o presidente da colônia, como a comunidade geral. Na festa há competições entre os pescadores, dinâmicas que visam a descontração da comunidade, com muitas premiações, entre esses prêmios podemos citar, canoas, rabetas, motores e quantia em dinheiro, toda a logística da festa é voltada para comunidade de pescadores, desde as atividades dentro da festa como as premiações. Durante um certo tempo, houve por parte da administração municipal, um forte incentivo para com essa festividade, onde o Governo Municipal era um forte patrocinador, colaborando com a organização, premiação e também na realização de festas dançantes com banda de forró durante o evento.

Esse exemplo de festividade do pescador do município de Orós, pode ser um modelo para a criação de projetos municipais, visando essa mesma dinâmica para outros segmentos e iniciativas comunitárias, como, por exemplo, a festa do agricultor, que pode ser realizada em um período de colheita das plantações, podendo haver também a mesma dinâmica da festa do pescador, porém, aqui focada na agricultura, como também pode-se pensar em uma festa do lavrador e tantas outras, visando o fortalecimento comunitário.

## CONCLUSÃO

Diante das discussões feitas anteriormente, podemos perceber a grande importância de programas e políticas voltadas para questões comunitárias, uma vez que estas funcionam como incentivadoras para o desenvolvimento dos sujeitos e, conseqüentemente, do próprio espaço em que se realizam as ações. Como já muito mencionado, essas políticas ultrapassam a lógica assistencialista, os programas criados tem como objetivo fortalecer a autonomia e empoderamento da comunidade, visando a união e colaboração dos sujeitos envolvidos, evitando o desmembramento da comunidade.

Todas as políticas e programas citados possibilitam que o sujeito sinta-se participante ativo na construção social do local, uma vez que se sente inserido nessa dinâmica. Como acontece no PNAE, uma das políticas que consideramos bastante implicada com este compromisso de participação, envolve os produtores rurais e o público que irá receber os alimentos produzidos. Vale ressaltar que grande parte das políticas do Brasil e da América Latina fazem parte de um compromisso estabelecido com a ONU no direcionamento a distribuição de alimentos, alimentação saudável e combate à fome.

No cenário atual da pandemia do COVID-19 percebemos a importância da atualização dessas políticas no sentido de assistência as pequenas produtoras Rurais, agricultura familiar e Urbana, assim como a distribuição dos alimentos para aqueles que deles necessitam. Como no caso do PAA, essa política de aquisição de alimentos, agora mais do que nunca, deve ser colocada em prática para garantir acesso a alimentação para os sujeitos, uma vez que seu alcance pode ser gigantesco na ajuda às famílias carentes. Também colaboram mutuamente com o produtor, uma vez que com os alimentos perecíveis estocados podem perder sua produção, provocando prejuízo financeiro.

Sendo assim, nesse cenário em que vivemos, percebemos o quanto é difícil a manutenção das comunidades, a autonomia dos sujeitos é ameaçada constantemente, desta forma ressaltamos que é necessário intervir junto, como se propõe a psicologia comunitária desde sua articulação, é preciso adentrar o campo, ir até a comunidade, saber das suas urgências e chegar junto para promover bem-estar social.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO DE RUFINO JOACIR, GAZOLLA MARCIO, SCHNEIDER SERGIO, dualismo no campo e desigualdades internas, na agricultura familiar brasileira, **revista de economia e sociologia rural**, Vol. 56, Nº 01, p. 123-142, Piracicaba, 2018.
- ARRAIS MODESTO ANTONIO NILSON, CARVALHO DE CHAGAS MARIA YARA, **agricultura urbana e agricultura familiar: interfaces conceituais e práticas**, informações econômicas, vol. 45, nº 6, São Paulo, 2015.
- BAUMAN ZYGMUNT, **modernidade líquida**, zahar, edição eletrônica, julho, 2011.
- BEZERRA JARDI GLEICY, SCHLINDWEIN MARIA MADALENA, agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para Dourados, MS, Brasil, **interações**, v. 18, n. 1, p. 3-15, Campo Grande, 2017.
- BRUNO, REGINA, desigualdade, agronegócio, agricultura familiar no Brasil, **estudos sociedade e agricultura**, vol. 24, nº. 1, p. 142-160, Rio de Janeiro 2016.
- DEGENHART BARBARA, **la agricultura urbana: un fenómeno global**, nueva sociedad, nº 262, Ecuador, 2016.
- DELGADO CECÍLIA, Agricultura urbana, espaço de protagonismo feminino dinâmicas e potencialidades, **faces de eva**, 37, 2017.
- DELGADO COSTA GUILHERME, BERGAMASCO PEREIRA PESSOA MARIA SONIA, **agricultura familiar brasileira: desafios e perspectiva de futuro**, ministério do desenvolvimento agrário, Brasília, 2017.
- GÓIS LIMA DE CÉSAR WAGNER, **psicologia comunitária atividade e consciência**.
- LANE, MAURER, TATIANA, SILVIA, CODO WANDERLEY, psicologia social o homem em movimento, editora brasiliense, ed.8º, São Paulo, 1989.
- MACHADO OLIVEIRA DE MARIA PATRICIO, SCHMITZ SOARES ABREU DE BETHSAIDA, CHICA-GONZÁLEZ ALEJANDRO DAVID, CORSO TITTONO CATARINA ARLETE, VASCONCELOS DE GUEDES ASSIS DE FRANCISCO, GABRIEL GARCIA CRISTOINE, **compra de alimentos da agricultura familiar pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE): estudo transversal com o universo de municípios brasileiros**, ciências e saúde coletiva, vol. 23, N. 12, pág., 4153-4164, 2018.
- PIRES CHIARAMONTE VICENTE, Agricultura Urbana como Fator de Desenvolvimento Sustentável: Um Estudo na Região Metropolitana de Maringá, **Revista Pesquisa & Debate**, Vol. 27. Número 2, São Paulo, 2016.
- SOARES FORMIGA IVANILZA, MELO DE CANDEIA ALANA, CHAVES GOMES CARLOS DÉL ALAN, **A AGRICULTURA FAMILIAR: Uma alternativa para o desenvolvimento sustentável no município de Condado – PB**, INFOTEC ÁRIDO, v.3, n.1, p.56-63, Mossoró – RN, 2009.

VALADARES ARBEX ALEXANDRE, ALVES FÁBIO, GAZILA MARCELO, SILVA PEREIRA SANDRO, agricultura familiar e abastecimento alimentar no contexto do covid-19: uma abordagem das ações públicas emergenciais, **disoc**, N., 69, Brasília, 2020.

## **CAPÍTULO XIV**

### **SOFRIMENTO PSÍQUICO E SUICÍDIO ENTRE IDOSOS**

***Faeilla Maria Ferreira Lima***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

***Ana Beatriz Garcia de Souza***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

***Isadora Sousa Dias Pinheiro***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

***Clemilssa Firmiano Ciriaco***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

***Wesley Ferreira De Lima***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

***Lielton Maia Silva***

*Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: lieltonmaia@univs.edu.br*

## **INTRODUÇÃO**

A população idosa tem crescido significativamente de um modo geral, segundo a Organização Mundial de Saúde (2014) o Brasil é um dos países que mais envelhece, estimativas preveem que o Brasil se torne o sexto país com mais idosos ainda em 2020. A terceira idade é entendida, a senso comum, como uma fase tranquila, em que o idoso esteja bem consigo mesmo e com a comunidade em que está inserido, contudo a transição da fase adulta para a velhice acontece da melhor maneira. Muitos idosos têm dificuldade de aceitar que estão envelhecendo, e por vezes acabam desenvolvendo doenças psicológicas, como a depressão, por exemplo (SOUSA, SILVA, FIGUEIREDO, MINAYO E VIEIRA, 2014).

A partir de um estudo sobre características do desenvolvimento humano, as possíveis implicações sobre o processo de desenvolvimento durante o envelhecer questionam-se: O que pode acontecer durante esse processo que possa levar um idoso a tirar sua própria vida?

O suicídio é uma questão de saúde pública em todo mundo. Segundo a Organização Mundial de Saúde o suicídio aumentou 60% no ano 2003, e a cada morte deixou diversas pessoas que são próximas as vítimas com suas vidas afetadas depois da forma como perdeu a pessoa querida podendo mudar de forma radical todo percurso da sua vida. Esse aumento de casos tem grande relevância na população idosa principalmente no sexo masculino (MESQUITA, SÉRVIO E CAVALCANTE, 2013).

São diversos os fatores que levam o idoso a desenvolver um comportamento de risco suicida, o fato de não se sentirem incluídos na sociedade que vivem, o sentimento de inutilidade, quando a própria família transmite a ideia que já não servem mais, mesmo sem a intenção acaba isolando-os mais ainda, as doenças psíquicas, como a depressão, tem grande relevância e apesar de ser considerada heterogênea ela pode ser diagnosticada logo no início dos sintomas, o abuso de álcool e outras drogas psicotrópicas podem ser agravantes, dependendo do estado mental do idoso (MINAYO, FIGUEIREDO e MANGAS, 2019).

Perante o dever do cuidado prolongado à pessoa idosa, os familiares passam por sensação de culpa, decepção, amor e solidariedade, um procedimento que envolve aceitação do fato, que também é atravessado por negações, entrega à angústia, podendo provocar depressão e suas implicações nos familiares. Ser responsável, portanto, traz efeitos relevantes para a vida da família, podendo atribuir um valor positivo ou negativo à esta vivência, mas que criam dever do qual o mesmo movimento ininterrupto em que o sensível e o objetivo, o pessoal e o impessoal, o intuitivo e o racional formam modalidades da mesma experiência - a precaução familiar. E esta incerteza abre probabilidade de ressignificações, tanto pelo cuidador como pela pessoa cuidada, de seus planos de vida e de criação de estratégias peculiares de dedicação para os dois. (HILLER, BELLATO, ARAUJO, 2011)

Esta pesquisa de cunho qualitativo foi realizada com um levantamento bibliográfico sobre o tema. Trata-se de meios para a prevenção ao suicídio na velhice que tem por finalidade analisar o suicídio de idosos, que visa a observar os fatores que levavam ao ato do suicídio, as buscas dos artigos ocorreram na plataforma da Scielo, utilizados para as seguintes pesquisas suicídio na velhice e meios de prevenção dos fatores que influenciam no suicídio na velhice entre outros. A pesquisa sobre suicídio na velhice resultou em artigos os quais passaram para uma pré-seleção por meio da leitura dos títulos e dos resumos.

## DESENVOLVIMENTO

### DESENVOLVIMENTO HUMANO DURANTE A VELHICE

Envelhecer é parte do nosso processo evolutivo, é a soma de todas as experiências que vivenciamos durante toda nossa vida. Ao logo desse processo de envelhecimento apresentam-se mudanças morfológicas e funcionais que nem sempre estão de acordo com a nossa idade, que podem ter sido alteradas de acordo com o meio em que cada pessoa vive (AMORIM; SENA, 2014).

Atualmente a população, em geral, tem estado positiva, no que se refere à expectativa de vida, resultando então no crescimento da população idosa nos países desenvolvidos. Há dois tipos de envelhecimento, o primário e o secundário; o primário é um processo gradual e inevitável de deterioração biológica, que mesmo pessoas com muita saúde sofrem. O secundário ele é a soma da deterioração biológica com fatores que dependendo de cada indivíduo são controlados ou não, como alimentação, maus hábitos e atividade física (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Existem várias teorias para explicar o processo de envelhecimento. Tem-se as teorias da programação genética, essas teorias defendem que o envelhecimento físico é resultado de uma programação de genes já definida. Sendo assim, duas principais teorias: a teoria endócrina, que sugere que a atividade endócrina entra em declínio com o passar do tempo, entretanto essas alterações hormonais podem ser amenizadas com um estilo de vida adequado, diminuindo a ingestão de calorias e mantendo atividade física regular. E a teoria imunológica, que afirma que existem genes no corpo humano que futuramente irão atingir o sistema imunológico, resultando em uma predisposição a doenças, infecções e câncer (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Em contrapartida têm as teorias das taxas variáveis, também conhecidas como teorias dos erros, essas teorias propõem que o processo de envelhecimento varia de pessoa para pessoa, e que os ambientes interno e externo serão de extrema importância. Foram estudadas então duas teorias: a teoria dos radicais livres, que sugere que o próprio metabolismo forma moléculas ou átomos instáveis e altamente reativos e danosos para corpo humano, que irão reagir e danificar estruturas celulares e até o DNA, e a teoria autoimune, na qual afirma que com o passar da idade o sistema imunológico fica “confuso” e começa liberar anticorpos prejudiciais para as próprias células (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Já os problemas comportamentais e mentais encontrados em pessoas da terceira idade tendem a não ser tratados tanto por não haver a procura por ajuda como pela insuficiência de profissionais devidamente especializados e acessíveis. (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Paiva (1986) sugere que o desenvolvimento humano deve ser estudado através de uma interação dialética entre indivíduo e o grupo social e não de forma isolada. Ele propõe que o desenvolvimento acontece

conforme as relações vão se estabelecendo, relação essas que deverão envolver meios de interações dialógicas onde irá ocorrer uma influência contínua e recíproca.

Como apresentado, o desenvolvimento humano é compreendido em três esferas, biológica, psicológica e social. A primeira é representada pelas mudanças físicas e orgânicas no corpo dos indivíduos, a segunda está para os comportamentos e atitudes adaptativas ao ambiente, e por último, a que diz respeito aos eventos e normas sociais que inevitavelmente irão acontecer, reforçando muitos preconceitos como, por exemplo, podemos citar, a aposentadoria, que desde 1974, contribui para o estabelecimento de que a aposentadoria está solucionando uma vida inútil e desagradável, ou seja, a velhice (SOUZA SANTOS, 1994).

Portanto, o desenvolvimento humano deve ser compreendido como um processo contínuo, em que ocorrem modificações durante toda a existência do indivíduo do nascimento à morte. Destacando esse processo de desenvolvimento, a família tem papel crucial na vida do idoso, tem como função proporcionar a eles todo conforto, afeto e proteção necessários. Os relacionamentos sociais trazem mais satisfação e podem ajudar a superar problemas, como a solidão na velhice, a perda de um filho ou cônjuge e na recuperação de doenças (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Frisando o exposto, o Artigo 229º da Constituição Federal observa que: “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade” (BRASIL, 1988, p.60). Observa-se que o envelhecer também é um processo sociocultural, sendo representada de um modo amplo em diversos países. Em alguns países da África os idosos têm um grande papel de prestígio, eles são os responsáveis pela salvaguarda dos valores tradicionais, são como os guardiões da herança afetiva. Já no Brasil, sobretudo, nas zonas urbanas, há no mínimo uma grande ambivalência sobre a terceira idade. Se por um lado a ela são dadas características positivas, como: respeito, experiência e sabedoria, por outro a juventude, a força física, saúde e o novo mais valorizados socialmente. Deste modo, a velhice parece ser representada por uma decadência, inutilidade, logo, uma grande desvalorização, levando-os a que seu espaço na sociedade seja diminuído (SOUZA SANTOS, 1994).

## **ADOCIMENTO MENTAL E SUICÍDIO EM IDOSOS**

O suicídio é um tema que desperta interesse acadêmico na área da psicologia porque nos faz refletir como a morte é cogitada como forma de redução do sofrimento psíquico. No Brasil e no mundo é uma questão de saúde pública, atingindo adolescentes, adultos e idosos, contudo, é apresentado por Carvalho, Lôbo, Aguiar e Campos (2017), que o último grupo é mais expressivo nos dados brasileiros.

O suicídio é considerado como um ato cometido para evitar e solucionar uma dor psicológica, diante de uma situação de vulnerabilidade. Uma das principais causas das pessoas chegarem a cometer o suicídio é a exclusão social, quando uma pessoa é idosa a sua família trata como se ela fosse uma pessoa doente, a impede de sair frequentemente de sua casa e muitas vezes fazem pressão psicológica, chegando a causar transtornos mentais sendo mais notórias as mudanças de humor e depressão, onde leva muitas vezes ao ato do suicídio. (GROISMAN, 2002)

A tentativa do ato suicida é subjetiva, são considerados os percursos que o sujeito passou e enfrentou ao decorrer de sua vida que podem afetar a decisão de cometer o suicídio, como também tem especificidades culturais (MENEGHEL, MOURA, HESLER; GUTIERREZ, 2015).

Os fatores que podem levar uma pessoa idosa a cometer o suicídio segundo Minayo, Teixeira e Martins (2016), estão relacionados ao isolamento social, depressão e doenças que possam levar a dependência de remédios, idosos que morem sozinhos, que já sejam viúvos e não tenham a presença da família e amigos por perto são mais propensos a tentar o suicídio. Sousa, Silva, Figueiredo, Minayo e Vieira (2014) relatam sobre o surgimento de doenças crônicas, impossibilidade de exercer a profissão por dependências físicas e psicológicas e até mesmo aposentadoria diante de mudanças negativas e perdas que, provavelmente irão lhe trazer um sentimento de morte social e subjetiva, o que irá implicar no isolamento, angústia e dificuldades nos relacionamentos. O abuso do álcool é um fator de risco no suicídio entre idosos. Além de ser uma substância inibidora, ou seja, depressiva que, frequentemente, irá trazer uma sensação de vazio e tristeza, quando adicionado a situação psicológica do idoso, que pode estar comprometida, poderá acarretar consequências irreversíveis.

De acordo com a TV Aparecida, a depressão é mais comum entre pessoas com 60 e 64 anos. Diz a Dr. Marta de Moraes Maluhy que 40% por cento dos idosos em casas geriátricas desenvolve depressão, também é comum na velhice fatores genéticos, ou seja, pessoas que têm casos de depressão na família são mais propensos a ter, e o envelhecimento vem acompanhado por algumas doenças, perdas financeiras, pouco vínculo social e familiar, tudo isso predispõe à depressão em idosos.

Sousa et al (2014) apontam o conceito de morte social, a qual começa quando o idoso está se sentindo limitado devido aos fatores como o sentimento de incapacidade, limitações físicas causadas por toda a sua vida e pelos fatores biológicos do envelhecimento e por problemas psicológicos, já para Minayo et al (2016) outro ponto muito importante que faz uma pessoa idosa tirar a sua própria vida é o tédio, para ele o fim da vida, é não ter mais propósito para seguir.

Outro fato muito importante seria os maus tratos na terceira idade, onde Espíndola e Blay (2007) os classificam como físico, verbal, psicológico ou emocional, sexual, econômico, negligência e autonegligência podendo trazer um sentimento de angústia e causando danos

incomparáveis, tanto físicos como mental. A relação entre o cuidador e o idoso pode causar um desses problemas, tendo em vista que quanto mais o idoso é dependente mais o cuidador fica sobrecarregado com as exigências que devem ser cumpridas e acabam tendo que abdicar da sua vida pessoal, causando problemas e estresses em ambas as partes.

## MEIOS DE PREVENÇÃO

Figueiredo, Silva, Vieira, Mangas, Sousa, Freitas, Conte e Sougey (2015) trazem a concepção de que práticas religiosas podem servir de refúgio, como se fosse uma proteção ou uma alternativa para aliviar as dores e pesares da velhice, além disso os eventos religiosos podem trazer alegria e felicidade por proporcionar novos relacionamentos e podendo assim expor suas ideias e opiniões, trazendo assim o sentimento de utilidade, dando sentido para continuar a viver.

“Outro ponto de extrema importância para o combate ao suicídio entre idosos é o apoio social e familiar. O apoio familiar se resume na proteção oferecida pelos membros da família, em que deverão demonstrar compreensão, empatia e preocupação com a qualidade de vida das pessoas com mais idade. O apoio social se concretiza nas atuações e atos de assistência emocional, instrumental e material disponibilizadas por instituições e profissionais da área social e da saúde, ou até mesmo pela própria comunidade que o idoso esteja inserido, na tentativa de manter a terceira idade independente e ativa. Dessa forma, pode-se compreender que, pessoas que têm um convívio social saudável são pessoas mais fortes, porém não é a quantidade dos relacionamentos que é o mais importante, mas sim a qualidade” (FIGUEIREDO et al, 2015, p. 5).

No apoio social e familiar, as relações afetivas positivas, concede ao idoso a sensação de viver uma experiência psicossocial restauradora. As pessoas se sentirão mais ligadas à vida, à medida que os laços afetivos familiares forem sendo intensificados. E ao contrário do que muitos pensam esse vínculo não está relacionado apenas com o apoio material, mas principalmente com a importância a relação afetiva. Alguns idosos relatam que têm medo de como a situação de suas famílias ficará em detrimento da sua ausência, e isso dá a eles força para enfrentar os desejos e tentativas de se matar. (FIGUEIREDO et al, 2015)

Observando a situação do ângulo o apoio social, às pessoas idosas devem ser bem cuidadas desde do acolhimento até chegar aos cuidados institucionais. As relações de amizade e os cuidados específicos elaborados pela Organização Mundial da Saúde são pontos de extrema relevância no combate ao suicídio entre idosos. (FIGUEIREDO ET AL, 2015)

Vínculos extra familiares na vida cotidiana são fundamentais. É comum os idosos se sentirem desprezados e incompreendidos pelos próprios familiares, e muitas vezes só consegue continuar suas vidas, sonhos e projetos por causa do acolhimento que encontram nos amigos. Por

esse motivo, esse elemento deve ser cultivado, visto que, ele é um agente protetor contra a ideia, tentativa e realização da morte auto infligida. Os casos de suspeita ou confirmação de violência praticada contra idosos devem ser objeto de notificação compulsória pelos serviços de saúde públicos e privados à autoridade sanitária, bem como devem ser obrigatoriamente comunicados por eles a quaisquer dos seguintes órgãos: autoridade policial; Ministério Público; Conselho Municipal do Idoso; Conselho Estadual do Idoso; Conselho Nacional do Idoso. (FIGUEIREDO et al, 2015)

Pode-se perceber como o atendimento psicológico também pode ser de suma importância para o bem estar do idoso, o psicoterapeuta pode fazer uma análise não só dos acontecimentos do presente como também de toda a vida do idoso, para poder reconhecer que apesar da idade os sentimentos e os desejos não morrem. Os resultados só mostram como a psicoterapia pode ajudar a envelhecer com saúde e satisfação. (BRASIL, BARCELOS, ARRAIS; CÁRDENAS, 2013)

Reconstituição da autonomia também é um aspecto que deve ser bastante praticado de forma diariamente no decorrer da vida dos idosos, pois você é uma pessoa mais velha e pelo seu físico está enrugado e sua força física não ser a mesma a pessoa acaba ficando angustiada por todas essas etapas a qual o envelhecimento faz passar, onde na sua concepção autônoma, é como se não existisse mais, pois o idoso acaba pensando que sua opinião, suas decisões não seriam de nada por ser uma pessoa velha (GUIMARÃES, BRITO, PITHON, JESUS, SOUTO, SOUZA; SANTOS, 2019).

Acredita-se que a velhice com uma qualidade de vida é um grande desafio que se impõe a sociedade atual. O prolongamento da vida tem pouco sentido caso a qualidade de vida seja preservada. Onde se destaca a relevância científica e social de investigar os diferentes domínios da qualidade de vida nos idosos através da utilização de um instrumento específico para a população e pela busca de sua opinião. Para o envelhecimento com qualidade de vida é importante verificar o componente de autonomia na capacidade de tomar suas próprias decisões. (SCHRAM, 2001).

## **CONCLUSÃO**

Ao falar sobre sofrimento psíquico e suicídio na velhice pode-se destacar no artigo mudanças biológicas e acontecimentos importantes na vida do idoso em relação com o meio, que podem causar problemas e doenças e os levar a tomar a decisão de por um fim na sua própria vida.

O envelhecimento é parte do nosso processo evolutivo e traz consigo uma série de mudanças físicas e mentais que podem variar de pessoa para pessoa e que nem sempre vão se desenvolvendo de acordo com a idade do outro, cada pessoa tem o seu processo de envelhecimento e podem variar dependendo do meio que cada um está inserido e da forma como leva sua vida.

Como apresentado no artigo o suicídio na velhice vem crescendo bastante nos últimos anos, visto como uma forma de acabar com a dor física e mental que muitos idosos são submetidos como a exclusão social onde o idoso passa a não socializar nem com amigos e nem com a família ou quando ocorrer o abandono da familiar e o idoso passa a ser cuidado por casas de apoio ou continua na sua família sem receber os cuidados e a assistência necessária para se ter uma vida saudável, que é também onde normalmente ocorre os maus tratos, sejam eles físicos psicológicos ou verbal em relação do cuidador com idoso, que vem a ser um dos principais motivos da solidão e angústia na velhice podendo causar danos irreversíveis tanto físicos como mental. A falta de utilidade por não ter um trabalho ou uma rotina como na sua juventude também vem a ser um motivo para perde o interesse na vida e optar pelo suicídio.

Como prevenção ressalta-se que o apego à religiosidade vem a ser uma forma de aceitar e suportar as dores e o medo da morte, servindo como um refúgio da angústia e solidão que o idoso sofre nesse momento da vida, ajudando também a contribuir com o sentimento de utilidade, e a socializar com outras pessoas, podendo expor suas ideias e fazer novas amizades.

Com base nos artigos estudados pode se afirmar que o apoio familiar é de extrema importância para ajudar o idoso a ter uma velhice saudável e com a devida atenção e cuidados que é do seu direito, fazendo com que essa ligação emocional der sentido e força para se viver, essa atenção dada pela família também pode evitar sentimentos como a angustia e a solidão, fazendo com que o idoso tenha uma vida mais saudável e feliz.

O cuidado e a assistência de profissionais que cuidar da saúde física e mental do idoso também faz se importante para ajudar na qualidade de vida e deve ser melhorada e ajustada para melhor atender as necessidades que são impostas pelo idoso em diferentes situações, que possa haver um atendimento especializado e qualificado para que não haja erros e uma fiscalização para que eles possam utilizar dos seus benefícios e direitos em que muitas vezes não são respeitados.

Para finalizar ressalta-se a importância de estudar os motivos que levam a o idoso a cometer o suicídio, para que se possa promover ações e disponibilizar a ajuda adequada e necessária para evitar tal acontecimento.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, S., Sena, É. **Desenvolvimento Humano durante a velhice**. Psicologado, 2014. Disponível em: <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/desenvolvimento-humano-durante-a-velhice/amp>

PAPALIA, D.E., Feldman, R.D. **Desenvolvimento Humano**. 12<sup>a</sup>. Saraiva, 2013.

PAIVA, V.M.B. A velhice como fase do desenvolvimento humano. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, 4(1): jan./jun., 1986.

CARVALHO, I. L. N., LÔBO, A. P. A., AGUIAR, C. A. A., CAMPOS, A. R. (2017). A intoxicação por psicofármacos com motivação suicida: uma caracterização em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232017000100129&lng=en&tln=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232017000100129&lng=en&tln=en)

MENEGHEL, S. N., MOURA, R., HESLER, L. Z., & GUTIERREZ, D. M. D. (2015). Tentativa de suicídio em mulheres idosas - uma perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232015000601721&lng=pt&tln=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000601721&lng=pt&tln=pt)

MINAYO, M. C. S., TEIXEIRA, S. M. O., & MARTINS, J. C. O. (2016). Tédio enquanto circunstância potencializadora de tentativas de suicídio na velhice. **Estudos de Psicologia (Natal)**. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2016000100036&lng=pt&nrm=iso&tln=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2016000100036&lng=pt&nrm=iso&tln=pt)

SOUSA, G. S., SILVA, R. M., FIGUEIREDO, A. E. B., MINAYO, M. C. S., & VIEIRA, L. J. E. S. (2014). Circunstâncias que envolvem o suicídio de pessoas idosas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000200389&lng=pt&tln=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000200389&lng=pt&tln=pt)

ESPÍNDOLA, C. R., BLAY, S. L., (2007). Prevalência de maus-tratos na terceira idade: revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**. Recuperado de [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.scielo.br/scielo.php%3Fscript%3Dsci\\_arttext%26pid%3DS0034-89102007000200020&ved=2ahUKEwiY0fzv8oPpAhXAHbkGHVn9BGGEQFjABegQIBBAC&usg=AOvVaw1Yrq91SFbV2sicvRyyPDeI&cshid=1587828769099](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.scielo.br/scielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS0034-89102007000200020&ved=2ahUKEwiY0fzv8oPpAhXAHbkGHVn9BGGEQFjABegQIBBAC&usg=AOvVaw1Yrq91SFbV2sicvRyyPDeI&cshid=1587828769099)

FIGUEIREDO, A. E. B., SILVA, R. M., VIEIRA, L. J. E. S., MANGAS, R. M. N., SOUSA, G. S., FREITAS, J. S., CONTE, M., & SOUGEY, E. B. (2015). É possível superar ideações e tentativas de suicídio? Um estudo sobre idosos. **Ciência & Saúde Coletiva**. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232015000601711](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000601711)

BRASIL, K. T. R., BARCELOS, M. A. R., ARRAIS, A. R., & CÁRDENAS, C. J., (2013) A clínica do envelhecimento: desafios e reflexões para a prática psicológica com idosos. **Aletheia**. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942013000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000100011)

GUIMARÃES, L. A., BRITO, T. A., PITHON, K. R., JESUS, C. S., SOUTO, C. S., Souza, S. J. N., & SANTOS, T. S. (2019) Sintomas depressivos e fatores associados em idosos residentes em instituições de longa permanência. **Ciência e Saúde Coletiva**. Recuperado em <https://ref.scielo.org/474yh8>

SÉRVIO, S. M. T., CAVALCANTE, A. C. S. (2013) Retratos de autópsias psicossociais sobre o suicídio de idoso em Teresina. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Recuperado de [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000500016](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000500016)

HILLER, M., BELLATO, R., ARAÚJO, L. F. S., (2011) **Cuidado familiar à idosa em condição crônica por sofrimento psíquico**. Escola Anna Nery. Recuperado de [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452011000300015](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000300015)

MINAYO, M. C. S., FIGUEIREDO, A. E. B., MANGAS, R. M. N., (2019) Estudo das publicações científicas (2002-2017) sobre ideação suicida, tentativas de suicídio e autonegligência de idosos internados em Instituições de Longa Permanência. **Ciência e Saúde Coletiva**. Recuperado de [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232019000401393](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000401393)

## **CAPÍTULO XV**

### **REFLEXÕES DE UMA MESA-DEBATE SOBRE A VIOLÊNCIA SOCIAL DE CORPOS DISSIDENTES: AUTORITARISMO E PROBLEMAS DE GÊNERO**

***Tadeu Lucas de Lavor Filho***

*Universidade Federal do Ceará / Centro Universitário Vale do Salgado*

*E-mail: tadeulucaslf@gmail.com*

***Rochelly Rodrigues Holanda***

*Universidade Federal do Ceará / FUNCAP*

*E-mail: rochellyholanda@hotmail.com*

***Larissa Ferreira Nunes***

*Universidade Federal do Ceará / FUNCAP*

*E-mail: larissafn@alu.ufc.br*

***Antoniél dos Santos Gomes Filho***

*Centro Universitário Vale do Salgado / Universidade Federal de Campina Grande / Centro*

*Universitário Mauricio de Nassau*

*E-mail: antoniél.historiacomparada@gmail.com*

## **INTRODUÇÃO**

O presente ensaio é fruto de uma das mesas de debate proferidas no II Encontro Internacional de Psicologia e III Jornada Nordestina de Gênero do Centro Universitário Vale do Salgado em maio de 2021<sup>20</sup>. O encontro aconteceu em formato online e teve recepção de estudantes, pesquisadores e pessoas interessadas na área da Psicologia e temas afins. O tema gerador do evento foi intitulado como “Novos Processos de Subjetivação na Contemporaneidade”. Foram realizadas mesas de debate sobre diferentes perspectivas, tais como relações de feminismo e pobreza, temas contemporâneos sobre desigualdades sociais, autoritarismos e problemas de gêneros e, por último, as práxis inventivas da Psicologia em tempos de pandemia de Covid-19.

A mesa debatedora sobre o tema “Autoritarismos e problemas de gênero na contemporaneidade” é o acontecimento no qual nos apoiamos para escrever esse ensaio teórico.

---

<sup>20</sup> O evento ocorreu nos dias 26, 27 e 28 de maio, nos turnos manhã e noite. O evento foi apoiado pela COPEX da UNIVS. O acesso ao sítio virtual do referido evento pode ser acessado em: <https://www.even3.com.br/encontrointernacionalunivs/>

Nós, autores deste texto, estivermos reunidos e discutimos temáticas afins que se relacionam à violência, as facetas do autoritarismo e a matabilidade de populações LGBTQIA+. A discussão que ancoramos neste ensaio é de sacudir as iniquidades e injustiças sociais que atravessam as dissidências de gênero e sexualidade. Primeiramente, abordamos uma reflexão sobre o campo da violência e da representatividade de dados-denúncia na sociedade. Em segundo, abordamos a força do discurso autoritário e de suas polissemias no discurso de ódio, e por último, tecemos considerações sobre a matabilidade e a produção de vidas abjetas em decorrência das diversidades de gênero.

Objetivamos neste ensaio tecer reflexões que viabilizem aberturas e questionamentos sobre diferentes problemas sociais, tais como o preconceito, a desigualdade, a legitimidade de modos de ser e existir, e o direito à dignidade humana. Nos encontramos interpelados por estas temáticas durante a mesa de debate e, por isso, nos debruçamos nesta escrita que surge de uma acontecimentalização de discussão coletiva durante o evento. As sessões de discussão deste ensaio abrem lacunas para novas interlocuções, e ansiamos que a potência do encontro virtual vivenciada por nós possa abrir brechas para novas reflexões.

## **AUTORITARISMO E ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO PRECONCEITO E DA DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO**

A relação entre preconceito e a viabilidade de práticas discriminatórias decorrentes não é recente e associam-se à emergência de diferenças no âmbito social (BANDEIRA; BATISTA, 2002). No que concernem às discriminações de gênero, ainda que existam avanços significativos em curso na sociedade brasileira para proteção aos direitos humanos de pessoas LGBTQIA+, é observada a movimentação reacionária de parcelas da população que se mostram cada vez mais insatisfeitas perante à manifestação das diversidades de gênero e sua recente conquista de direitos (CERQUEIRA-SANTOS; NUNES; SILVEIRA, 2017).

A garantia de direitos civis para minorias sexuais têm maior expressividade a partir de 2012, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) considera a união homoafetiva como regime jurídico da união estável e, ainda, garantiu direitos formais aos casais no que concerne o direito à herança e à adoção (PEREIRA et. al. 2013). Entretanto, há dimensões do preconceito e da discriminação heterossexista culturalmente arraigados no Brasil, que se complexificam a partir do pensamento conservador de matriz religiosa, materializado como pressuposto de uma heteronormatividade sexual (NATIVIDADE, 2006). E, assim, todos os que não se adequam aos papéis sociais vigentes na binaridade de gênero homem/mulher cisgêneros, tornam-se marginalizados, estranhos, diferentes e vítimas de preconceito (MELLO; AVELAR; BRITO, 2014).

Associam-se as premissas de que processos autoritários de exclusão e discriminação incorrem apenas em regimes políticos de opressão, entretanto distintas matrizes ideológicas são responsáveis pela ascensão de práticas discriminatórias que atravessam o âmbito sociopolítico brasileiro (PINHEIRO, 2018). A atualidade tem sido marcada pela morosidade da agenda de direitos da população LGBTQIA+ no âmbito do governo federal e tem se observado a intensificação de investimentos na reversão de direitos que representaram um passo importante em direção ao combate à violência, mas que se fragilizam sensivelmente ao sabor dos processos transnacionais de politização reativa das moralidades e do campo ideológico conservador da realidade político-constitucional brasileira. (FACCHINI, 2018).

A polarização política no Brasil faz com que, por vezes, os atores sociais rotulem demandas específicas por inclusão como sendo reivindicações unicamente partidárias. No que concerne às discussões sobre gênero, a discussão torna-se polêmica a partir da última elaboração do Plano Nacional de Educação em 2014, no qual emerge de forma expressiva o discurso sobre a ‘ideologia de gênero’ como o emblema dos grupos contrários ao tema da identidade de gênero e da orientação sexual nos documentos das políticas de educação em elaboração no país (FREIRE, 2018). Essa discussão, bem como temáticas relacionadas ao aborto e ao ensino de educação sexual para crianças e adolescentes nas escolas, tem sido apropriada de forma superficial, ideológica e falaciosa no debate público. Isto se observa com maior expressividade na ascensão política conservadora, que em 2018 trouxe tais temas para a corrida eleitoral<sup>21</sup>, ameaçando o processo democrático e a construção de uma sociedade plural e liberta (HOLANDA, 2020).

Os Estudos Frankfurtianos sobre o Fascismo, a partir do referencial da Teoria Crítica da Sociedade, tecem colaborações importantes à compreensão dos aspectos psicológicos e sociais do autoritarismo (JAY, 2008). O grupo de pesquisadores que precisou se exilar nos Estados Unidos para fugir da morte, em fuga do nazismo, teve na análise do Antissemitismo uma das questões mais importantes sobre o fascismo. Em suas análises, todo sujeito que mostra predisposição antissemita é também um sujeito etnocêntrico, antidemocrático e autoritário, predisposto a discriminar vários grupos étnicos, idealizando o grupo e o líder com os quais se identifica e projetando qualidades negativas nos grupos com os quais se contra identifica, os objetos do preconceito (CARONE, 2012).

Os estudos acerca do autoritarismo possuem diferentes perspectivas: A que analisa a estrutura dos sistemas políticos (dos regimes e instituições autoritárias); a das disposições psicológicas a respeito do poder, como aparece nos Estudos Frankfurtianos; e a das ideologias políticas. A intersecção entre essas perspectivas é o que temos observado no cenário político brasileiro, a presença da identificação com ideologias fascistas em indivíduos considerados

<sup>21</sup> **Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’**. El País. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207\\_054097.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html). Acesso em 16/06/2021.

“comuns”, apresentando elementos psíquicos que predisporiam sua adesão a posições políticas autoritárias e preconceituosas mesmo em sociedades ditas democráticas, tais como as identificadas por Adorno et. al. (1969) em suas pesquisas sobre a Personalidade Autoritária.

A relação entre um clima cultural oportuno à ascensão autoritária e elementos psicológicos que contribuem à adesão de ideologias antidemocráticas, bem como a agressão contra certos grupos sociais, há muito tem sido explorada e infelizmente sua atualidade persiste na sociedade hodierna. Desse modo, as contribuições sobre o caráter psicossocial do autoritarismo contribui à compreensão do cenário sociopolítico do Brasil, tomado pela crescente onda de discursos antidemocráticos alavancados pela mídia<sup>22</sup>. E, ainda, fomentam a busca por analisar aspectos do autoritarismo brasileiro (SCHWARCZ, 2019), que entravam processos de avanço e conquista de direitos por populações e minorias sexuais historicamente vulnerabilizadas.

## **ATRAVESSAMENTOS DAS VIOLÊNCIAS E SEUS EFEITOS EM TRAJETÓRIAS DE VIDA DE ADOLESCENTES**

A partir do exposto, diferentes atravessamentos da violência de gênero têm gerado efeitos que relacionado a questões do contexto urbano, contribui para a maximização precária da condição de vida de determinadas populações, sobretudo de adolescentes e jovens, negras, habitantes de zonas de proteção especial (favelas e comunidades afastadas de centros empresariais), com baixo poder aquisitivo (NUNES et al., 2021). Neste tópico, apresentamos a análise de alguns efeitos dessa violência na trajetória de vida de adolescentes e jovens privadas de liberdade.

O Brasil é um dos países mais desiguais da América Latina, logo, essa máxima de precarização afeta territorialidades em que residem sujeitos que sofrem históricos processos de exclusão social, segregação espacial e desigualdades de renda, gênero e raça. Nesse sentido, usamos a noção de precarização de Butler, a qual segundo define-se

A precarização designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deteriorização de redes de apoio social e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte [...]. A precariedade também caracteriza a condição politicamente induzida de vulnerabilidade e exposição maximizadas de populações expostas à violência arbitrária do Estado, à violência urbana ou doméstica, ou a outras formas de violência não representadas pelo Estado, mas contra as quais os instrumentos judiciais do Estado não proporcionam proteção e reparação suficientes (BUTLER, 2018, p. 40-41).

Essa mesma realidade está presente no Ceará, com o agravante do aumento da feminização da pobreza, de assassinatos de mulheres (em muitos casos com traços de requinte de crueldade) e do encarceramento em massa de mulheres (SOUSA; NUNES; BARROS, 2020). As violências a que as

<sup>22</sup> **A intolerância empoderada: Suásticas, tiros, agressões: expressões de preconceito ficam mais visíveis e violentas no Brasil.** UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/suastica-racismo-homofobia-ataques-a-terreiros-intolerancia-no-brasil-fica-mais-violenta-e-visivel/#a-intolerancia-empoderada>. Acesso em 16/06/2021.

adolescentes estão expostas são resquícios da desatenção estatal com essas vidas e da condição compartilhada de vidas desimportantes. Essas jovens residem em territorialidades que a criminalidade exercem desde o cuidado já que as jovens dizem recorrer ao tráfico para pedir proteção ou por eles impedirem que roubos e pequenos crimes ocorram no local, há também o exercício necropolítico de gerir as mortes ou mesmo de produzir estados de morte devido a ficcionalização do inimigo e as relações de inimizade com facções rivais ou com o Estado na figura da polícia (NUNES, 2020).

Relata Paul sobre a tentativa de assassinato que sofreu:

Cheguei a ser levado para o cheiro do queijo [...] assim, eu tava andando né? Me parou um carro e disse assim ‘ei vetin tu que é a Paul e tal?’ e eu disse ‘é’. Eu nem conhecia, mas acho que ele já sabia da minha caminhada todinha [...] Quando cheguei lá, era dois elementos pra me matar. Aí só pegou um tiro que quebrou meu braço. (Paul, entrevista em 2019).

O medo, o luto e a morte são constantes devido a esse belicismo, isso produz o efeito da produção de uma subjetividade amedrontada e acuada. “Às vezes a gente vê assim, né? Com outros olhos, é com medo de sair certo horário, só... não sei.[...] É difícil, né? Viver assim, que a gente tem medo de sair pra certo canto, complicado” (Novinha, entrevista). Apesar de ter ampliado após o fortalecimento das facções<sup>23</sup> no Ceará, esse descaso com a violência contra mulheres não é novidade. Entretanto, o número de mortes violentas tem crescido, adolescentes e jovens são as principais vítimas, outrora, adolescentes e jovens mulheres tidas como “troféus” ou como território de disputa (SEGATO, 2014) exemplo, tem sido torturadas, filmadas e assassinadas em meio a essa disputa territorial (NUNES, 2020).

Lorin, em sua entrevista, ressaltou em diferentes momentos o medo de ser sequestrada, pois segunda ela se “eles me pegar, eles vão fazer, talvez eles façam um vídeo e me corta pra se amostar e pra ganhar mais fama. Se amostrar que tão conseguindo o que eles querem, entendeu? [...] pra se amostrar pra outra facção” (Lorin, entrevista). A morte é um sina, um destino irreduzível. No quesito dos sujeitos autores da violência, há em jogo a produção de uma subjetividade *endriaga*, fabricada pelo exercício do necroempoderamento e do capitalismo *gore*, na qual homens utilizam-se da brutalidade que tratam o corpo feminino para afirmar sua masculinidade (VALENCIA, 2010; NUNES, 2020).

---

<sup>23</sup> Faz-se importante ressaltar que o Ceará tem apresentado desde o começo dos anos 2000 elevados índices de violência, baixo recurso financeiro e investimento político assistencial, precarização de políticas garantidoras de direitos, saindo de um dos Estados com melhores níveis de segurança para um dos que mais mata adolescentes (NUNES, 2020). A resposta foi a política penal, com encarceramento em massa, motins e mortes em unidades socioeducativas e prisões, mortes por invenções policiais, inclusive suspeita de chacinas, aumento da desigualdade social e outras situações que foram precursoras para o incremento da violência urbana. As facções assim ganharam força a partir do vazio estatal e também por sua histórica estrutura machista, em que o homem deve exercer força e causar medo (noção de cabra macho) (SOUSA, 2019).

Esse tipo de fenômeno ocorre devido a exigência - violência - econômica e globalizada de países “desenvolvido” à de países menos “desenvolvidos”, os quais têm a violência como um mercado rentável, tendo como base o binarismo de gênero, a manutenção do machismo e traços misóginos nas relações de poder (VALENCIA, 2010). Isso quer dizer que a manutenção da colonialidade continua ditando que merece viver, que sujeitos deve e como morrer. Para essa autora, o capitalismo *gore* permitiu que o Estado não fosse mais o único detentor do poder necropolítico, por isso é possível ver a gestão da vida que as facções exercem no Ceará (SOUSA; NUNES; BARROS, 2020).

Vale ressaltar que o Estado possibilita que essas mortes ocorram, sobretudo quando diminuem as políticas sociais e preventivas e ampliam práticas militarizadas e ostensivas (NUNES, 2020). No âmbito institucional/estatal, isso recai diretamente para as práticas de governo que fazem a gestão da vida e da morte, sendo elas indiretas quanto ao direitos reprodutivos, abandono estatal em diferentes territorialidades, produção de “mundos de morte” (favelas), ou diretas como o encarceramento em massa, mortes ocasionadas por intervenções policiais, dentre outras (SOUSA; NUNES; BARROS, 2020; NUNES et al., 2021). Isso foi visto na vida das interlocutoras, a ausência de acesso a políticas educacionais, de saúde e sociais e quando ocorre esse acesso, é de forma precária, sobretudo ao término da medida socioeducativa e retorno ao lar, em que o estigma de “bandida” parece ser um muro invisível que impossibilita que elas acessem até mesmo a escola (NUNES, 2020).

Outro efeito que observamos refere-se a dificuldade das adolescentes de ascenderem socialmente, ao viverem em maior vulnerabilidade e também devido a desigualdade de gênero, as adolescentes têm suas vidas constituídas pelo signo da desigualdade, são colocadas como responsáveis da casa, das crianças mesmo quando irmãos, a principal cuidadora, situações que as afastam do cotidiano escolar, da possibilidade do emprego formal e mesmo quando trabalham em geral são em serviços mais braçais como “secretárias do lar” e cuidadoras de crianças, manutenção da herança colonial. “Eu não tive adolescência não, mulher! Se eu tive, eu nem me lembro”, disse Loirinha ao falar sobre sua história, assim como ela, todas as dez adolescentes relataram ser responsáveis por alguém ou trabalhar, mesmo as menores de 18 anos. (NUNES, 2020)

Como já apresentado, essas relações de opressão contra as mulheres são históricas e são atualizadas de acordo com tempo e história. No contexto cearense, um dos fatores ocorre devido aos machismos presentes também nos mercados ilegais, a percepção cristalizada da mulher dócil, objetificadas e frágeis corrobora para que os chefes locais convidem mulheres para que elas façam pequenos “corres” por não levantarem suspeita como os jovens, tais como levar drogas e armas para locais distintos (mula), assumir a culpa por crimes que não cometeram, empacotar droga por ser visto como uma trabalho manual delicado, dentre outros (NUNES, 2020). A subjugação da mulher

ao homem permanece intacta nos *modus operandi* ficcionais, não à toa que suas mortes são usadas para atingir outro homem integrante de facção, como no caso de Pérola que não foi morta por intervenção de seu pai (conselheiro de uma facção). Essas adolescentes são tidas como território de disputa e de exercício performático da masculinidade *gore*, quando elas “entram” para um facção elas devem obediência e juram nunca negar a camisa, segundo Chinesa. Por isso mesmo, elas não podem mais andar em qualquer lugar, vivenciam uma privatização em seus próprios bairros, quando saem são interpeladas por sujeitos de facções. Ao ser perguntada Japa diz que sempre respondi: “Eu falo é [local de moradia retirado] e faço símbolo da minha facção”.

Por fim, salientamos sobre a exposição precoce a violência, como último efeito aqui exposto, a em suas diferentes faces corrobora para que as adolescentes tornem-se vítimas dentre violência, sobretudo a violência física em último o assassinato destas. Além disso, a análise identifica que essa exposição também contribui para que elas vejam os mercados ilícitos como uma possibilidade de não repetirem a história de seus familiares, sujeitos adoecidos devido ao trabalho precarizado, sem bens materiais e endividados como nos diz Marta ao dizer que o dinheiro do tráfico faz ela sobreviver e se divertir mais que seu pai. Essa é uma narrativa comum no tráfico de drogas, mas não deve ser lida como causa-efeito. Ao contrário, a inscrição das adolescentes no tráfico é multifatorial e deve ser analisada de acordo com cada história de vida.

## **VIOLÊNCIA, HOMOFOBIA E NOVOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO – REFLEXÕES SOBRE A FALA AUTORITÁRIA**

A sexualidade e a violência englobam diversas instâncias da vida humana e social. Pensar sobre esses dois pontos me inserem em uma questão histórica, ou melhor, pré-histórica. A espécie humana não surgiu a partir do renascimento ou da revolução francesa, como alguns pensam. Estamos em evolução bio-cultural a no mínimo 2,5 milhões de anos, e na formatação *Homo Sapiens* a no mínimo 300 mil anos. O sexo e a violência, assim como suas viações, se direferenciaram ao longo do tempo em termos sociais e culturais, e são basilares para pensar o presente.

As práticas sexuais entre humanos do mesmo sexo são registradas desde os tempos mais remotos (JUSTAMAND et al., 2021), sendo culturalmente organizadas e conhecidas a partir das sociedades greco-romanas (GOMES FILHO; JUSTAMAND, 2018). Como diz William Naphy, professor do colégio de Teologia, História e Filosofia da Universidade de Aberdeen:

[...] as atrações e actos homossexuais são tolerados, aceites e até por vezes enaltecidos. A maioria das culturas, em toda a história, concedeu um espaço à homossexualidade para que ela pudesse existir em público, enfrentando pouca ou nenhuma intolerância. [...] O cristianismo, por outro lado, optou por construir o sexo, os actos sexuais e a sexualidade de maneira totalmente contrária ao padrão adoptado por quase todas as outras culturas humanas durante toda a historia registrada. (NAPHY, 2006, p. 285).

O componente religioso do cristianismo adotou a concepção da procriação como base do sexo, deslocando assim os prazeres emocionais e físicos proporcionado pelas diversas formas e práticas sexuais. A influência do cristianismo e suas derivações institucionais teve por muito tempo influência na forma de pensamento, até que a partir do século XVIII os olhares da ciência tomam para si os saberes sobre o sexo e a sexualidade humana, que também foram deslocados para o espaço público em formas de discursos morais, que misturaram religião e ciência (FONE, 2000).

Esse breve giro histórico nos aponta para o lugar da violência contra as pessoas homossexuais na atualidade. O trabalho do filósofo francês Didier Eribon (2008), *Reflexões sobre a questão gay*, nos convida a pensar os caminhos e lugares que passam as pessoas que não seguem um padrão de heterossexualidade, desde o espaço da família, passando pela rua e pelo trabalho, as violências físicas e simbólicas vão se concretizando ao longo da vida, demandando desse indivíduo formas de resistência e assujeitamento (ANDRADE, 2012).

Os tempos atuais marcados pelas intervenções sociais e psíquicas do neoliberalismo (SAFATLE, 2021), alinhados a uma cultura do medo que emerge no século 21, tal como aponta Frank Furedi (2018), nos colocam sob novos processos de subjetivação que são atravessados pelas novas mídias digitais e que comportam, capturam e propagam discursos múltiplos, desde os progressistas e conservadores, até os mais radicais e fanáticos sejam a esquerda ou à direita. Lembro aqui as palavras do intelectual israelense Amós Oz escritas no livro, *Como curar um fanático*:

A essência do fanatismo reside no desejo de forçar outras pessoas a mudar. A inclinação comum para fazer seu próximo melhorar, ou para corrigir sua esposa, ou para direcionar seu filho, ou para endireitar seu irmão, em vez de deixá-los serem como são. O fanático é a menos egoísta das criaturas. O fanático é um grande altruísta. [...] De um modo ou de outro, o fanático está mais interessado em você do que nele mesmo, pela muito simples razão de que o fanático tem muito pouco de “ele mesmo” ou nenhum “ele mesmo” (OZ, 2016, p. 73-74).

Refletindo sobre o fanatismo de extrema direita, é observado que este é atravessado por um discurso ideológico simples, ou seja, não há espaço para o pensamento complexo, sendo a este adicionado as concepções cristãs com base em análises dogmáticas dos textos bíblicos, juntamente com a ideia de um salvador e/ou herói nacional que vai conseguir fazer a mudança do outro, instalando assim uma ordem simples, caso não consiga o fanático faz sua reivindicação: “se eu acho algo ruim, eu mato junto com seus vizinhos.” (OZ, 2016, p. 62).

A violência contra pessoas LGBTQIA+ no Brasil, infelizmente, sempre foi uma realidade. Os relatórios do Grupo Gay da Bahia (GGB) e da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)<sup>24</sup> nos mostram os altos índices de violência, em específico as violências físicas que acabam por ceifar a vida dessa população no país. Apontaria que cientistas e psicólogos sociais têm

<sup>24</sup> Para maiores informações ver: <https://grupogaydabahia.com.br/> e <https://antrabrasil.org/>

uma árdua tarefa para compreender a mudança cultural em torno da homofobia. Levanto a hipótese que desde o ano de 2018 com a eleição do Presidente Jair Bolsonaro houve uma rápida mudança cultural em torno do que chamo aqui de, *contenção do comportamento preconceituoso*, ou seja, as atitudes e comportamentos de preconceito sejam em relação à orientação sexual, a raça, classe e outros marcadores sociais anterior a esse período em alguma instância social e psíquica estavam contidos, mas sofreram um processo de descontenção das sanções social, logo, aqueles que outrora tinham vergonha de expressar seu pensamento preconceituoso no espaço público físico e/ou virtual, agora sente-se autorizado em assim comportar-se, encontrando apoio social de outros indivíduos que também possuem esse comportamento.

É necessário dizer que o Brasil desde sua formação é um país calcado na exploração das riquezas naturais e na exploração do trabalho humano, com base na violência. Resquícios desse lugar ainda são presentes no cotidiano do país, em especial nas classes mais abastadas e nas classes médias ascendentes. Mas, com o advento do populismo de direita a fala autoritária se estende as camadas mais pobres, que com a *descontenção do comportamento preconceituoso* amplia as violências contra as minorias, incluindo assim os LGBTQIA+. Portanto, apontaria que estamos diante de um novo modus operandi da violência contra pessoas LGBTQIA+, uma vez que, com a ampliação das falas autoritárias que se infiltram em todas as camadas sociais, aqueles/as que possuem atitudes e comportamentos preconceituosos sentem-se autorizados a fazê-lo, e sem sua forma mais extrema culmina na violência física e morte de pessoas LGBTQIA+ no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizamos nesse sentido, relatos de vida de adolescentes privadas de liberdade na cidade de Fortaleza para problematizar os efeitos psicossociais da violência genderizada, a qual fecunda políticas mortíferas que permeiam suas trajetórias. Na referida pesquisa, 10 adolescentes participaram, compartilharam sobre suas trajetórias e traços da violência e as desigualdades que compõem o campo de força das relações sociais e os modos de subjetivação destas. Dentre os efeitos destacamos uma maior condição precária da vida devido ao abandono estatal, local este que ao passo recebe menos políticas sociais e garantidoras de direitos sofrem com a presença da violência policial/institucional, o machismo presente também nas facções tornam as mulheres territórios de disputas e de exercício performático de poder e autoafirmação, as opressões históricas que mantém intacta estruturas machistas, sexistas e racistas na sociedade (até mesmo nos mercados ilegais) e a exposição precoce a violência, sejam como vítimas dessa violência (física, simbólica, material, doméstica, institucional), ou como atuantes no tráfico de drogas e outras ilicitudes.

Além disso, discutimos sobre como as transformações sociais e políticas têm assinalado a crise da democracia liberal no Brasil e apresentam maior expressividade a partir da ascensão de

ideias autoritárias, representativas do governo de Jair Bolsonaro em 2018, que apresentam em seu esteio o constante ataque a minorias, sobretudo as atravessadas pelo gênero (SILVA, 2021). Nessa perspectiva, diferentes áreas do conhecimento têm se interrogado sobre os elementos das novas configurações que marcam a contemporaneidade e suas lutas sociais, que proporcionam o movimento de elaborarmos o pensamento social brasileiro a partir de questões que englobam questões cotidianamente negadas em nossa história, tais como a problemática que concerne às questões de gênero.

Este escrito emerge como tentativa de contribuição à continuidade das problematizações que corroboram à compreensão de fenômenos contemporâneos outrora silenciados. A convergência de saberes e interesses entre os autores não visa dar conta do tema em profundidade, mas justifica-se como mote para futuras tessituras críticas em nossos trabalhos e em nossa práxis enquanto pesquisadores-educadores.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. FRENKEL-BRENSWIK, E., LEVINSON, D. J., & SANFORD, R. N. **The authoritarian personality**. New York: WW Norton, [1950] 1969.
- ANDRADE, L. N. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.
- BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 119-141, 2002.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARONE, I. A Personalidade Autoritária. **Sociologia em Rede**, v. 2, n. 2, p. 14-21, 2012.
- CERQUEIRA-SANTOS, E.; NUNES, L. M.; SILVEIRA, A. P. Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. **Temas em Psicologia**, 25(2), 691-702, 2017.
- ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FACCHINI, R. Direitos humanos e diversidade sexual e de gênero no Brasil: avanços e desafios. **Jornal da UNICAMP-25 jun**, 2018.
- FREIRE, P. 'Ideologia de gênero' e a política de educação no Brasil: exclusão e manipulação de um discurso heteronormativo. **Ex aequo**, n. 37, p. 33-46, 2018.
- FONE, B. **Homofobia: uma historia**. México: Oceano, 2000.
- FUREDI, F. **How fear works: culture of fear in the 21st century**. New York: Bloomsbury Continuum, 2018.

GOMES FILHO, A. S.; JUSTAMAND, M. NOTAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E SEXUAL DAS SOCIEDADES DA GRÉCIA E ROMA ANTIGA. **Revista Multidebates**, v. 2, p. 118-129, 2018.

HOLANDA, R. R. **Autoritarismo calculado: uma análise crítica de páginas brasileiras de direita e de esquerda no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p.176, 2020.

JAY, M. **A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950**. Trad.: RIBEIRO, V. Contraponto Editora, 2008.

JUSTAMAND, M. et al. Novos apontamentos sobre as representações da sexualidade nos registros rupestres no parque nacional Serra Da Capivara - PI, Brasil: um estudo. **Latin American Journal of Development**, v. 3, p. 979-993, 2021.

MELLO, L; AVELAR, r. B.; BRITO, W. Políticas públicas de segurança para a população LGBT no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 1, p. 297-320, 2014.

NANPHY, W. **BORN TO BE GAY: HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

NUNES, L. F. **“Quando eu vi, tava envolvida”**: atravessamentos da violência urbana nas trajetórias de adolescentes privadas de liberdade. 2020. 243f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2020.

NUNES, L. F.; et al. Violência contra mulheres no Ceará em tempos de pandemia de COVID-19. **Revista Feminismos**, v. 9, p. 262-289, 2021.

PINHEIRO, D. Autoritarismo e homofobia: a repressão aos homossexuais nos regimes ditatoriais cubano e brasileiro (1960-1980). **Cadernos Pagu**, n. 52, 2018.

PEREIRA, C. R. TORRES, A. R. R.; FALCÃO, L.; PEREIRA, A. S. O papel de representações sociais sobre a natureza da homossexualidade na oposição ao casamento civil e à adoção por famílias homoafetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 29(1), 79-89, 2013.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 2019.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SEGATO, R. L. Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 341-371, 2014.

SILVA, S. A. Autoritarismo e crise da democracia no Brasil: entre o passado e o presente. **Revista Katálisis**, v. 24, p. 119-126, 2021.

SOUSA, I. S.; NUNES, L. B.; BARROS, J. P. P. Interseccionalidade, femi-geno-cídio e necropolítica: morte de mulheres nas dinâmicas da violência no Ceará. **Revista Psicologia Política**, v. 20, n. 48, p. 370-384, 2020.

OZ, A. **Como curar um fanático**: Israel e Palestina entre o certo e o certo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VALENCIA, S. **Capitalismo gore**. (Col. Monografías Del Museo). Espanã: Melusina. 2010.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

### **Antoniél dos Santos Gomes Filho**



Professor substituto da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores. Professor do Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS). Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tecnólogo em Gestão Comercial formado no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK). Discente de Bacharelado em Psicologia na UniNassau e em Licenciatura em Sociologia (Formação pedagógica) e Especialização em Teoria Psicanalítica no Centro Universitário FAVENI. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia da Universidade Regional do Cariri (URCA/CNPQ). E-mail: antoniél.historiacomparada@gmail.com

### **Isabela Bezerra Ribeiro**



Professora no curso de psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS. Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Leão Sampaio (UNILEÃO). Atualmente coordenadora do Laboratório de Estudos em Psicologia e Feminismos (UNIVS). E-mail: isabelabezerra@univs.edu.br

### **Tadeu Lucas de Lavor Filho**



Psicólogo (CRP 11/16.666). Graduado em Psicologia (2017) pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO - Bolsista do PROUNI. Especialização em Docência do Ensino Superior e Tutoria de Educação a Distância (Instituto Pedagógico de Minas Gerais - IPEMIG - 2019). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará na Linha de Pesquisa Sujeito e Cultura na Sociedade Contemporânea. Experiência em Atividades de Ensino, Extensão e Pesquisa. Pós-graduando Latu Sensu em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Atualmente é Docente de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS). Atualmente é pesquisador no Laboratório de Psicologia em Subjetividades e Sociedade - LAPSUS - UFC. E-mail: tadeulucaslf@gmail.com

**Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco**



Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (2007), mestrado em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (2013) e doutorado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2019). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Ambiental, Psicologia Social, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Saúde, Psicologia Médica e Psicologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: direitos humanos, violência simbólica, redução de danos, desenvolvimento humano, aprendizagem, saúde mental, dependência química e saúde coletiva. E-mail: enianaagp@yahoo.com.br

## ÍNDICE REMISSIVO

Arte...	4, 6, 7, 13, 16, 24, 25, 28, 30, 33, 44, 47, 49, 62, 63, 68, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 89, 99, 101, 102, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 118, 123, 130, 132, 136, 137, 142, 145, 146
Bullying.....	7, 25, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92
Câncer de mama.....	6, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51
COVID-19....	4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 24, 27, 28, 29, 40, 63, 74, 79, 80, 81, 137, 139, 150, 160
Depressão...7,	12, 13, 14, 15, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 140, 141, 144
Educação...20,	21, 24, 28, 29, 32, 33, 36, 38, 40, 63, 65, 66, 74, 93, 97, 99, 112, 115, 118, 120, 124, 127, 132, 135, 148, 152, 159, 161, 162
Ensino médio.....	5, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 28, 33, 35, 37, 38, 39, 88, 91
Escola pública.....	5, 20, 21, 23, 28, 31, 32, 33, 36
Gênero 4, 6, 8,	30, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 75, 78, 133, 148, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 161
Gestalt-terapia.....	7, 102, 103, 104, 109, 110
Iniciação Científica.....	5, 19, 20, 21
LGBTTQIA+.....	6, 61, 62, 63, 65, 66, 67
Manicômio.....	6, 52, 58
Medicalização.....	56, 111, 120
Pandemia.4, 5,	9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 63, 74, 78, 79, 81, 112, 135, 136, 137, 150, 160
Profissionais da saúde.....	5, 9, 13
Psicologia 1, 2,	3, 4, 6, 7, 30, 32, 37, 39, 40, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 77, 80, 81, 82, 91, 92, 109, 110, 120, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 143, 147, 148, 150, 159, 160, 161, 162
Relações sociais.....	53, 55, 158
Saúde mental.4,	5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 45, 53, 57, 58, 59, 60, 73, 75, 77, 78, 80, 97, 118, 119, 162
Segurança alimentar.....	7, 129, 132, 133, 134, 135
Sexualidade.....	6, 45, 50, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 75, 151, 156, 157, 160
Síndrome de Burnout.....	7, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121
Suicídio...7, 8,	61, 62, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149
Violência social.....	8, 150

ISBN 978-658997314-0



9

786589

973140